

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Rodrigo Quevedo Fagundes

**IDENTIDADES TRANSVIADAS MUDIÁTICAS EM VIDEOCLIPES E
SUAS APROPRIAÇÕES POR PESSOAS TRANS**

Santa Maria, RS
2021

RODRIGO QUEVEDO FAGUNDES

**IDENTIDADES TRANSVIADAS MUDIÁTICAS EM VIDEOCLIPES E SUAS
APROPRIAÇÕES POR PESSOAS TRANS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Mudiática, Linha de Pesquisa de Mídia e Identidade Contemporâneas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Comunicação**.

Orientador: Dr. Flavi Ferreira Lisbôa Filho
Coorientadora: Dra. Ana Carolina D. Escosteguy

Santa Maria, RS
2021

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Fagundes, Rodrigo
Identidades transviadas midiáticas em vídeos e suas apropriações por pessoas trans / Rodrigo Fagundes.- 2021.
145 p.; 30 cm

Orientador: Flavi Ferreira Lisboa Filho
Coorientadora: Ana Carolina D. Escosteguy
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2021

1. LGBTQIA+ 2. Representações identitárias 3. Vídeoclipe 4. Estudo cultural contextualista I. Lisboa Filho, Flavi Ferreira II. Escosteguy, Ana Carolina D. III. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, RODRIGO FAGUNDES, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Rodrigo Quevedo Fagundes

**IDENTIDADES TRANSVIADAS MUDIÁTICAS EM VIDEOCLIPES E SUAS
APROPRIAÇÕES POR PESSOAS TRANS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, Linha de Pesquisa de Mídia e Identidade Contemporâneas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Comunicação**.

Aprovado em 30 de novembro de 2021:

Flavi Ferreira Lisbôa Filho, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Ana Carolina D. Escosteguy, Dra. (UFSM)
(Coorientadora)

Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz, Dra. (UFSM)

Fernanda Nascimento da Silva, Dra. (UFSC)

Santa Maria, RS

2021

NUP: 23081.013552/2022-44

Prioridade: Normal

Homologação de Ata

010 - Organização e Funcionamento

COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
1	Folha de Aprovação Dissertação Rodrigo Quevedo Fagundes	Folha de aprovação.pdf

Assinaturas

18/02/2022 13:25:13

MILENA CARVALHO BEZERRA FREIRE DE OLIVEIRA-CRUZ (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)

06.10.01.00.0.0 - CURSO PG-E EM ESTUDOS DE GÊNERO - EEG

18/02/2022 13:44:05

FLAVI FERREIRA LISBOA FILHO (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)

01.07.00.00.0.0 - PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO - PRE

21/02/2022 10:13:35

ANA CAROLINA DAMBORIARENA ESCOSTEGUY (Pessoa Física)

Usuário Externo (378.***.***.**))

21/02/2022 10:18:05

Fernanda Nascimento (Pessoa Física)

Usuário Externo (015.***.***.**))



Código Verificador: 1171112

Código CRC: a15d3612

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>



RESUMO

IDENTIDADES TRANSVIADAS MIDIÁTICAS EM VIDEOCLIPES E SUAS APROPRIAÇÕES POR PESSOAS TRANS

AUTOR: Rodrigo Quevedo Fagundes
ORIENTADOR: Flavi Ferreira Lisbôa Filho
CORIENTADORA: Ana Carolina D. Escosteguy

Estamos testemunhando atualmente uma relativa abertura para debate sobre assuntos voltados a comunidade LGBTQIA+, ocorrendo inclusive uma maior representatividade midiática, como em publicidade, filmes, música, novelas. Porém, mesmo com todos esses avanços em relação à visibilidade LGBTQIA+, somos tomados também por uma onda de conservadorismo. A partir disso, acreditamos que seja muito importante neste momento mostrar a importância da representação midiática e das múltiplas histórias LGBTQIA+ que podem ser contadas. Assim, esta pesquisa desdobra-se em dois questionamentos principais que circulam em volta das temáticas de artistas LGBTQIA+ brasileiros na contemporaneidade. O primeiro dando conta das representações postas em circulação por esses artistas e o segundo que trata das relações entre as representações identitárias e suas apropriações. Os artistas escolhidos para análise foram: *Pablo Vittar*, uma cantora *drag queen* que se identifica como homem cis gay, que ganhou muita popularidade no ano de 2017 com sua música *K.O*; *Linn da Quebrada*, uma cantora travesti negra que começou a se tornar popular, principalmente entre a comunidade LGBTQIA+, com a música *Enviadescer*; *Liniker*, uma cantora trans negra, que se destacou por suas músicas românticas em ritmo de *black music*. Sendo assim, pretende-se, como objetivo geral, analisar as representações midiáticas no que diz respeito a identidade de gênero e sexualidade em videoclipes de artistas LGBTQIA+ brasileiras e suas apropriações por pessoas trans. Dessa forma, conduziremos a pesquisa de maneira a explorar as seguintes intenções: (1) Identificar a maneira como acontece a representação de pessoas LGBTQIA+ nos videoclipes das artistas selecionadas e perceber as movimentações causadas por suas ações figurais; (2) Analisar a relação entre as representações de LGBTQIA+ presentes nos videoclipes das artistas selecionadas e sua apropriação pelas entrevistadas. Com as teorias que serão utilizadas, pretende-se primeiro estabelecer alguns princípios norteadores para a pesquisa sobre identidade e representação através de autores dos Estudos Culturais. Após isso, estabelecemos mais três horizontes teóricos que, junto com os anteriores, serão inspecionados através de suas principais vertentes associadas à teoria *queer*, principal fonte teórica para a análise. São eles: gênero, sexualidade e questões étnico/raciais. Como estratégia metodológica realizaremos uma análise cultural contextualista, seguindo Douglas Kellner (2001). Desse modo, analisamos a trajetória musical desses artistas, interligando-a com o respectivo campo social. Também serão utilizados os conceitos de representação de acordo com Stuart Hall (2016) para analisar um videoclipe escolhido de cada artista, o qual também servirá como objeto para as entrevistas semiestruturadas. Na segunda etapa da pesquisa, apresentaremos os videoclipes selecionados desses artistas para as entrevistadas, pertencentes à comunidade LGBTQIA+, de forma a compreender como as representações afetam em suas construções sociais. Ao final foi concluído que as artistas LGBTQIA+ e suas representações midiáticas dão visibilidade para as causas da comunidade e, embora tenham suas diferenças identitárias ressaltadas nas entrevistas, agregam as pessoas LGBTQIA+ em torno de questões sociais em comum, como a luta contra a discriminação e a prática da aceitação social.

Palavras-chave: LGBTQIA+. Representações identitárias. Videoclipe. Estudo cultural contextualista.

ABSTRACT

QUEER MEDIA IDENTITIES IN MUSIC VIDEOS AND THEIR APPROPRIATIONS BY TRANS PEOPLE

AUTHOR: Rodrigo Quevedo Fagundes
ADVISOR: Flavi Ferreira Lisboa Filho
CO-ADVISOR: Ana Carolina D. Escosteguy

We are currently witnessing a relative openness to debate on issues aimed at the LGBTQI + community, with even greater media representation, such as in advertising, films, music, soap operas. However, even with all these advances in relation to LGBTQIA+ visibility, we are also taken by a wave of conservatism. From that, we believe it is very important at this point to show the importance of media representation and the multiple LGBTQI + stories that can be told. Thus, this research unfolds in two main questions that circulate around the themes of contemporary LGBTQI + Brazilian artists. The first dealing with the representations put into circulation by these artists and the second dealing with the relationships between the identity representations and their appropriations. The artists chosen for analysis were: Pablllo Vittar, a drag queen singer who identifies as a gay cis man, who gained a lot of popularity in the year 2017 with her song *K.O*; Linn da Quebrada, a black transvestite singer who started to become popular, mainly among the LGBTQI + community, with the song *Enviadescer*; Liniker, a black trans singer, who stood out for her romantic songs in rhythm of black music. Therefore, it is intended, as a general objective, to analyze media representations with regard to gender identity and sexuality in music videos by LGBTQI + Brazilian artists and their appropriation by trans people. Thus, we will conduct the research in order to explore the following intentions: (1) Identify how the representation of LGBTQIA+ people in the music videos of the selected artists takes place and perceive the movements caused by their figurative actions; (2) Analyze the relationship between the representations of LGBTQIA+ present in the music videos of the selected artists and their appropriation by the interviewees. With the theories that will be used, it is intended to first establish some guiding principles for research on identity and representation through authors of Cultural Studies. After that, we established three more theoretical horizons that, together with the previous ones, will be inspected through their main aspects associated with queer theory, the main theoretical source for the analysis. They are: gender, sexuality and ethnic / racial issues. As a methodological strategy, we will carry out a contextualist cultural analysis, following Douglas Kellner (2001). Thus, we analyze the musical trajectory of these artists, interconnecting it with the respective social field. The concepts of representation according to Stuart Hall (2016) will also be used to analyze a music video chosen by each artist, which will also serve as an object for semi-structured interviews. In the second stage of the research, we will present the selected video clips of these artists to the interviewees, belonging to the LGBTQI + community, in order to understand how the representations affect in their social constructions. In the end, it was concluded that LGBTQIA+ artists and their media representations give visibility to causes of the community and, although their identity differences are highlighted in the interviews, they bring LGBTQIA+ people together around common social issues, such as the fight against discrimination and practice of social acceptance.

Keywords: LGBTQIA+. Identity representations. Music video. Contextualist cultural study.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Videoclipe <i>Oração</i>	44
Figura 2 – Videoclipe <i>Oração</i>	44
Figura 3 – Videoclipe <i>Oração</i>	46
Figura 4 – Videoclipe <i>Oração</i>	46
Figura 5 – Videoclipe <i>Oração</i>	47
Figura 6 – Videoclipe <i>Oração</i>	47
Figura 7 – Videoclipe <i>Oração</i>	48
Figura 8 – Videoclipe <i>Oração</i>	49
Figura 9 – Videoclipe <i>Oração</i>	49
Figura 10 – Videoclipe <i>Oração</i>	50
Figura 11 – Videoclipe <i>Oração</i>	50
Figura 12 – Videoclipe <i>Oração</i>	51
Figura 13 – Videoclipe <i>Sem nome, mas com endereço</i>	63
Figura 14 – Videoclipe <i>Sem nome, mas com endereço</i>	64
Figura 15 – Videoclipe <i>Sem nome, mas com endereço</i>	64
Figura 16 – Videoclipe <i>Sem nome, mas com endereço</i>	64
Figura 17 – Videoclipe <i>Sem nome, mas com endereço</i>	65
Figura 18 – Videoclipe <i>Sem nome, mas com endereço</i>	65
Figura 19 – Videoclipe <i>Sem nome, mas com endereço</i>	66
Figura 20 – Videoclipe <i>Sem nome, mas com endereço</i>	67
Figura 21 – Videoclipe <i>Sem nome, mas com endereço</i>	67
Figura 22 – Videoclipe <i>Sem nome, mas com endereço</i>	68
Figura 23 – Videoclipe <i>Sem nome, mas com endereço</i>	68
Figura 24 – Videoclipe <i>Sem nome, mas com endereço</i>	68
Figura 25 – Videoclipe <i>K.O.</i>	86
Figura 26 – Videoclipe <i>K.O.</i>	87
Figura 27 – Videoclipe <i>K.O.</i>	87
Figura 28 – Videoclipe <i>K.O.</i>	88
Figura 29 – Videoclipe <i>K.O.</i>	88
Figura 30 – Videoclipe <i>K.O.</i>	88

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÕES	10
1.1 ALINHAMENTOS TEÓRICOS.....	12
1.2 ARTISTAS LGBTQIA+ NO BRASIL.....	17
1.3 METODOLOGIA 1: ESTUDO CULTURAL CONTEXTUALISTA E ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES.....	21
1.4 METODOLOGIA 2: ENTREVISTAS E APROPRIAÇÃO MIDIÁTICA.....	24
2 TRANSVIADAS CULTURAIS	31
2.1 “SEREIA DO ASFALTO”: LINN DA QUEBRADA.....	31
2.2 “ME SINTO UM PEIXE FORA DO AQUÁRIO”: LINIKER.....	51
2.3 UM “BATIDÃO TROPICAL”: PABLO VITTAR.....	69
3 VER A RUA	90
3.1 QUEM SÃO AS ENTREVISTADAS?.....	90
3.2 VIVÊNCIA LGBTQIA+.....	94
3.3 OLHARES SOB (RE) LINN DA QUEBRADA.....	103
3.4 OLHARES SOB (RE) LINIKER.....	109
3.5 OLHARES SOB (RE) PABLO VITTAR.....	115
3.6 A REPRESENTATIVIDADE E O SEU IMPACTO.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	132
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	142
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO	145

1 INTRODUÇÕES

Analisando o contexto em que vivemos no Brasil hoje, podemos notar o quanto as percepções mudaram em relação à inclusão e à visibilidade da comunidade LGBTQIA+. A criança “viada” que vivia enrustida em mim, Rodrigo, lá nos anos 2000, vivendo em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Jamais imaginaria que um dia poderia ver na televisão um “viado” de peruca cantando músicas próprias e com reconhecimento nacional. Essa criança tampouco conhecia a importância de se ver representada e como isso desencadearia nela o ímpeto de liberdade de expressão, procurando se desvencilhar do machismo com que convivia e carregava consigo desde a infância.

Sim, a sociedade brasileira está se modificando constantemente e muitas barreiras que eram colocadas frente às manifestações de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ estão sendo derrubadas. Agora temos pessoas LGBTQIA+ sendo representadas no cinema, na televisão, na música e dentro da política. Essas representações vêm acompanhadas de mais consciência, diferente do que era feito no passado onde eram mostrados personagens LGBTQIA+ de forma estereotipada, como motivo de piadas e chacota, ou eram representados sem nenhum trajeito, vestimenta ou linguajar que “denunciassem” sua orientação sexual (COLLING, 2007, p. 219). Bichas afeminadas, sapatões, bissexuais e transexuais estão fazendo com que a mídia as note e dê importância a suas vozes. Esse som está ecoando e indo cada vez mais longe, impactando e revolucionando a maneira como pessoas LGBTQIA+ vinham sendo tratadas até agora.

Mesmo com todos esses avanços em relação à visibilidade LGBTQIA+, somos tomados também por uma onda de conservadorismo. No Rio Grande do Sul essa onda se intensifica através do desmonte da exposição *Queermuseu* em setembro de 2017, no Santander Cultural, em Porto Alegre (RS). Grupos religiosos e políticos alegavam que a mostra promovia pedofilia, zoofilia e a intolerância religiosa, e, assim, através de uma forte mobilização pelas redes sociais conseguiram que a exposição fosse encerrada antes do tempo previsto (G1 RS, 2017)¹. Nesse mesmo ano, no mês de novembro, Judith Butler, uma das principais escritoras sobre feminismo e teoria *queer*, esteve na cidade de São Paulo para promover o lançamento do seu livro - “*Caminhos Divergentes: Judaicidade e crítica do sionismo*” (2017) e mediar alguns painéis em um seminário sobre democracia no SESC Pompeia. Antes mesmo de chegar ao Brasil, já estava sendo realizada uma petição na internet

¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/mostra-queermuseu-e-desmontada-em-porto-alegre-e-deve-sofrer-uma-pausa-ate-ser-reaberta.ghtml>> Acesso em: 15 outubro 2019.

contra a vinda da autora, alegando que Butler propunha a “destruição da identidade humana por meio da desconstrução da sexualidade” (FINCO, 2017)². Durante sua estadia em São Paulo, Butler foi alvo de manifestações em frente ao SESC Pompeia e perseguida no aeroporto por uma mulher que segurava um cartaz com sua imagem desfigurada, enquanto disparava xingamentos à autora (FINCO, 2017).

Nos últimos anos, acompanhamos também diversos boicotes feitos por grupos conservadores a filmes, novelas e marcas que se atrelavam ou de alguma forma representavam pessoas LGBTQIA+. Em 2019, o prefeito da cidade Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, buscou a proibição da venda e circulação, durante a Bienal do Livro do Rio de Janeiro, de uma história em quadrinhos por ela conter uma cena de beijo gay (ARAÚJO, 2019)³. E foi nesse mesmo ano que a ANCINE (Agência Nacional do Cinema) revogou o apoio financeiro para três filmes com temática LGBTQIA+ no Brasil, após ação do presidente Jair Bolsonaro (EXITOÍNA, 2019)⁴.

Miskolci (2018) apresenta em um artigo a busca por identificar a formação, os principais interesses e as formas de atuação do grupo político contrário à “ideologia de gênero” no Brasil. Para o autor, o espectro “ideologia de gênero” delimita um campo discursivo de ação que podemos reconhecer como unindo imaginariamente sob uma suposta ameaça de retorno do comunismo ao pensamento acadêmico feminista, estabelecendo um enquadramento da política em torno do medo de mudanças na ordem das relações entre homens e mulheres e, sobretudo, da extensão de direitos a homossexuais. Em conjunto, tais inflexões criaram terreno propício para que atores com agenda política e econômica neoliberal se unissem a empreendedores morais históricos (como a Igreja Católica e seguidores de religiões evangélicas), reforçando a campanha contra o avanço dos direitos sexuais e reprodutivos (MISKOLCI, 2018).

A partir desses acontecimentos, acreditamos que seja muito relevante neste momento mostrar a importância da representação midiática e das múltiplas histórias LGBTQIA+ que podem ser contadas. Investigar as representações como uma forma de se sentir pertencente ao mundo, principalmente para aquelas pessoas que passam por situações extremas de discriminação, preconceito, até chegar à violência física. Segundo dados do Grupo Gay da

² Disponível em: <<https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/11/filosofa-judith-butler-e-agredida-em-congonhas-antes-de-deixar-sao-paulo.html>> Acesso em: 15 outubro 2019.

³ Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/caso-crivella-x-bienal-do-livro-censura-ou-protecao-ao-menor/>> Acesso em: 15 outubro 2019.

⁴ Disponível em: <<https://exitoina.uol.com.br/noticias/tv-e-series/edital-para-series-lgbt-da-ancine-e-suspenso-apos-criticas-de-bolsonaro.phtml>> Acesso em: 15 outubro 2019.

Bahia, que divulga anualmente um relatório de assassinatos de homossexuais (LGBTI+) no Brasil, somente em 2018 foram registradas 420 mortes de integrantes da população homoafetiva e transexual por homicídio ou suicídio decorrente da discriminação (HERMANSON, 2019). Com base nesses dados, podemos ver que o número de assassinatos por homofobia e transfobia só têm aumentado ao longo dos anos. Em 2015 foram registrados 315 casos, em 2016 foram 343 e em 2017 foi o ápice, com 445 vítimas. E esses números podem ser ainda maiores, pois eles só contabilizam dados a partir de notícias de jornal e internet. Uma das formas de combater esse tipo de violência é fornecer informação e educação sexual para jovens, além da visibilidade que é necessária para essa comunidade, ensinando respeito aos LGBTQIA+ à população.

Visando a busca por maior visibilidade no meio acadêmico, este trabalho apoia-se principalmente em questões voltadas para a comunidade LGBTQIA+ com aporte teórico dos Estudos Culturais e da Teoria *Queer*. Aqui, procuro fugir do essencialismo de uma única identidade LGBTQIA+, desejo mostrar que existe diversidade dentro da diversidade. Como homem gay, acredito ser importante trazer para dentro da academia essas diversas vozes para dar maior pluralidade para o assunto. Tenho profundo interesse em apresentar uma pluralidade de posicionamentos, contextos, situações sociais que definam pessoas LGBTQIA+ para além de sua sexualidade, o que os tornam indivíduos com opiniões muito diversas que, por vezes, podem entrar em conflito.

Encontrei na música uma maneira de expressar como essa comunidade é muito mais diversa, ampla e complexa para se entender e, sendo assim, que não deve ser unificada em torno de apenas alguns marcadores. Assim, entendemos também a importância que podem ter as representações desses diferentes tipos de corpos, experiências e histórias como forma de identificação para as pessoas da comunidade LGBTQIA+, uma forma de se sentir incluído no mundo e representado. Como essas vozes podem, ao mesmo tempo, representar algumas pessoas dentro dessa comunidade, assim como causar certo estranhamento ou distanciamento em outras.

1.1 ALINHAMENTOS TEÓRICOS

Esta dissertação alinha-se com a proposta da área de concentração em Comunicação Midiática do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, inserida na linha de pesquisa de Mídia e Identidade Contemporâneas, por se propor a estudar os conteúdos midiáticos como formadores de identidades no campo da produção e do

consumo, via a compreensão de representações LGBTQIA+. Tais representações que circulam na mídia hegemônica têm o poder de estabelecer quem é incluído e excluído, principalmente em binômios que se tornam opressivos, tendo em vista a diversidade das “minorias sociais”, como acontece com a relação hetero/homossexual.

Sendo assim, o tema da pesquisa abrange a problemática das representações LGBTQIA+ “performatizadas” por artistas musicais e sua respectiva recepção por parte dessa comunidade. Assim, ao final da pesquisa visamos responder o seguinte questionamento: De que forma artistas LGBTQIA+ brasileiras participam na construção social da identidade LGBTQIA+ através de seus videoclipes e como as entrevistadas pertencentes a essa comunidade sentem-se, ou não, identificadas nos conteúdos produzidos por essas artistas?

Sendo assim, pretendemos, como **objetivo geral**, analisar as representações midiáticas no que diz respeito à identidade de gênero e sexualidade em videoclipes de artistas LGBTQIA+ brasileiras e suas apropriações por pessoas trans. Dessa forma, conduziremos a pesquisa de maneira a explorar as seguintes intenções: (1) identificar a maneira como acontece a representação de pessoas LGBTQIA+ nos videoclipes das artistas selecionadas e perceber as movimentações causadas por suas ações figurais; (2) analisar a relação entre as representações de LGBTQIA+ presentes nos videoclipes das artistas selecionados e a apropriação das entrevistadas.

Com as teorias que serão utilizadas, buscamos primeiro estabelecer alguns princípios norteadores para a pesquisa. Assim, através de textos pertencentes aos Estudos Culturais de autoria de Kathryn Woodward (2012), Tomaz Tadeu da Silva (2012) e Stuart Hall (2012), pretendemos destacar as noções acerca de identidade e representação que guiam a perspectiva da pesquisa. Foram estabelecidos mais três horizontes teóricos que, junto com os anteriores, são inspecionados através de suas principais vertentes para servirem como embasamento da teoria *queer*, principal fonte teórica para a análise. São eles: gênero, utilizando conceitualizações realizadas por Judith Butler (2003) e Margareth Rago (2019); sexualidade, através do ponto de vista de Michel Foucault (2014), utilizado como referência diversas vezes em estudos da teoria *queer*; e questões étnico/raciais, representadas por Sueli Carneiro (2019), Djamila Ribeiro (2017) e bell hooks (2019). Em relação à exploração da teoria *queer*, são apresentadas suas principais ideias, relacionando-as a questões contemporâneas acerca da comunidade LGBTQIA+ dentro do Brasil. Aqui são utilizados textos de Richard Miskolci (2007), Guacira Lopes Louro (2003), Berenice Bento (2017), Amara Moira Rodovalho

(2017), Adrienne Rich (2010), Monique Wittig (2012), Jack Halberstam (2005) e Paul B. Preciado (2011).

Para colaborar com a visibilidade dessas questões e verificar como vem sendo abordada a representação LGBTQIA+ dentro da academia, foi realizada uma pesquisa de modo a encontrar trabalhos que pudessem de alguma forma contribuir para o desenvolvimento desta dissertação. Foram utilizadas como fontes de documentação e consulta o catálogo de teses e dissertações da CAPES, o portal de periódicos da CAPES, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e o Serviço de Descoberta do SiB da UFSM. Ao fazer uma busca entre as palavras chave *representação midiática*, *queer*, *recepção* e *identidade*, ao total foram encontrados 15 produtos intelectuais, entre os anos 2000 e 2019, relacionados ou que têm alguma proximidade com a temática proposta. Desses 15, sete são dissertações de mestrado, três são teses de doutorado e cinco são artigos científicos. Foi realizado aqui um sintético levantamento, selecionando somente aqueles trabalhos que possuem mais semelhança em questão de visibilidade LGBTQIA+, adentrando em questões de representação, apresentado apenas as informações que auxiliem de maneira específica a temática apresentada. Ao total são oito trabalhos, contando com três dissertações, duas teses e três artigos.

Entre as dissertações está **“A loser like me: Identity and agency in Ryan Murphy's GLEE” (2014)**, escrita por Leonardo da Silva no Programa de Pós-Graduação em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Federal De Santa Catarina. Essa dissertação possui como temática o problema da representação hegemônica de identidades estereotipadas na série de televisão *Glee*. O autor está preocupado em analisar como a série subverte representações preconceituosas e estereotipadas em relação a alguns personagens. Outra dissertação encontrada é **“Documentário queer no sul do Brasil (2000 a 2014): narrativas contrassexuais e contradisciplinares nas representações das personagens LGBT” (2015)**, realizada por Dieison Marconi Pereira no Programa de Pós-graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, Linha de Pesquisa de Mídia e Identidades Contemporâneas, da Universidade Federal de Santa Maria. Aí é abordada a temática das representações de personagens LGBT nos documentários produzidos na região Sul do Brasil, entre 2000 e 2014. Focado na representação, o autor procura identificar como esses documentários têm representado as pessoas lésbicas, bissexuais, gays, travestis, transexuais e transgêneros. A dissertação **“Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida” (2015)**, feita por Fernanda Nascimento no programa de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, analisa a representação

da homossexualidade na telenovela *Amor à Vida* e os sentidos que se formam na circulação social sobre a comunidade LGBTQIA+.

Entre as teses está **“A construção discursiva e a recepção da homoafetividade na teledramaturgia brasileira: consumo, representação e identidade homossexual” (2014)**, de José Aparecido De Oliveira da Universidade Metodista de São Paulo. A tese concentra-se na representação e discurso dos personagens homossexuais da teledramaturgia brasileira e sua potencial relação com as demandas da comunidade homossexual na sua luta por maior tolerância e emancipação. Através da seleção de algumas telenovelas brasileiras, o autor quer identificar a relação entre a maior visibilidade da representação homossexual com a maneira que os sujeitos homossexuais manifestam suas relações homoafetivas. **“Genealogias dissidentes: os estudos de gênero nas teses e dissertações em Comunicação do Brasil (1972-2015)” (2019)**, tese escrita por Tainan Pauli Tomazetti, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, busca investigar a incorporação, apropriações e tensionamentos dos estudos de gênero nas teses e dissertações em Comunicação do Brasil no período mencionado. O autor nota que neste campo científico os problemas de gênero são tratados como temas subjacentes nos objetos empíricos e não como problemáticas epistemológicas, fazendo com que a construção teórica entre comunicação e gênero ainda seja incipiente, necessitada de investimento em novas problematizações.

O primeiro artigo científico selecionado é **“Recepção de telenovelas: identidade e representação da homossexualidade. Um estudo de caso da novela ‘Mulheres Apaixonadas’” (2006)**, escrito por Joseana B. Tonon da UNESP, publicado na revista *Comunicação & Informação* do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal de Goiás (UFG). O artigo possui como temática a identidade e representação da homossexualidade na novela “Mulheres Apaixonadas” e as suas implicações para os receptores. A autora focou nas implicações da representação de um casal lésbico para os receptores, querendo compreender o posicionamento da mídia em representar o romance com a aprovação de uma parcela considerável da audiência.

O artigo científico **“‘I’m not hiding in the shadows anymore’: o queer e a performance musical na representação midiática de Mykki Blanco” (2016)**, escrito por Francisco Menegat e Dulce Mazer da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, publicado na revista *Cuestiones de género: de la igualdad y la diferencia*, criada pelo Seminario Interdisciplinar de Estudios de las Mujeres da Universidad de León, que possui maior ligação

com a temática ao colocar como seu objeto de estudo um vídeo de entrevista de um artista *queer*. Eles analisam a forma como Mykki Blanco compõe sua multiplicidade performática na mídia, através de uma metodologia de mapeamento midiático e esquema analítico para performances musicais, seguindo proposições de Philip Auslander.

Por último, o artigo **“Diva da sarjeta: ideologia envidescida e blasfênea pop-profana nas políticas de audiovisibilidade da travesti paulistana Linn da Quebrada” (2019)**, escrito por Rose de Melo Rocha e Aline Rezende, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM, publicado na revista *Contracampo* do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Este artigo possui ligação direta com a temática deste trabalho, pois analisa algumas formas de resistência mobilizadas pela artista *queer* paulistana Linn da Quebrada. As autoras focam nos modos como a artista ocupa as cidades e as redes sociais que ressignificam corpos, espaços midiáticos e vida cotidiana.

Podemos perceber que existe um crescimento, ao longo dos anos, de trabalhos preocupados em analisar representações de pessoas LGBTQIA+ e a maneira como elas impactam o seu grande público. Esta é uma temática que é de extrema importância para que aconteça um debate sobre as violências verbais e físicas em torno da comunidade LGBTQIA+. Como em sua maioria os trabalhos utilizam como objetos de estudos produtos audiovisuais, suas metodologias costumam ser semelhantes, variando de análise do discurso a análise fílmica, apenas notando diferença metodológica no trabalho voltado para performances musicais e na análise qualitativa realizada por Tomazetti (2019). Os quadros teóricos são bastante semelhantes; estão entre eles os estudos culturais, identidade, representação, sexualidade e teoria *queer*, que também são utilizados aqui. As principais fontes de referência nesse campo são Stuart Hall, Michel Foucault e Judith Butler, os quais constam em todos os trabalhos.

Procuramos trazer uma visão ampla para a temática ao abordar artistas musicais e suas representações em seus conteúdos audiovisuais, sem deixar de lado o aspecto da recepção, focando na interação entre esses artistas *queer* brasileiros e seu público LGBTQIA+. Partindo das premissas apresentadas, a pesquisa desdobra-se em dois questionamentos. O primeiro dando conta das representações postas em circulação por artistas e outro que trata das relações entre as representações identitárias e seu consumo/uso/recepção.

Buscando situar o trabalho em meio aos preceitos da teoria *queer*, ou estudos transviados, como bem colocados por Bento (2017) ao referir que *queer* só possui sentido se

assumido como algum lugar em nosso contexto⁵, devo levar em conta que suas principais construções são as desconstruções. Os estudos transviados querem extrapolar as normas impostas de geração a geração de um conjunto de relações binárias que buscam essencializar as identidades. Como cidadão e como pesquisador, quero me desprender de ideias tradicionais que excluem algumas pessoas que vivem fora das zonas identitárias aceitas e limitam nossa percepção da sociedade. Sendo assim, acredito que alguns conceitos devam ser rompidos também dentro das normas acadêmicas. Esta dissertação não se divide em parte teórica e parte empírico/analítica; ambas irão se unir em capítulos onde a análise estará integrada com o caminho teórico explorado. Colling (2015), ao tomar a mesma decisão na composição do seu livro *Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer* (2015), diz acreditar que esse modelo aplicado oferece mais uma colaboração para destruir as dicotomias muito usadas academicamente. Não se trata de uma opção meramente estilística, mas sim de defender e evidenciar que a teoria e a prática não podem andar separadas, cada uma depende dos ensinamentos da outra (COLLING, 2015).

1.2 ARTISTAS LGBTQIA+ NO BRASIL

Para a análise foram selecionadas as artistas de um leque existente no cenário nacional da música contemporânea com presença na paisagem midiática audiovisual. Optamos por três artistas LGBTQIA+ da música brasileira que adquiriram tanto importância na mídia tradicional quanto para a comunidade LGBTQIA+. Nossa escolha recaiu em artistas brasileiras que estão atualmente produzindo conteúdo. Além disso, buscamos abranger uma diversidade de gênero e sexualidade para dentro da pesquisa através de diferentes tipos de vozes representadas em estilos próprios de cada artista. A escolha de artistas LGBTQIA+ para a análise nesta pesquisa denota uma tomada de controle dessa comunidade sob suas próprias representações. O maior alcance dessas artistas na mídia atualmente já demonstra um avanço na conquista de direitos, sua visibilidade confronta os padrões heteronormativos e abrem o caminho para que seus “iguais” se projetem da mesma forma.

No Brasil, o que víamos era a representação majoritariamente de homens brancos gays que, segundo uma pesquisa realizada por Leandro Colling (2007) acerca dos personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo, um produto de grande audiência entre

⁵ No Brasil não somos *queer*, ninguém utiliza esse termo para nos ameaçar. Somos transviad@s, que pode ser uma bicha louca, um viado, um travesti, um sapatão, um traveco... (BENTO, 2017)

espectadores brasileiros, “a emissora vem alternando personagens afetados e estereotipados com personagens ditos ‘normais’, ou seja, que não apresentam nenhum trejeito, vestimenta ou linguajar que possa ‘denunciar’ a sua orientação sexual” (COLLING, 2007, p. 219).

Personagens e personalidades da mídia LGBTQIA+ serviam como alegoria de comicidade, seus trabalhos e suas trajetórias de vida não importavam para o público. Tínhamos, por exemplo, nos anos 90 a personagem Vera Verão, interpretada por Jorge Lafond, uma *drag queen* que fazia muito sucesso no programa de humor A Praça é Nossa. Nessa época, causas LGBTQIA+ eram pouco abordadas, mesmo assim o público aceitava essa personagem dentro do seu contexto, como motivo de suas risadas enquanto assistia à televisão. Porém, essa aceitação não acontecia dentro da realidade social, o público não queria reconhecer seu preconceito e dar voz para mais pessoas da comunidade. Enquanto gays de alguma forma ainda eram representados dentro das novelas, a população trans/travesti continuava vivendo sob uma sombra de falta de visibilidade e estigmatizadas como perversas, perigosas e sujas. Essa é a parte da sigla LGBTQIA+ que foi mais excluída da sociedade; tiveram suas vivências negligenciadas e categorizadas como anormais, desumanas.

Segundo dados levantados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), no ano de 2020 tivemos no Brasil pelo menos 175 assassinatos de pessoas trans, sendo todas travestis e mulheres transexuais, em sua maioria negras – pretas e pardas, assim como são as negras as quem possuem menor escolaridade, menor acesso ao mercado formal de trabalho e a políticas públicas (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021). Uma estimativa também feita pela Antra mostra que 90% das pessoas trans/travestis recorrem à prostituição pelo menos uma vez na vida (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020). “Travestis e transexuais negras são maioria na prostituição de rua. Proporcionalmente, são essas as que têm os maiores índices de violência e assassinatos” (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021, p. 49).

Não possuímos nenhuma palavra no nosso vocabulário que possa ser substituída pelo *queer* do inglês, mas isso não quer dizer que foi só agora, depois de tomarmos conhecimento desta denominação, que passamos a reconhecer os corpos desviantes em nossa sociedade. Nossas bichas, sapatões e travecos já estavam em movimento e realizando sua trajetória contra as normatividades em que não se encaixavam e não aceitavam se moldar. Nosso país enfrenta grande desigualdade intelectual, mas nem isso impediu essas identidades de resistir. Embora pautas de igualdade para LGBTQIA+ não fossem abordadas dentro da mídia, Vera Verão representou sua autenticidade, assim como fez a dançarina de funk Lacraia, as atrizes Rogéria e Nanny People, o cantor Ney Matogrosso, entre outras personalidades. Essas vozes

sempre estiveram presentes no enfrentamento e continuam sendo até hoje a linha de frente desta luta.

Após muito ser debatido na mídia a importância de representações LGBTQIA+ que deixem de rotular, essas pessoas finalmente estão conquistando mais espaço. Na música, na televisão, no cinema e na política está se abrindo um lugar mais solidificado para debater essas pautas de maneira que provoque identificação com o seu público. De alguns anos para cá presenciamos mais personagens LGBTQIA+ em destaque, a participação de transexuais em novelas e o cinema brasileiro continuou retratando essa causa sem manter os padrões de antigamente. As causas das minorias tornaram-se mais debatidas midiaticamente. Através da música foi possível quebrar algumas barreiras e ultrapassar o nicho LGBTQIA+. Ultimamente estão surgindo muitas artistas que lutam por essa causa e que procuram retratar essa verdade em seus materiais, sejam eles em músicas ou videoclipes.

Muitas dessas vozes, que são novidade para o grande público, conquistaram mais espaço principalmente após uma democratização midiática promovida pela internet. As redes sociais serviram como porta de entrada para artistas que normalmente não eram aceitos pelas mídias tradicionais. Essa foi uma nova forma desses corpos desajuizados resistirem à cisheteronormatividade⁶ imposta. O quanto mais autêntico for o seu discurso e a sua maneira de se expressar, mais atenção esses artistas conseguirão pelos usuários online. Para cada visão desviante existe um público, que irá se engajar e fazer com que essa visibilidade cresça entre esse mesmo nicho; o difícil é ultrapassar esse nicho enquanto ocorrem diversos preconceitos velados que complicam o caminho de ascensão de minorias sociais.

Então, a seleção dos artistas LGBTQIA+ para análise procura dar destaque para essas vozes ignoradas, passar o poder da representação dos que detêm o poder para os que são oprimidos. Buscamos trazer uma diversidade de vozes e experiências para dentro da pesquisa, tentando abarcar a maioria das identidades presentes dentro da comunidade LGBTQIA+. Artistas que representam a história de muitas pessoas que foram oprimidas e, ao mesmo tempo, representam somente a si mesmas. Cada uma com sua própria vivência e particularidade é capaz de abordar pontos em comum entre toda a comunidade.

As artistas foram selecionadas com base no critério de representarem identidades dentro da comunidade LGBTQIA+ e estarem envolvidas na cena da música contemporânea brasileira, surgindo nos últimos dez anos e contando já com maior popularidade entre a

⁶ Lógica que indica que o comportamento dos indivíduos deve condizer com a sua sexualidade e gênero determinados biologicamente, não enxergando essas categorias como construídas socialmente e sim, com um núcleo essencial.

própria comunidade, ou mesmo até fora dela. Hoje, no Brasil, diversos (as) artistas musicais LGBTQIA+ estão ganhando maior visibilidade na internet, televisão e cinema, artistas que não possuem mais a mesma preocupação de se assumir perante o público, como existia ainda alguns anos atrás, que, em sua maioria, “levantam a bandeira” da causa e transformam da música uma maneira de relatarem suas vivências como LGBTQIA+. Entre os que podemos citar estão: os homens cis gays Davi Sabbag, Mateus Carrilho, Jaloo, Rico Dalasam, o grupo Quebrada Queer, Jão, Gabeu, Filipe Catto e Silva; as *drag queens*, que, neste caso, se identificam também como homens cis gays, Gloria Groove, Lia Clark, Kika Boom, Aretuza Lovi, Mia Badgyal, Kaya Conky e Potyguara Bardo; artistas mulheres cis lésbicas como Mahmundi, Ellen Oléria, o grupo Mulamba, Karla da Silva, Ana Vilela, Maria Beraldo, GA31, Badsista e Aíla. Representando pessoas cis bissexuais estão Letrux, Luisa Nascim, Ludmilla, Karol Conká, Anitta e Mc Rebecca, artistas não-binários como Gali Galó, assim como as artistas trans/travestis Jup do Bairro, Ventura Profana, MC Xuxu, Danny Bond, A Travestis, Alice Guel, Danna Lisboa, Assucena Assucena, Raquel Virgínia, Mc Trans, Mel Gonçalves, Urias e Pepita.

Podem existir alguns enganos quanto às classificações identitárias por até mesmo uma falta de enquadramentos. Corpos e as sexualidades escapam dos escopos que tentamos encaixá-las, fogem das binariedades que estamos tão acostumadas a construir racionalmente e, por isso, é normal que alguns equívocos possam ser cometidos. Para a análise detalhada, foram selecionadas entre as artistas LGBTQIA+ da música contemporânea aquelas que conquistaram maior destaque midiaticamente e tiveram seus trabalhos reconhecidos. Este critério permite uma análise com a disponibilidade de mais dados nas plataformas de pesquisa, tornando mais simples também a identificação dessas artistas pelas entrevistadas, havendo a possibilidade de analisar como é visto o reconhecimento das artistas pelo público. São três as artistas selecionadas que receberam mais destaque nos últimos anos dentro e fora da comunidade LGBTQIA+, porém isso não quer dizer que as outras artistas citadas não merecem também ser reconhecidas; pelo contrário, seus trabalhos merecem ser conferidos e impulsionados para conquistarem maior popularidade.

Contempladas essas condições, destacaram-se: *Linn da Quebrada*, uma cantora travesti negra que começou a se tornar popular, principalmente entre a comunidade LGBTQIA+, com a música *Enviadescer*. Suas músicas e performances possuem um apelo mais político e procura tratar de temas de certa forma polêmicos e subversivos, utilizando batidas originárias do funk em combinação com a música eletrônica; *Liniker*, uma cantora trans negra, que se destacou por suas músicas românticas em ritmo de música popular

brasileira (MPB). Tornou-se popular com um vídeo onde canta ao vivo sua música *Zero*, destacando-se por sua voz, pela letra da música e sua aparência, mantendo traços vistos como masculinos e femininos; *Pablllo Vittar*, uma cantora *drag queen* que se identifica como homem cis gay, que ganhou muita popularidade no ano de 2017 com sua música *K.O*, ficando entre as mais tocadas de todo o Brasil, quebrando a “bolha” entre o público LGBTQIA+ e o público hétero. Suas músicas possuem um apelo mais popular, misturando ritmos brasileiros com batidas eletrônicas enquanto fala de amor, festa e celebração.

O critério para a seleção do videoclipe que será analisado de cada artista foi o número de visualizações no You Tube. A quantidade de visualizações nos vídeos confirma a popularidade e o reconhecimento que possuem do público, assegurando o critério de seleção das artistas. No canal de cada uma, identificamos os envios mais populares de vídeo e selecionamos aquele que representasse um vídeo oficial para a música, que não fosse apenas uma performance acústica. Linn da Quebrada possui *Oração* como o clipe oficial mais assistido no seu canal, com um pouco mais de um milhão e seiscentos mil visualizações. O vídeo foi lançado em dois de novembro de 2019 e a contagem de visualizações foi conferida no dia doze de outubro de 2021. Já Liniker possui, como os três primeiros vídeos mais assistidos no seu canal, performances acústicas de algumas músicas suas. Como o critério de escolha prevê apenas vídeos oficiais de músicas, acabamos por escolher o clipe de *Sem nome, mas com endereço*, o quarto vídeo com mais visualizações no seu canal, com mais de quatro milhões e duzentos mil. Este clipe foi lançado em dezessete de agosto de 2017 e conferimos o número de visualizações também em doze de outubro de 2021. Com mais de trezentos e oitenta milhões e quatrocentos mil de visualizações, *K.O.* é o clipe oficial e também o vídeo mais assistido no canal de Pablllo Vittar. O vídeo teve sua estreia no dia dezanove de abril de 2017 e conferimos as visualizações na mesma data em que os anteriores. Essas são apenas algumas informações para localizar metodologicamente as artistas selecionadas, nos aprofundaremos mais nelas nas páginas seguintes.

1.3 METODOLOGIA 1: ESTUDO CULTURAL CONTEXTUALISTA E ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES

A metodologia desta pesquisa está dividida em duas partes que fornecem perspectivas distintas sob o objeto empírico. Combinadas, as metodologias colaboram para ampliar a análise e tornar os resultados obtidos multifacetados, proporcionando uma visão mais integral

do objeto estudado. A primeira parte da análise consiste no estudo das representações postas em circulação por artistas musicais LGBTQIA+ brasileiras. Foram selecionados três artistas LGBTQIA+ brasileiras para a realização de um estudo cultural contextualista segundo as noções de Douglas Kellner (2001), junto com a análise das representações em um videoclipe de cada artista, de acordo com as concepções de Stuart Hall (2016), entendendo a cultura da mídia em seu papel como produtora de identidades e um “lugar onde se travam batalhas pelo controle da sociedade” (KELLNER, 2001, p.54). Para Kellner (2001), a mídia é um dos elementos constituintes da formação de nossas identidades, estabelecendo-se como um importante meio de luta social e fórum do poder. Posteriormente, as análises são separadas para cada um deles, divididas nos capítulos seguintes, unindo-as ao final para realizar os pensamentos conclusivos, junto com a análise das entrevistas programadas para a segunda parte da pesquisa.

O viés metodológico de um estudo cultural contextual, proposto por Douglas Kellner (2001), é uma análise ideológica situada em meio aos debates e conflitos sociopolíticos existentes. Na nossa cultura da mídia são reproduzidos os conflitos fundamentais da sociedade, portanto, “a ideologia pode ser analisada em termos das forças e das tensões a que está reagindo” (KELLNER, 2001, p.54). Para isso, Kellner sugere utilizar três categorias criadas pelo sociólogo Robert Wuthnow (1989) para estudar as relações entre ideologias, movimentos sociais e o ambiente em que surgem e, assim, explanar as maneiras como os textos midiáticos interferem na vida social (KELLNER, 2001). A primeira categoria, horizonte social, “refere-se às experiências, às práticas e aos aspectos reais do campo social que ajudam a estruturar o universo da cultura da mídia e sua recepção” (KELLNER, 2001, p. 137). O campo discursivo, a segunda categoria descrita, é onde o conteúdo do horizonte social é articulado através de diferentes tipos de textos, como música, linguagem e enquadramentos. Por fim, a ação figural é onde ocorre a apresentação de figuras representativas, as quais ocasionalmente encarnam o ethos contracultural e sinalizam todo um movimento vinculado.

Estas três categorias propostas por Kellner serviram como direcionadores para capturar os significados implícitos nos conteúdos produzidos pelas artistas selecionadas. Assim, com os dados coletados sobre cada artista na internet e em artigos científicos, tornou-se mais fácil conectá-los com as categorias e interligá-los entre si para fornecer uma análise que desse conta de uma contextualização do campo social referenciado, da compreensão das letras das músicas interpretadas pelas artistas e também das formas de apropriação desse conteúdo pelo público. A primeira categoria, o horizonte social, irá demarcar todos os fatos do campo social que contribuíram para a formação dos discursos das artistas dentro da cultura da

mídia. Cada artista possui suas próprias experiências que fazem com que a arte de cada uma seja representada de forma diferente. Pois, então, retiramos do horizonte social o que serve de inspiração para o conteúdo da segunda categoria, o campo discursivo, aqui formatado através dos videoclipes, linguagem que possui estrutura narrativa própria de união entre música e audiovisual, causando um engajamento diferenciado com seu público. Os videoclipes atualmente ficam hospedados em plataformas de vídeos na internet e podem ser assistidos e reassistidos milhares de vezes, gerando um tipo de engajamento entre fã e artista, diferente do engajamento proporcionado por uma obra cinematográfica ou televisiva. Essa mídia serve para divulgar de maneira audiovisual o trabalho de uma artista musical e possui grandes chances de se tornar viral por serem vídeos de curta duração e por sua conexão direta com o *You Tube*, plataforma de vídeo gratuita e internacional onde normalmente são lançados. Há alguns canais televisivos onde ainda veiculam videoclipes na sua programação, assim como era feito antigamente, porém esse não é mais o seu formato tradicional. Eles são a expressão de uma artista através da sua música e impactam seu público como uma forma de compartilhamento da arte, fruto de dedicação e, na maioria das vezes, de autoria das artistas. É através dessa mídia que é apresentada a ação figural, ou seja, a representação de figuras que demarcam o discurso das artistas. Através dessa categoria poderemos interpretar as representações de gênero, sexualidade e raça nos videoclipes dentro do estudo cultural contextual e, além disso, observar seu impacto dentro da comunidade trans, mais especificamente a comunidade trans de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, parte analisada através da metodologia composta pelos estudos de recepção.

Com o propósito de revelar os sentidos postos em circulação nos videoclipes das artistas, principalmente no que diz respeito a questões de gênero, sexualidade e raça, entendendo-as como marcadores fundamentais na construção social identitária, foram utilizados os conceitos fundamentados por Stuart Hall (2016) sobre a relação entre representação e as culturas. Através do livro *Cultura e representação*, Stuart Hall (2016) busca demarcar a representação como um fator importante dentro do estudo da cultura, pois ela é o que conecta o sentido e a linguagem à cultura, é uma parte essencial no processo em que os significados são produzidos e compartilhados por membros de uma cultura.

É através da representação que damos sentido aos conceitos em nossa mente através da linguagem; assim, a conexão entre conceitos e linguagem dá a possibilidade de referência ao mundo real onde estão presentes objetos, sujeitos e acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios (HALL, 2016).

São traçados dois processos que, em conjunto, constroem nossa ideia de representação e dão sentido ao mundo. O primeiro é o sistema onde correlacionamos toda a ordem de objetos, sujeitos e acontecimentos a um conjunto de conceitos ou representações mentais que carregamos. O significado e os sentidos produzidos dependem do sistema que é formado em nossos pensamentos para a representação mental de coisas no mundo. Como dividimos uma visão de mundo relativamente similar, somos capazes de construir uma cultura de sentidos compartilhada e criar um mundo social que habitamos juntos. Dentro de uma cultura compartilhamos os mesmos sentidos e mapas conceituais. Pertencer a uma cultura é de algum modo pertencer ao mesmo universo conceitual e linguístico (HALL, 2016).

A segunda parte desse processo é a linguagem, responsável por traduzir nossas representações mentais em palavras escritas, sons ou imagens visuais. Signo é como é chamado em geral palavras, sons ou imagens que carregam sentido. Os signos, por sua vez, são organizados em linguagens, que podem ser dos mais diferentes tipos, como sinais, vestuário e até um som musical. A produção de sentidos está ligada, então, à relação entre coisas, conceitos e signos, e o processo que liga esses elementos chamamos de representação (HALL, 2016).

Somos nós que fixamos o sentido nas coisas e na linguagem, ele não se produz autonomamente. Fazemos de tal forma que, quando reafirmado, ele começa a parecer natural. Se o sentido é algo produzido por convenções sociais, então ele nunca pode ser finalmente fixado, não há um sentido final e absoluto.

Assim, partindo dessa iniciação conceitual, são desenvolvidos junto à análise maiores percepções acerca da relação entre representação e cultura. Além disso, para entender os efeitos produzidos por tais discursos, é necessário dar conta do contexto em que estão inseridos, assim como de suas leituras. Neste último caso, estamos interessados na sua recepção por parte da comunidade LGBTQIA+.

1.4 METODOLOGIA 2: ENTREVISTAS E APROPRIAÇÃO MIDIÁTICA

Desta maneira, quando finalizada a primeira parte da pesquisa, estes dados são combinados com a produção de uma pesquisa qualitativa através de entrevistas semiestruturadas, mediadas por dispositivos tecnológicos, com pessoas trans de Santa Maria (RS). Este eixo da pesquisa alinha-se ao que convencionalmente vem sendo chamado de estudo de recepção. Conforme Fernanda Nascimento, Jessica Gustafson e Joana Maria Pedro (2018) descrevem em seu artigo “Só eu sei quantas lágrimas derramei”: uma análise da

recepção de pessoas trans sobre a série Quem sou Eu?”, em alinhamento com os estudos culturais, a recepção integra um processo de comunicação em conjunto com outras esferas como a da produção, das mensagens e a cultura compartilhada (NASCIMENTO; GUSTAFSON; PEDRO, 2018). Pretendemos explorar mais esse tema de forma a evidenciar as interações e relações de pessoas trans com os produtos midiáticos, no caso, os vídeos analisados, provocadas pelos seus diferentes marcadores identitários. Isto é, fazer com que o texto midiático interaja com outras narrativas vindas de diferentes pontos de vista de pessoas de dentro da comunidade trans.

Ainda devemos considerar que o desenvolvimento teórico e epistemológico dos estudos *queer* nas pesquisas em comunicação no Brasil ainda está em caráter inicial do seu desenvolvimento.

Os números podem não indicar qualitativamente o empenho e aprofundamento de nossas produções, contudo, em um quadro conjuntural de aproximadamente 13.265 pesquisas de mestrado e doutorado em comunicação defendidas entre 1972 e 2015, apenas 62 investigações realizam suas reflexões no tocante das questões LGBT, isso indica que somente 0,48% do total de teses e dissertações. (TOMAZETTI, 2019, p. 158)

Dessa forma, através das entrevistas que foram realizadas, buscamos explorar a temática de representações LGBTQIA+ pelo viés da recepção, garantindo que as vivências de pessoas de dentro da comunidade possam ser dialogadas com o objeto de pesquisa. Esse é um tema onde a maioria dos pesquisadores tem universalizado as experiências dos interlocutores ou optado por escutar pessoas cisgêneras⁷ e/ou heterossexuais, portanto, vozes da norma. O presente estudo pretende ir de antemão a essa visão, abordando gêneros e/ou sexualidades dissidentes como sujeitos da audiência (NASCIMENTO; GUSTAFSON; PEDRO, 2018).

Lourdes Ana Pereira Silva e Valquíria Michela John (2016) trazem, em seu artigo Identidades de gênero nos estudos de recepção de telenovela: um olhar sobre a produção *stricto sensu* da última década, dados sobre as teses e dissertações desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil entre os anos 2000 e 2009, mapeamento integrado ao estudo coordenado por Jacks, Menezes e Piedras (2014). Esses dados interessam, pois demonstram como os estudos de recepção vêm abordando a temática que atravessa a presente pesquisa, expondo a baixa produção de pesquisas em recepção e a escassez de conteúdos midiáticos diversos, como vídeos.

⁷ Termo utilizado para designar os indivíduos que se identificam com o gênero (masculino ou feminino) que lhes foi atribuído ao nascer.

Segundo Jacks e outros (2014), no período de 2000 a 2009, foram desenvolvidas 5.715 pesquisas nos atuais 44 Programas de Pós-Graduação em Comunicação brasileiros. Desses, 4.249 se deram no âmbito do mestrado e 1.466, no doutorado. Desse conjunto de trabalhos, “[...] somente 209 tratam dos processos e práticas de recepção dos meios de comunicação de forma empírica, os chamados estudos de recepção”. Os conteúdos mais estudados foram o jornalismo, com 54 pesquisas, e a telenovela, eleita em 24 dos 209 estudos de recepção desenvolvidos. (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2014 apud SILVA; JOHN, 2016, p. 3)

Como referencial teórico para a metodologia de recepção é utilizado o conceito de apropriação, segundo Roger Silverstone, Eric Hirsch e David Morley (1996). Os autores buscam estruturar um modelo que compreenda a natureza da relação existente entre famílias (âmbito privado), âmbitos públicos e o papel das tecnologias da comunicação e da informação nesta relação. Para isso, crêem que o modelo não pode ignorar o modo como os indivíduos fazem uso dos objetos, ainda mais quando esses objetos são tecnologias da comunicação e da informação. Isso se dá devido ao fato de as tecnologias não serem apenas objetos, são caracterizadas como meios, e assim, possuem uma significação funcional por proporcionarem laços entre famílias e membros individuais delas, com o mundo além da porta de casa, mediante formas complexas e com frequência contraditórias (SILVERSTONE; HIRSCH; MORLEY, 1996). Desta maneira acontece com os vídeos; através deles, o público tem contato com a artista e com a mensagem que tal artista deseja passar, criando-se conexões com o conteúdo de modo a interpretar cada um de uma maneira.

Produzimos a apropriação de um objeto (tecnologia ou mensagem) quando ele é vendido e um indivíduo ou uma família se torna seu dono. Os atos de apropriação são ou podem ser centrais nos esforços que um indivíduo ou uma família fazem no processo de autocriação, ou seja, aqueles que levam a definição e diferenciação um dos outros, assim como a aliança entre eles. A apropriação não está só destinada a objetos materiais, mas sim também à apropriação do conteúdo dos meios. Os significados atribuídos a esses produtos midiáticos não são necessariamente imputados a eles na esfera pública (SILVERSTONE; HIRSCH; MORLEY, 1996).

A partir do relato das entrevistadas é determinado como ocorre à apropriação do conteúdo dos vídeos por parte delas. Foi buscado em suas falas elementos que as fizessem se sentir conectadas com as narrativas apresentadas por três artistas com estilos bastante diferentes, de modo a analisar também como ocorre a representação das LGBTQIA+ nesses conteúdos. Então, as entrevistas têm como objetivos tanto analisar como as

representações impactam na vida das entrevistadas, quanto suas observações em relação à importância dessas representações para as causas da comunidade LGBTQIA+.

Estamos vivendo tempos de isolamento durante o ano de 2020, devido à pandemia do Covid-19 - o popular “Corona Vírus”, o Brasil e a maioria dos países precisaram iniciar um processo de quarentena a partir do final de março de 2020. Este processo de quarentena tornou-se um isolamento social que se viu necessário após o crescimento no número de casos de Corona Vírus e de mortes devido ao vírus. A pandemia perdura até o ano de 2021 e ainda não temos previsão para a volta ao contato social de maneira regular como costumava ser. As entrevistas estavam planejadas para serem realizadas pessoalmente, de maneira individual com cada entrevistada, com a apresentação dos cliques selecionados para a análise anterior e, logo após, a execução de uma entrevista com perguntas abertas de respostas livres. As entrevistas foram replanejadas para que fossem realizadas através de vídeo chamada, sem o contato presencial, mas mantendo a estrutura de exibição dos vídeos e as perguntas abertas.

Entrevistas através de videochamadas têm se tornado muito comum, ficando ainda mais popular neste momento de isolamento em que vivemos. Mesmo assim, essa é uma técnica que ainda está em estágios iniciais nos estudos acadêmicos e os pesquisadores podem se confrontar com problemas durante todo o seu percurso. Algumas das dificuldades mais relatadas se devem ao fato de a comunicação não se dar em um ambiente compartilhado, limitando as interações sociais e os costumes que possibilitam a primeira aproximação. Além disso, podem acontecer casos onde o entrevistado não fica online no horário combinado para a entrevista, o que pode comprometer o desenvolvimento do trabalho (BIANCHINI, 2018).

As entrevistas online são semiestruturadas, possuem um roteiro definido com uma ordem de perguntas elaboradas anteriormente, permitindo que as repostas das entrevistadas levem a outras questões que possam surgir além do foco principal, analisar a relação entre as representações de LGBTQIA+ presentes nos videoclipes dos artistas selecionados e a vivência das entrevistadas.

Procurou trazer uma diversidade de olhares para a mesma questão, não me importando tanto com a quantidade de entrevistas, mas sim com a qualidade de informações fornecidas pelos depoimentos. Mirian Goldenberg afirma em seu livro *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais* (2004) que “o pesquisador qualitativo buscará casos exemplares que possam ser reveladores da cultura em que estão inseridos. O número de pessoas é menos importante do que a teimosia em enxergar a questão sob várias perspectivas” (GOLDENBERG, 2004, p. 50). Este livro de Goldenberg foi de muita ajuda para construir

esta parte da pesquisa, pois apresenta as informações essenciais e de maneira bastante didática sobre como fazer uma pesquisa qualitativa com a realização de entrevistas, principalmente para quem não possui experiência anterior com este tipo de metodologia e que quis integrá-la neste trabalho para ter uma visão mais ampla do problema de pesquisa. Procurando dar maior visibilidade para suas causas dentro da comunidade LGBTQIA+ como fora dela, resolvi fazer as entrevistas apenas com pessoas trans que atualmente moram em Santa Maria. Dessa maneira, os dados da pesquisa tornam-se mais centralizados em questões referentes a pessoas trans, mas não deixam de lado a diversidade de olhares e a importância de suas falas.

Devo reconhecer aqui algumas interferências que podem ocorrer na conclusão final devido a minha posição como homem cis gay e minha proximidade com o tema escolhido. Dentro do meu lugar de fala e das minhas vivências, já possuo opiniões prévias sobre a questão da representação de LGBTQIA+ na mídia e sou bastante interessado nesta cena musical que está surgindo no Brasil nos últimos anos, tendo meus gostos e preferências já definidos. Para Goldenberg (2004), as entrevistas semiestruturadas ajudam a reduzir o perigo da *bias* pela parte do pesquisado, pois dificulta a produção de uma conclusão de maneira uniforme que pode estar equivocada, e pela parte do pesquisador por não deixar que ele restrinja suas observações e foque apenas nos seus preconceitos. Outra maneira de limitar a interferência do *bias* descrita por Goldenberg é a seleção de entrevistadas que variem em posições sociais, entre superiores em relação ao acesso ao poder e os subordinados, comparando as versões sem ficar a favor de um dos lados e não deixar de reconhecer sua posição.

Além desse texto, também foi utilizado como referência para a metodologia de recepção o livro *Guia para pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos* (2007), escrito por Stéphane Beaud e Florence Weber. Para as autoras a cada entrevista são acionados novos conhecimentos, novos ambientes, observações prévias e as que estão por vir, enfim, é o campo que ditará a respectiva parte que lhes deverá atribuir. Todo esse conteúdo é importante para a interpretação das entrevistas e para que se consiga um aproveitamento melhor delas. As notas de observação, que devem ser feitas logo após as entrevistas, ajudaram a fundamentar a interpretação para além dos dados de transcrição.

O trabalho de interpretação necessita de dados pertinentes para serem analisados. Uma forma de obter essas entrevistas semiestruturadas é estabelecer uma boa relação entre entrevistador/entrevistada. Essa relação tem que funcionar com a confiança para a troca de confidências. Algumas entrevistas foram realizadas com pessoas do meu convívio em Santa Maria, com quem já tenho certo tipo de intimidade e se torna mais fácil o contato inicial para

o convite. Isso também interferirá no *bias* da pesquisa, pois, segundo Beaud e Weber (2007), as pessoas se sentem mais confortáveis para dividir experiências com pessoas que sejam desconhecidas por próximos deles, assim como o entrevistador, que ficará mais atento a explicitação dos propósitos do entrevistado. Foi utilizado o princípio de arborescência descrito pelos autores, que consiste em perguntar para o entrevistado, após finalizada a entrevista, se conhece alguém que se encaixe no perfil determinado para realizar a pesquisa.

Normalmente as primeiras entrevistas servem como uma exploração ao tema: perceber os pontos de conexão entre as entrevistadas e aprender a como se situar no meio pesquisado. Após essa primeira fase, é interessante dar uma pausa para refletir sobre os dados obtidos até agora para, em seguida, refinar o roteiro e realizar entrevistas mais longas e amadurecidas. É muito importante escolher pessoas que sejam pertinentes para o objetivo da pesquisa; para isso, a perspectiva de busca deve estar sólida, até mesmo para que esses pesquisados saibam da seriedade do trabalho. Identificar o trabalho como científico ajuda a definir os objetivos da entrevista e deixa mais clara a definição dos papéis das duas partes.

Beaud e Weber (2007) prevêem que algumas dificuldades podem surgir em relação a alguns meios sociais. As dificuldades decorrentes da realização das entrevistas através de videochamadas foram encaradas através de planejamento prévio de datas para procurar minimizar as ausências e demonstrando segurança para a entrevistada, estabelecendo uma relação amistosa para que ela confie no processo e esteja mais aberta para responder as perguntas. Se for o caso de entrevistar uma LGBTQIA+ que tem certo preconceito com quem não segue os padrões heteronormativos, o que pode ocorrer é um desconforto por parte da entrevistada para dividir sua opinião, com receio de ser julgada ou ameaçada. O papel do pesquisador nesse momento é se adequar a situação, não opor suas opiniões com a entrevistada e permitir que ela se sinta confortável e confiante para liberar seus pensamentos.

Como a pesquisa foca questões identitárias de gênero, sexualidade e étnico-raciais, assuntos que ainda são tratados como tabu em nossa sociedade, devemos tratar com cuidado as perguntas para que elas não se tornem ofensivas para as entrevistadas. Dessa forma, foram deixadas em aberto todas as questões que se referem a gênero ou sexualidade, de forma a deixar a entrevistada livre para definir a sua identidade através de suas próprias respostas. É claro que alguns imprevistos podem ocorrer durante a pesquisa, como a negação de uma entrevista, intervenções externas ou pessoas que se recusam a ser entrevistadas sozinhas, mas todas essas situações devem ser interpretadas e servem como dado de análise em seus

diferentes contextos. A preparação e os diferentes contextos de pesquisa são tão importantes quanto o próprio ato da entrevista.

Em ambas as etapas de análise são utilizados os conceitos demarcados como forma de fundamentar os resultados obtidos. Na análise das representações realizadas pelos artistas LGBTQIA+ a teoria serve como condutora para a identificação de significados presentes no texto audiovisual, o que ajuda na construção do estudo cultural contextualista. Na etapa referente à recepção, as teorias utilizadas determinam o viés ideológico de análise das entrevistas, direcionando o olhar para as questões mais emergentes. Após a coleta de dados das entrevistas, foram analisadas as diferentes respostas levando em consideração novas ideias que surgiram, gerando um tensionamento entre os dois horizontes da pesquisa: o textual/representacional e o empírico, das vozes e experiências vividas pelas pessoas trans.

2 TRANSVIADAS CULTURAIS

Neste capítulo são exploradas as produções midiáticas das artistas selecionadas, Linn da Quebrada, Liniker e Pabllo Vittar, divididas em subcapítulos. Através da metodologia proposta por Kellner (2001), estudo cultural contextualista, são abordadas questões sobre gênero, sexualidade e raça relacionadas aos trabalhos feitos nas carreiras das cantoras. Ao final é utilizado os conceitos de representação de acordo com Stuart Hall (2016) para analisar o videoclipe mais assistido no canal do *You Tube* de cada artista, que também é mostrado para as entrevistadas na segunda parte da pesquisa. O texto selecionado vai ser visto articulado a outras produções da artista, com a intenção de dar conta da contextualidade, a qual também faz parte do objeto de análise.

2.1 “SEREIA DO ASFALTO”: LINN DA QUEBRADA

A análise das artistas será iniciada por Linn da Quebrada, uma cantora travesti paulistana apresentada por Rose de Melo Rocha e Aline Rezende no artigo já explorado no capítulo de introdução. Conforme as autoras:

Como inúmeras das cantoras, cantores e “*artistas* musicais de gênero” (ROCHA, 2018) que configuram a música pop LGBTQ+ paulista, Linn da Quebrada nasceu na periferia da capital, em 1990, numa área pobre da Zona Leste, e cresceu no interior paulista, em uma família simples e religiosa. A mãe, alagoana, era empregada doméstica; o pai, por sua vez, as deixou quando Linn tinha sete anos de idade, fato recorrente nas periferias urbanas de São Paulo. Abandono parental, forte vínculo religioso e mães-chefes-de-família são uma tríade comum a estas juventudes. (ROCHA; REZENDE, 2019, p. 24)

Linn da Quebrada faz sua estreia na música com o lançamento do videoclipe de *Enviadescer*, em maio de 2016. Após esse primeiro sucesso, lança em agosto de 2016 um videoclipe para a música *Talento*, seguido por uma vídeo-performance de *Bixa Preta*. Em abril de 2017 lança videoclipe para a música *blasFêmea/Mulher*. Seu primeiro álbum, *Pajubá*, é lançado em outubro de 2017, contando com áudio-vídeo oficial para cada música. Depois do lançamento do álbum, Linn lança videoclipes para músicas que não constam nele. Em setembro de 2018 lança *Coytada*, em junho de 2019 lança *fake dói* e em novembro de 2019 Linn lança videoclipe para a música *Oração*, vídeo mais assistido de seu canal. Foram feitas

duas versões remix para seu primeiro álbum: a primeira lançada em dezembro de 2019 e a outra em abril de 2020. Foi lançado videoclipe para música *Tomara (Remix)* com participação de Davi Sabbag, presente no *Pajubá Remix II*. Em outubro de 2020 lança videoclipe para a música *Bixa Preta Parte2*, canção que fecha sua parceria com a cantora Jup do Bairro. Seu segundo álbum, *Trava Línguas*, é lançado em julho de 2021 e até o momento (outubro de 2021) não possui videoclipes.

Entre as artistas que surgiram nesta última década, Linn da Quebrada talvez seja simbolizado por ser transgressora em suas expressões artísticas, o que abriu o caminho para que a comunidade LGBTQIA+ se empoderasse de suas falas e enfrentasse o preconceito sem permitir que as normas criadas pela sociedade hétero interfiram em suas vivências. Linn enfrenta as dificuldades que se apresentam a um corpo trans diante do sistema binário. Seguindo o sistema binário, nasce-se homem ou mulher; para ser homem deve-se ter um “pau”, ser másculo, ter pelos no corpo, exercer funções que um homem exerceria - sustentar a família e todos outros papéis impostos por esse sistema. Para ser mulher é preciso ter uma “buceta”, nutrir a sua feminilidade depilando os pelos do corpo, ter peitos protuberantes e cabelos longos, seguir as ordens de homens e contentar-se com o seu lugar de submissa. Os padrões repetem-se e nos surpreendem até hoje com suas maneiras de manter sua regularidade, oprimindo e negando os corpos que a desobedecem. Como afirma Woodward (2012), as relações identitárias se constroem nesse jogo de diferenças, dois lados opostos que precisam ser excludentes para se afirmar, não permitem a intermedialidade, a parcialidade, a incerteza ou até mesmo a conjunção, é a totalidade ou nada.

De acordo com Woodward (2012), para uma identidade existir, ela deve estar relacionada a outra, pois é através das marcas de diferença entre elas que cada uma salientará suas características. Normalmente essa é uma relação de dualidade, ou seja, dois lados opostos que se afirmam com o que é inexistente no outro. Entre as dualidades que podemos citar e que servem como material para nossa análise está homem/mulher, heterossexual/homossexual, cisgênero/transgênero e branco/preto. Essas marcações de diferenças sempre vão estar presentes, uma identidade precisa deslegitimar o seu oposto para poder se afirmar. Para Tomaz Tadeu da Silva (2012), outro teórico que colabora nas questões sobre identidade e diferença, a diferença se antecipa em relação à identidade, primeiro é preciso reconhecê-la para que então ocorra o processo de consolidação da identidade.

Embora existam algumas tentativas que buscam afirmar um essencialismo das identidades, reivindicando uma certa autenticidade através de apelo ao passado histórico ou até mesmo por questões de natureza como a sexualidade, raça e gênero, sabemos que não

podemos fixar e unificar as identidades. Então, mesmo que existam as dualidades como uma forma de segmentar grupos identitários, não se pode afirmar que todos os indivíduos dentro de um grupo possuem as mesmas características ou que compartilham dos mesmos ideais. Existe uma diversidade dentro de cada identidade e o que as unifica não é definido por questões naturais e sim, por questões sociais e culturais. Todas as construções sociais servem de alguma forma para manter esse sistema binário organizado assim pelas instituições detentoras do poder.

Assim como na jornada de tantos outros LGBTQIA+, Linn foi descobrindo sobre sua sexualidade e sua identidade de gênero conforme o seu amadurecimento até chegar na definição a qual ela mesma criou para si, uma “bixa travesty”. O lugar da “bixa travesty” é fluido, não está nem lá nem cá, não é bixa e não é travesti, é uma mistura dos dois e, ao mesmo tempo, nenhum. Silva (2003) descreveria essa identidade como híbrida, mediante a conjunção de binarismos. Contudo, essa identidade híbrida se constrói da própria hibridização, pois a bixa é um homem cis que carrega muitas características da feminilidade e a travesti é uma mulher transexual que busca seguir os padrões estéticos femininos. Linn é uma mulher com pau, pelo no sovaco e sem peito grande. No documentário *Bixa Travesty* (2018), o qual acompanha a sua vida como artista em São Paulo, Linn compartilha muitas histórias pessoais e reflexões que foram fonte de informação para escrever sobre sua vivência. Em uma de suas falas no documentário, Linn afirma que não quer tomar hormônios, colocar silicone, depilar seus pelos ou fazer uma cirurgia de redesignação sexual para se adequar dentro dos termos impostos para a feminilidade, padrões pelos quais muitas das pessoas travestisgêneres se submetem, às vezes recorrendo a cirurgias clandestinas que mutilam seus corpos. Na sua visão, os corpos não se limitam a binaridades e podem acontecer das mais diversas combinações. Segundo Linn (BIXA TRAVESTY, 2018): “Eu acho que hoje a gente consegue pensar na travestilidade ou em feminilidade sem, por exemplo, tenha que tá ligado à depilação, sem ter que tá ligado a trejeitos extremamente femininos”. Atualmente, em 2021, Linn já realizou procedimento estético para colocar silicone e conta que fez isso para gerar outras dúvidas, criar um novo órgão para desorganizar um pouco mais o mundo lá fora e também para transtornar-se, para que fosse outra, mudar continuando a mesma, só que diferente. Isso a fez se sentir livre para não ser nem homem nem mulher e para criar sobre sua própria existência, vivendo sua verdade como uma travesti (REDAÇÃO QUEM, 2021).

Essa ideia constitui uma premissa que se correlaciona a perspectiva *queer* ao enxergar o gênero como um construto social que pode acontecer em qualquer corpo, como Butler

(2003) descreve na teoria da performatividade. Para a autora, o gênero é uma construção social, ou seja, não existe uma identidade definida de gênero masculino e feminino. No entanto, através da cultura é possível que essas características construídas se tornem um conjunto de leis que fixa o gênero da mesma maneira que a biologia o faz. Como homens e mulheres somos forçados a agir da maneira pré-determinada para cada um; isso se dá através de performances dessas características sendo repetidas continuamente, o que oculta a possibilidade de configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003). Esses efeitos de verdade que são produzidos sobre uma identidade primária e estável impactam os indivíduos a ponto de sentirem-se e serem classificados como anormais e errados perante a sociedade. Porém, a performatividade do gênero pode se dar em qualquer corpo, o que provoca uma desconstrução da ideia de que cada corpo corresponderia a somente um gênero, visão essa que era sustentada por algumas teorias feministas, onde a mulher era vista com uma identidade unificada. O que Butler propõe para subverter essa lógica é que os corpos incorporem essas normas de forma a criar novas identidades a partir delas. Também, Preciado (2003) escreve sobre essas identidades que assumem um processo de desidentificação, identidades que são resistentes à normalização, contrárias ao poder totalizante que busca uma “universalização” baseada em corpos cis. “Os corpos da multidão *queer* são também as reapropriações e os desvios dos discursos da medicina anatômica e da pornografia, entre outros, que construíram o corpo *straight* e o corpo desviante moderno” (PRECIADO, 2003, p. 16).

É a partir deste “não lugar” que Linn escreve suas músicas e representa em seus clipes, uma “bixa travesty”, preta e favelada. Nessa interseccionalidade ela se encontra e faz disso sua forma de ativismo através da música, contra a heteronormatividade e o essencialismo. Surge como artista musical pela primeira vez em 2016 com a música e videoclipe de *Enviadescer*, canção que faz uma ode às bichas afeminadas e “tranviadas” sapatão.

Hey, pssiu, você aí,
 Macho Discreto, chega mais, cola aqui,
 vamo bater um papo reto,
 que eu não to interessada no seu grande pau ereto.
 Eu gosto mesmo é das bicha!
 das que são afeminada
 das que mostram muita pele rebolam, saem maquiada.
 (ENVIADESCER, LINN DA QUEBRADA, 2016).

Linn canta a letra da música no videoclipe enquanto anda pelas ruas de seu bairro com seus amigos, dançando como uma forma de celebrar a diversidade. A música possui uma

batida de funk, um estilo musical que é permeado ainda por muito machismo, devido a maioria de seus artistas serem Mc's homens cis héteros. Porém, o funk, uma expressão que nasceu nas favelas, é próprio para Linn empoderar-se da sua vivência. Assim nasceu Linn da Quebrada, como fruto de um discurso que busca questionar os espaços estáveis e transformar as realidades normativas. Vem também de uma vulnerabilidade de Linn, que tinha acabado de se curar de um câncer e encontrou na escrita uma maneira de se expressar para além da sua corporalidade. Sua forma de expressão, majoritariamente através de batidas que remetem ao funk, se dá justamente para empoderar esses corpos que não são vistos, dificilmente representados por qualquer outro artista dentro desse estilo.

Linn fala em uma entrevista publicada, em 2018, pelo canal no *You Tube*, do *Teddy Award*, nome da premiação ganhada pelo seu filme, que ela também vê sua música como uma forma de ela mesma se desconstruir, criar novas realidades possíveis. “É uma possibilidade de *eu* mesma dar sentidos ao meu corpo, [...] de eu mesma fazer as coisas ganharem um novo sentido para mim mesma”, diz Linn (TEDDY AWARD, 2018). Em *Enviadescer* ela quer encontrar o prazer nas bichas afeminadas, quebrar esse pensamento geral dentro da comunidade de só achar atrativo os “machos discretos”, aqueles que performam a masculinidade. “O videoclipe ‘Enviadescer’ é uma apresentação clara dos corpos desejantes de Linn e de sua rede de amigas e amigos, e o seu transitar pela cidade, afrontosamente, ‘todes enviadescendo’, como diz a letra e como performam a/os a(u)tores” (ROCHA; REZENDE, 2019, p. 29).

Partindo dessa primeira música, Linn foi conquistando mais visibilidade, porém de forma contida, apenas dentro da comunidade LGBTQIA+. Essa é uma realidade para muitos artistas LGBTQIA+ dentro do Brasil, normalmente são retidos dentro do meio LGBTQIA+, como se suas manifestações artístico-culturais fossem voltadas apenas para esse público, criando uma categoria que existe apenas para manter essas pessoas no lugar de onde saíram, ou seja, a comunidade LGBTQIA+. Assim, tudo o que produzem é determinado pelo mercado com esse rótulo que classifica primeiro sua sexualidade, ou identidade de gênero, antes de reconhecer seu trabalho. Esse tipo de determinação não acontece com artista cis heterossexuais, pois sua sexualidade é compulsória para todos os seres, não precisam se afirmar como heterossexuais, pois é assim como todos são determinados antes mesmo de nascer.

Segundo Rich (1980), a heterossexualidade compulsória feminina distorce a vida de todas as mulheres. É este pensamento que determina a mulher como inferior ao homem,

criando a escravidão sexual da mulher, naturaliza a pulsão sexual masculina e impõe o direito sexual masculino sobre as mulheres. Rich (1980) ainda apresenta como essa visão acaba por deixar invisível uma possibilidade lésbica, apagando esta sexualidade da história e definindo-a como doença. Importante ressaltar que não devemos comparar a experiência de uma lésbica com a de um homossexual masculino, pois essa é uma vivência completamente feminina, o que ocasiona diferentes tipos de opressão e significados pessoais.

Wittig (2012) também compartilha destas ideias de heterossexualidade compulsória ao afirmar que ela serve para ocultar os conflitos de interesse e também os conflitos ideológicos.

Ao admitir que há uma divisão “natural” entre mulheres e homens, naturalizamos a história, assumimos que “homens” e “mulheres” sempre existiram e sempre existirão. Não somente naturalizamos a história como também, por consequência, naturalizamos os fenômenos sociais que manifestam nossa opressão, tornando impossível qualquer mudança. (WITTIG, 2012, online)

Mesmo com essas barreiras impostas, Linn continuou realizando seu trabalho e ganhando mais espaço e respeito dentro do ambiente musical. Mantendo suas referências ao funk, ainda utilizando a denominação Mc para se apresentar, lançou o videoclipe de *Talento* logo após no mesmo ano, em 2016. Suas letras desde o começo apresentavam formas de empoderamento aos marginalizados, afrontando as táticas machistas e transfóbicas sustentadas pelo sistema. “Ser bicha não é só dar o cu. É também poder resistir” (TALENTO, LINN DA QUEBRADA, 2016). Linn se apropria de suas fragilidades e faz delas um meio para se fortalecer. Através delas é que cria redes de resistência, fazendo com que essa mensagem ecoe nos ouvidos daquelas que tiveram suas existências negadas e que agora podem se identificar com uma personalidade midiática que leva essa luta para outros patamares. A internet e as redes de sociabilidade dentro dela são uma grande responsável pela profusão de vozes que encontraram um meio de ser ouvidas. As mídias tradicionais, como a televisão, ainda operam de acordo com um pensamento generalizado que busca agradar seu público de forma massificada, assim, continua sustentando o discurso heteronormativo, dando pouco ou nenhum espaço para pessoas LGBTQIA+.

Louro (2003) destaca que, embora já se criem mais informações sobre o atravessamento das fronteiras de gênero e sexuais atualmente, ultrapassando a bolha da comunidade LGBTQIA+, ainda não podemos dizer que esse é um lugar confortável e reconhecido. “Tais sujeitos se assumem como excêntricos (fora-do-centro) e pretendem viver como tais” (LOURO, 2003, p. 5). Os indivíduos que se encontram num estado fluido de identidade pretendem questionar os métodos de normalização, não simplesmente eliminá-los,

pois eliminar significaria ignorar que esses processos ainda estariam presentes como uma predisposição cultural, passado durante gerações como algo estabilizado e de origem única, seja através de comprovação biológica ou recorrendo a ancestralidade.

Em *Bixa Preta*, música lançada em 2017, Linn estabelece mais uma vez a sua música como forma de ativismo, reivindicando a valorização das bixas pretas faveladas.

Sempre borralheira com um que de chinerella
Eu saio de salto alto, maquiada na favela
Mas, se liga macho, presta muita atenção
Senta e observa a sua destruição
(BIXA PRETA, LINN DA QUEBRADA, 2017).

Sabemos da desvalorização que existe dentro do Brasil em relação ao povo preto, a supremacia branca domina todos os meios de representação e subjuga as pessoas pretas a inferioridade. Linn, que vêm dessa experiência como bixa preta e favelada, transforma isso em valorização. São essas bixas pretas e faveladas que possuem a coragem de assumir-se e viver sua autenticidade, pois para elas é impossível se esconder atrás de privilégios raciais e de gênero, são elas que serão a resistência nas ruas. Sua luta para sobreviver e obter mais respeito abrirá o caminho para que outros LGBTQIA+, os que possuem a capacidade de se camuflar através da heteronormatividade, tenham maior liberdade dentro do seu meio. É essa a luta que Linn representa nessa letra ao proferir “Bixa pre (trá... trá... trá, trá)” como um barulho de arma que representa a resistência.

Como já descrito aqui, as representações na mídia são responsáveis por criar um imaginário sob as identidades e, de certa forma, elas cristalizam a ideia que temos sobre pessoas pretas. Em decorrência disso, o povo preto aprendeu a politizar seus olhares, experimentar suas experiências visuais em um contexto de confrontação e contestação (Hooks, 2019). Porém, Hooks (2019) ressalta que os críticos do olhar negro estavam mais ligados a questões de raça, não tratavam de gênero e isso abria espaços para atitudes machistas, tornando-se até uma maneira de liberação da punição do olhar de desejo que os homens negros tinham sob as mulheres brancas devido a exaltação da beleza eurocêntrica na mídia. As mulheres negras tiveram que formar, então, um olhar crítico a respeito da invisibilização de seus corpos e da legitimidade dada à perspectiva falocêntrica supremacista branca. Focando nas mulheres negras, Carneiro (2019) reitera a ideia de que elas sempre são representadas em categorias específicas como a mulata ou a empregada doméstica, fazendo com que essas mulheres se contentem com esse espaço.

Essas representações também impactam dentro da comunidade LGBTQIA+, dando maior visibilidade e recebendo mais aceitação pela sociedade quando são retratados homens gays, cisgêneros, brancos e que seguem o protocolo de heteronormatividade. Dá-se um espaço muito menor para aqueles que representam pessoas negras e fora da binariedade de gênero, causando um estigma que marginaliza ainda mais esses indivíduos. Essas pessoas sofrem discriminação até mesmo por outros(as) pertencentes à comunidade LGBTQIA+ que, por possuírem mais privilégios e conquistas sociais, sentem-se superiores dentro de sua própria comunidade. A luta para alterar esses sentidos não deve ser somente em exigir novas formas de representação mais justa, mas também de empoderar pretas(os) a ocuparem espaços de liderança, de forma que eles possam construir suas próprias representações e desconstruir os estereótipos (CARNEIRO, 2019).

Misturando os elementos de funk com batidas eletrônicas, com a música *blasFêmea/Mulher*, lançada em 2017, começa a traçar o estilo que tomará sua carreira. Nesta canção ela celebra os corpos das travestis, relatando suas vidas de forma real e bruta. No videoclipe ela representa o cotidiano das travestis nas ruas, na busca pela prostituição, mostrando os abusos e a violência por qual elas passam. No final do vídeo é apresentado um grupo de travestis junto com Linn que cantam juntas um dos versos da música “Eu tô correndo de homem. Homem que consome, só come e some. Homem que consome, só come, fodeu e some” (BLASFÊMEA/MULHER, LINN DA QUEBRADA, 2017). Através da sua arte, Linn representa as travestis brasileiras que são desumanizadas pela sociedade, tratadas como anormais e vistas pelos homens como um produto para possuírem sexualmente. O Brasil sendo o país que mais mata travestis (MARTINELLI, 2019) é ao mesmo tempo o país que mais procura por pornografia transexual, segundo levantamento realizado pelo site pornô Redtube no ano de 2016 (GERMANO, 2016). Essa é a realidade apresentada por Linn nas suas músicas, a violência e a solidão de travestisgêneros que não encontram apoio na sociedade, mas servem para saciarem suas fantasias sexuais. “Deslocar o feminino do patamar de submissão e transcender a visão reducionista sobre o corpo travesti configura, para Linn, um ato de resistência, de amor – e, conseqüentemente, de ressignificação política” (ROCHA; REZENDE, 2019, p. 28). A importância de ter uma cantora como a Linn da Quebrada para representar essas pessoas é enorme, pois ela pode servir de referência para a mudança da imagem construída sob a travesti. Uma “bixa travesty” conquistando popularidade, significa a vitória de muitas que já foram silenciadas e que agora veem uma possibilidade para além da prostituição e de horizonte de amores negados.

Guacira Lopes Louro (2003) fala em seus textos de corpos que deslizam, escapam, como uma maneira de identificar essas identidades de sexo e gênero que são fluídas, mesmo que busquem a naturalização para justificar uma origem em comum para corpos semelhantes, sabemos que é através de elementos da cultura que nossos corpos se manifestam e são moldados. “Gênero e sexualidade não são definições seguras e estáveis, mas históricas e cambiantes” (LOURO, 2003, p. 2). Cada sociedade possui o seu processo de classificação dos corpos, através dos quais inscrevem seus próprios comportamentos para determinar uma classificação de normalidade. Essa característica já define propriamente como essas definições são puramente culturais, pois cada sociedade possui seu conjunto de regras naturalizado.

Os significados das marcas dos corpos se alteram, pois, ao longo da existência das sociedades e dos sujeitos: mudam as fontes da autoridade, mudam os discursos, mudam os códigos, muda a medicina, a tecnologia e a moda, mudam os hábitos; os sujeitos envelhecem, adoecem, morrem (LOURO, 2003, p. 2).

Através de financiamento coletivo, Linn da Quebrada conseguiu produzir o seu primeiro álbum de estúdio, o *Pajubá*, lançado em 2017. *Pajubá* é o nome dado ao conjunto de gírias utilizadas pela comunidade LGBTQIA+ e, como Linn diz no vídeo para divulgar o financiamento coletivo do álbum, “*Pajubá* é linguagem de resistência. É linguagem das transviada sapatão”. O álbum possui canções escritas por Linn que representam a sua história e a de muitas pessoas dentro da comunidade LGBTQIA+. As músicas, assim com as anteriores, falam de empoderamento de diversas formas, quebrando paradigmas sobre o corpo, acionando força de resistência com as palavras e falando dos sentimentos sob a visão de uma oprimida. Linn enaltece muito o poder de resiliência que tem em si e que há em todos os LGBTQIA+, valoriza o seu corpo, a sua beleza, fala de sexo das mais diversas formas sem censuras ou abreviações. *Pajubá* é um álbum resistência que transforma as vivências LGBTQIA+ em arte.

Com o lançamento do disco, Linn começou a ter maior visibilidade não só dentro da comunidade LGBTQIA+, mas também fora dela, participando de programas de televisão, como *Amor & Sexo* da Rede Globo, e realizando shows por todo o Brasil. No ano de 2017, Linn fez sua primeira participação como atriz no filme “*Corpo Elétrico*”, direção de Marcelo Caetano, que conta a história de Elias, um menino gay que vem do Nordeste para São Paulo para começar sua vida adulta (CAROLINE, 2017). Em 2018 ela lançou o documentário “*Bixa Travesty*”, dirigido por Claudia Priscilla e Kiko Goifman, que conta sua trajetória como

artista dentro do Brasil, mostrando sua vida íntima e experiências pessoais, como o câncer que enfrentou, fato que a fez mudar sua relação com o seu corpo, se conectar a ele de forma mais concreta e encarar suas fragilidades. O filme teve o seu lançamento na Berlinale, o Festival Internacional de Cinema de Berlin, onde recebeu o prêmio Teddy, dedicado a obras com temática LGBTQIA+. Enquanto viajava para acompanhar a estreia mundial do documentário, Linn também realizou uma turnê de shows que passou por Portugal, Holanda, Alemanha e França (MENDES, 2018).

Após essa turnê Linn lançou videoclipe para três músicas que não fizeram parte de nenhum álbum. O primeiro videoclipe foi de *Coytada*, lançado em setembro de 2018, música que traz um empoderamento sexual para as travestis, mostrando sua independência e livrando-se dos “machos vacilões”. No vídeo Linn está acompanhada de mais duas amigas travestis e juntas fazem uma receita, manuseando os ingredientes e os utensílios de cozinha de uma maneira sexual. O segundo videoclipe, *fake dói*, foi lançado em junho de 2019 e é uma parceria entre Linn e o Dj mexicano Lao. A letra fala sobre o falso amor que as travestis recebem de homens que só querem aproveitar delas para o sexo. O vídeo tem uma estética futurista, todo feito em animação 3D, tendo o rosto de Linn aplicado em diversos cenários e elementos surrealistas. O terceiro videoclipe foi para a música *Oração*, lançado em novembro de 2019, vídeo mais assistido do canal de Linn e que será analisado mais adiante.

Também em 2019, Linn e Jup do Bairro, sua companheira de shows, estrearam o programa *TransMissão* no Canal Brasil. O programa de entrevistas tem como objetivo debater de forma descontraída sobre questões de gênero, sexo e raça, recebendo convidados como Paola Carosella, Fernando Haddad e Pedro Bial. Ainda em 2019, Linn participou como atriz na série *Segunda Chamada*, transmitida pela Rede Globo. Na série ela interpretava Natasha, uma travesti que lutava para ser respeitada e ter o direito de estudar.

Durante os tempos pandêmicos, entre 2020 e 2021, Linn lançou um videoclipe para o remix da música *Tomara*, do seu primeiro álbum, com participação de Davi Sabbag. A música trata sobre sexo e como ele pode ser decepcionante se não houverem variações de estímulos. No vídeo, Linn e Davi são um casal de alienígenas que estão fazendo sexo em sua cama enquanto viajam por diversos cenários futuristas feitos através de chroma key. Após esse lançamento, ainda em 2020, Linn divulgou um videoclipe para a faixa *Bixa Preta Parte 2*, remix da música original que conta com um rap de Jup do Bairro falando sobre a resistência das bixas pretas. O vídeo mostra Linn e Jup sendo transportadas para dentro do universo dos videogames, passando por cenários conhecidos de diversos jogos. Essa música também marcou o fim da parceria de shows entre as duas cantoras.

Em 2021, Linn atuou na série *Manhãs de setembro*, lançada pela plataforma de *streaming* Amazon Prime Video, protagonizada por Liniker, outra importante artista LGBTQIA+ brasileira. A série conta a história de Cassandra, amiga da personagem de Linn, uma travesti que trabalha como motogirl na cidade de São Paulo e que precisa lidar com a notícia de que tem um filho do qual não sabia da existência. Linn também lançou o seu segundo álbum em 2021, chamado *Trava Línguas*, onde a cantora se mostra mais vulnerável, mostrando suas fragilidades para além da resistência. Além disso, o programa *TransMissão* continuou para sua terceira temporada recebendo nomes importantíssimos como Judith Butler.

Para além da música, Linn conseguiu impactar todos os meios midiáticos, transformando-se em uma referência de artista dentro do Brasil. Sua presença nesses lugares demonstra como já evoluímos em relação a representação de pessoas LGBTQIA+ desde 2016, ano em que ela lançou sua primeira música, mas que foi contida à um pequeno público em comparação ao alcance que tem agora. Ter uma travestina televisão e conquistando sucesso internacional no cinema demonstra o potencial que temos dentro do nosso país de dar mais atenção para a diversidade, sem escondê-la debaixo de rostos brancos uniformizados. A televisão, principalmente dentro do Brasil, fornece um senso de valorização do artista, pois é onde se encontram os mais famosos e prestigiados. Porém, não devemos omitir que esse potencial existente vem sofrendo ameaças através de censuras nos mais diversos âmbitos por uma parcela da população que se denomina conservadora e seguidora das morais da família brasileira, família essa que não aceita preto(a), pessoas trans, travestis, lésbicas, gays, bissexuais...São essas pessoas que, enquanto estiverem em cargos de poder, não permitirão a transformação de um pensamento retrógrado que decide o que é certo e errado, impossibilita a conquista de direitos pelas minorias e as condiciona a viverem de maneira limitada.

Eu determino que termine aqui e agora.
Eu determino que termine em mim, mas não acabe comigo.
Determino que termine em nós e desate.
E que amanhã, que amanhã possa ser diferente com elas.
Que tenham outros problemas.
Encontrem novas soluções.
E que eu possa viver nelas.
Através delas.
Em suas memórias.
(ORAÇÃO, LINN DA QUEBRADA, 2019)

Com esse discurso Linn inicia o videoclipe de *Oração*, sua última música original lançada e o vídeo mais assistido no seu canal até o momento, com mais de 1 milhão de

visualizações. Para começar a análise desse videoclipe é necessário contextualizar os aspectos reais presentes no horizonte social e que determinaram o campo discursivo deste vídeo. Em uma *live* de divulgação do seu novo trabalho realizada pela empresa *ONErpm* em novembro de 2019, Linn relatou sua experiência na produção do videoclipe que influenciou uma mudança de perspectiva para o mesmo, criando uma relação sua muito mais emotiva com o trabalho e centrada no contexto em que vivemos.

O clipe passa-se em uma igreja que se dizia abandonada, onde outros artistas, homens cis, já tinham gravado vídeos sem nenhum empecilho. Linn e a sua equipe de produção realizaram todas as medidas legais possíveis junto a prefeitura para garantir, juridicamente, o uso do lugar para a gravação. Dinheiro foi investido para que a produção ocorresse da forma como planejado por Linn, que realizou a direção criativa e o roteiro do clipe. Artistas independentes como Linn, que usam de sua arte uma forma de expressão para representar suas vivências, ainda são pouco reconhecidas por patrocinadores, de forma que o dinheiro investido geralmente vem do próprio artista. A estruturalidade do preconceito que enfrentamos é bem sutil nas suas formas de sustentar suas ideais, fazendo com que ocorra uma manutenção da ordem social.

Então, Linn investiu na limpeza do local para a gravação, o que movimentou a economia local, localizado na Brasilândia em São Paulo, forneceu alimentação a equipe e aos participantes, entre outros gastos que foram realizados para que o roteiro fosse seguido conforme o planejado. No momento da gravação das cenas em conjunto, quando chegaram juntas todas as travestis que participaram do videoclipe, um suposto dono do local apareceu acompanhado por dois camburões da polícia ameaçando quebrar todo o cenário se todas não fossem embora e apagassem aquilo que já tinham gravado. Somente após conseguirem acesso a um advogado dos direitos humanos, um homem cis branco, que o dono do local e a polícia começaram a ficar mais flexíveis, claramente revelando o machismo e a transfobia da situação. Assim, Linn e sua equipe foram disponibilizadas de apenas uma hora para a gravação das cenas que faltavam, o que fez com que ocorresse o corte de muitas ideias planejadas por Linn e mudanças necessárias no roteiro.

Para Bento (2017), a exclusão da população LGBTQIA+ é disfarçada de uma suposta democracia. Há uma suposta cordialidade, baseada nos princípios em que todos temos direito de ir e vir, e isso é o que é visto por pessoas de fora do Brasil tanto às questões LGBTQIA+ quanto as de raça e gênero. Vivemos em uma sociedade extremamente machista no Brasil que faz com que se crie uma cultura política nacional que faz os LGBTQIA+ “limparem” suas marcas de diferença para serem aceitos, da mesma forma com as questões raciais. Sofremos

de um racismo e LGBTfobia cordial, onde não há uma segregação legal e as pessoas *queer* tem o mesmo estatuto que os não *queer*.

A primeira parte do videoclipe, que consiste no texto citado acima falado por Linn, foi toda planejada posteriormente à situação ocorrida. Com esse discurso impactado diretamente pelo horizonte social, Linn transforma da canção em uma possibilidade de explorar outros sentimentos além do amor pelo qual buscava nutrir entre suas iguais. Há então uma violência, já naturalizada na vivência de uma travesti, e que é utilizada para que se exija mudanças, novas soluções e possibilidades. Para Linn, todo esse processo fez sentido, pois a cura pela qual buscava representar é antecedida por uma disputa territorial, marcando que a vontade realizada é sempre daqueles que estão em posição de poder. Isso a fez raciocinar com a cabeça voltada para o presente, focar em mudanças que precisam antes acontecer na atualidade para que se transformem num futuro mais justo. Este futuro que ela se refere ao falar em viver em novas soluções que serão conquistadas através da construção de novas memórias, apresentando diferentes imagens de travestis.

Sua fala acontece através da ação figural representando a imagem de uma *bixa travesty* preta, ela mesma, segurando um facão em um espaço santificado, a luminosidade excessiva e o uso de branco representam o sagrado segundo a visão ocidental, estabelece um paralelo com a religião cristã. Linn já foi testemunha de Jeová antes de começar a expandir o seu corpo, veio de uma forte criação religiosa, onde fala que teve seu corpo “domesticado pela Igreja e pela doutrinação” (PEREIRA, 2016), o que a privava de seus desejos. Primeiro ela utiliza essa música como uma “praga”, tentando se livrar das “ervas daninhas”, imagem representada por ela cortando um *matagal* com o facão. A sua arte é a sua arma para abrir caminhos de solidariedade dentro dela e da sociedade, contra o preconceito que vemos escancarado e ileso.

Assim, questionando o sistema e tudo a que ele se atrela, os sujeitos *queer* irão ocupar uma posição sem localização. Jack Halberstam em seu livro *In a Queer Time and Place* (2005) reúne um conjunto de ideias que o leva a crer na existência de uma temporalidade e uma espacialidade *queer*. Segundo o autor, os usos do tempo e do espaço por pessoas *queer* se desenvolvem em relação oposta às instituições de família, heterossexualidade e reprodução, elas se desenvolvem de acordo com lógicas diferentes de localização, movimento e identificação. Isso já deixa claro que o conceito de *queer* é mais do que apenas uma identidade sexual, é também uma posição política, um modo de vida que ameaça a heterossexualidade.

Figura 1 – Videoclipe *Oração*.



Fonte: *You Tube*, 2019.

O que Linn se propõe através dessa letra e videoclipe é representar a imagem da travesti como uma dádiva, apropriar-se das dores e transformá-las em força. Linn entende que ser travesti a aproxima do seu corpo, a torna responsável pelas suas próprias decisões, acha um privilégio compartilhar suas experiências com outras travestis, criar um espaço de “treinamento ao combate”, ao mesmo tempo em que celebram suas vivências. Sua divindade é chamada de *crisTrans*, onde louvam a um Deus formado por muitos *eus*. Essa imagem ela representa na *Figura 2*, de braços abertos em posição de cruz, clara referência à imagem de Jesus Cristo que morreu crucificado por confrontar um sistema de dominação.

Figura 2 – Videoclipe *Oração*.



Fonte: *You Tube*, 2019.

entre a oração e a ereção
 ora são, ora não são
 unção
 benção
 sem nação
 mesmo que não nasçam
 mas vivem e vivem
 e vem

se homens
 se amam
 ciúmes
 se hímen
 se unem

a quem costumeiramente ama
 a mente ama também
 (ORAÇÃO, LINN DA QUEBRADA, 2019)

Uma das características da escrita de Linn é o jogo de palavras que combina termos com sonoridades parecidas, a ponto de confundi-los e criar um significado mais amplo. Linn descreve suas letras como uma disputa de linguagem, a possibilidade de dar sentido ao seu corpo e fazer as palavras criarem um novo sentido. Nesta letra ela representa o sagrado e o profano, os lados extremos a que Linn se refere à vivência de uma travesti. Da mesma forma que ela está representando atos religiosos de um ponto de vista cristão, através da luminosidade e a utilização de branco, está sendo representada uma religião travesti, uma junção de travestis pretas que estão em processo de cura das suas dores e a celebração de suas experiências. Analisando a letra, a vida da travesti é representada entre a oração e a ereção, em lugar de incerteza entre os dois mundos, desamparadas pela sociedade, mas resistentes com suas aliadas, onde encontram a força através do amor que lhes foi negado. “O interior sagrado – remetendo a uma igreja – é profanado por uma sexualidade não autorizada. O exterior profano – as ruas da cidade – é sacralizado na liturgia da união de corpos que se protegem e se defendem” (ROCHA; REZENDE, 2019, p. 32).

Quando começa a música vai sendo revelada a ambientação, enquanto Linn dança em frente à igreja e canta em um estilo musical de cântico remetendo aos louvores de igreja, acompanhada por um piano e as vozes de outras mulheres, esta cena é representada na Figura 3. As travestis começam, então, a entrar na igreja, com cenas mostrando só seus pés, ainda sem identifica-las. É mostrado também Linn realizando rituais dentro da igreja, representando o processo de cura que ocorre após a disputa que fora representada pelo facão.

Figura 3 – Videoclipe *Oração*.

Fonte: *You Tube*, 2019.

Figura 4 – Videoclipe *Oração*.

Fonte: *You Tube*, 2019.

Enfim, começam a aparecer os rostos das travestis presentes enquanto elas transitam pelo ambiente em volta do piano que está sendo tocado por Liniker. As travestis que atuam no videoclipe são: Liniker Barros, Verónica Valentino, Ventura Profana, Urias, Danna Lisboa, Alice Guél, Ceci Dellacroix, Magô Tonhon, Rainha Favelada, Kiara Felipe, Ana Giza, Maria Clara Araújo e Neon Cunha. São as amigas de Linn, a rede a qual ela criou através do compartilhamento das dores. Juntas, elas estão sanando as feridas para poder recomeçar, todas usando branco que representa uma pureza e delicadeza em contraste às suas histórias já marcadas para serem vidas “erradas”, o branco e o ambiente pixado da igreja representam juntos esses elementos. Linn utilizou da emoção em decorrência dos fatos que antecederam a gravação para criar um ambiente de amparo entre todas, um desabafo de todos os preconceitos que já tiveram que ultrapassar. Todas dividem os vocais com Linn e Liniker canta algumas estrofes sozinha. No filme *Bixa Travesty* é mostrada uma ligação muito forte de amizade entre

Linn e Liniker, relação que já foi retratada também no videoclipe *Intimidade* (2019) de Liniker.

Figura 5 – Videoclipe *Oração*.



Fonte: *You Tube*, 2019.

Figura 6 – Videoclipe *Oração*.



Fonte: *You Tube*, 2019.

Não queimem as bruxas
mas que amem as bixas
mas que amem
que amem
clamem
que amem
que amem as travas também

amém
(ORAÇÃO, LINN DA QUEBRADA, 2019)

Assim começam Liniker e Linn cantar os versos da segunda parte do vídeo. Dentro do campo discursivo Linn está clamando para que “amem” as bixas e as travestis, representando dentro da sua vivência a de muitos dentro da comunidade LGBTQIA+. As travestis são as novas bruxas, queimadas por terem modos de vida contraditórios ao que é julgado como correto pela sociedade. Juntas elas cantam os versos finais ao som dos cânticos de “Ohh...oh”, terminando a música assim como uma oração, realizando um pedido pela solidariedade. O que considero a segunda parte do videoclipe começa com a cena delas ultrapassando o camburão da polícia que tinha tentado impedir a gravação do clipe. Elas estão resistindo à opressão sofrida, confrontando o sistema pelo direito dos seus espaços.

Figura 7 – Videoclipe *Oração*.



Fonte: *You Tube*, 2019.

Começam a aparecer, então, cenas como nas Figuras 8 e 9 que se aproximam dos rostos das travestis, humanizando-as, tornando suas vidas concretas para além do que é representado pela prostituição. São mulheres que reivindicam sua própria realidade longe dos estereótipos sustentados há tanto tempo e que limita seus acessos à sociedade.

Em seu trânsito pelas possibilidades e corporeidades do feminino, Linn encontra na música e nas performances audiovisuais uma forma de construir redes de apoio e de explicitar que já não é mais possível fingir que nós – mulheres e travestis – não existimos. Cada vez mais, Linn quer ocupar, transitar e ressignificar - (n)a música, (n)os corpos, (n)a periferia, (n)os circuitos midiáticos e pós-massivos - para, então, re-existir. (ROCHA; REZENDE, 2019, p. 32)

Figura 8 – Videoclipe *Oração*.

Fonte: *You Tube*, 2019.

Figura 9 – Videoclipe *Oração*.

Fonte: *You Tube*, 2019.

Na Figura 10, elas mantêm o seu lugar em frente à igreja, enquanto o camburão da polícia se retira. A disputa por aquele território foi conquistada por elas. Assim, elas começam a celebrar suas vidas correndo pelo salão da igreja, a finalização de todo o processo de cura representado.

Figura 10 – Videoclipe *Oração*.



Fonte: *You Tube*, 2019.

Figura 11 – Videoclipe *Oração*.



Fonte: *You Tube*, 2019.

Por último, damos “amém” à imagem de todas elas posando como divindades, valorizando sua força e união, cena que perdura em movimento por alguns segundos para apreciarmos suas belezas e voltarmos nosso amor para elas. O vídeo se encerra com os créditos passando ao som de pássaros na natureza, o encontro com o paraíso.

A Figura 12 – Videoclipe *Oração*.



Fonte: *You Tube*, 2019.

O que Linn se propõe a fazer são movimentações de resistência, é um ambiente de luta contra o preconceito, assim ela reverte o machismo presente e imprime em sua arte o olhar de uma “bixa travesty”, celebrando a feminilidade como um poder, transformando-a em fortaleza. Ela quer transformar a imagem que temos da travesti, ou seja, suas representações identitárias, em algo que não tínhamos costume de ver antes. Quer desbancar o sistema cisheteronormativo para abrir espaço para novas convenções e crenças, falando sobre sua negritude, suas ideias sobre gênero e sobre sexualidade. Linn traz em suas produções um enfrentamento, uma forma de ativismo, mas sem deixar de lado seu aspecto pop, escrachado e debochado. “Fala na cara” o que pensa, incomodando os mais conservadores e transforma suas músicas em uma grande celebração dos corpos LGBTQIA+ e suas vivências.

2.2 “ME SINTO UM PEIXE FORA DO AQUÁRIO”: LINIKER

Uma das grandes artistas nacionais da geração atual, Liniker passou por muitos obstáculos para se encontrar no lugar que ocupa hoje. A cantora lançou o seu primeiro trabalho, um EP⁸ chamado *Cru*, em outubro de 2015, junto com a banda Caramelows que vai acompanhá-la nos seus dois primeiros álbuns. Esse EP contou com um vídeo acústico para todas suas músicas: *Zero*, *Louise du Brésil* e *Caeu*. Após o sucesso desse projeto, em setembro de 2016, lança o seu primeiro álbum, *Remonta*, contando com videoclipes para as músicas

⁸ EP é uma sigla que vem do inglês para denominar um “extended play”, formato estendido, usada para classificar um disco longo demais para ser um single, música lançada individualmente, e mais curto que um álbum, também chamado de “long play” ou LP, que contém cerca de doze faixas.

Prendedor de Varal e Sem nome, mas com endereço. Em março de 2019 é lançado o seu segundo álbum, *Goela Abaixo*, que conta com os videoclipes de *Calmô*, *Intimidade* e *De Ontem*. Em seu terceiro álbum, lançado em setembro de 2021, Liniker realiza um projeto solo, sem a banda Caramelows. O álbum até o momento (outubro de 2021) conta com videoclipe para as músicas *Psuu* e *Baby95*.

Nascida em Araraquara em três de julho de 1995, Liniker vem de família humilde, criada somente pela mãe, atravessada pela vivência de ser negra e periférica em um país preconceituoso e desigual. Em uma entrevista para o jornal *El País*, em 2015, no começo da sua carreira musical, Liniker, que ainda se via como homem cis, diz que enxerga seu corpo como sendo político, pois neste momento de tanta opressão é importante colocar-se com essa força, sendo negro, pobre e gay e podendo ser uma potência também, incentivando outras pessoas a colocarem seus demônios para fora (MORAES, 2015).

Aqui no Brasil, carregamos o pensamento de um país colonizado por europeus, os quais detinham o poder financeiro e intelectual acima de outras culturas diferentes – entre elas, a negra e a indígena. Então, foi naturalizada a prática de valorização dos bens culturais da branquitude e a depreciação de todos os elementos que simbolizam a negritude. bell hooks (2019) é uma das principais autoras a lançar um olhar sobre essas questões e dar importância para elas dentro do meio acadêmico, em especial, do ponto de vista do feminismo negro⁹. Segundo Hooks (2019, p. 50), “a desconstrução da categoria ‘branquitude’ é essencial para esse processo de desaprender atitudes e valores supremacistas brancos”.

Foi uma longa trajetória para que o movimento de mulheres negras conquistasse o reconhecimento das diferenças e a diversidade da categoria mulheres. Para Sueli Carneiro (2019), o racismo rebaixa o status do gênero dentro da luta por igualdade.

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil. (CARNEIRO, 2019, p. 275)

A exigência por direitos das mulheres negras, maior do que a luta feminista, é também uma luta racial. Dessa maneira, elas também impactaram o movimento negro brasileiro, instituindo o gênero como elemento estruturante das desigualdades raciais. Assim, temos que partir do princípio que questões de raça e de gênero provocam uma profunda desigualdade

⁹ Foi utilizado bell hooks como referência por ser uma pesquisadora importante dentro das questões raciais, porém se reconhece que existem autoras nacionais que também se debruçam sobre as mesmas questões e que serão, também, acionadas quando for adequado.

que se sobrepõem à sexualidade. A discriminação que, por exemplo, uma travesti negra sofre em relação a um homem cis gay branco é muito diferente, pois ele, embora também sofra preconceito, ainda carrega os privilégios de ser homem cis e branco.

Hooks (2019) acredita que é necessário aceitar as diferenças para poder trabalhar pela solidariedade. Portanto, homens e mulheres brancos/as têm o dever de ter conhecimento de lugar de privilegiado, saber que quem detém o poder é a supremacia branca e que essa dominação racista impacta de maneira muito distinta a vida dos marginalizados. Não somos vítimas passivas da socialização, podemos e devemos aprender mais sobre as maneiras que o racismo opera nas nossas relações com o mundo, para assim visualizarmos mudanças em nossas práticas.

Escrevo essa dissertação através do meu olhar de homem cis, gay e branco. Seguindo os pensamentos que Djamila Ribeiro (2017) traçou sobre os lugares de fala, todas as pessoas possuem determinada localização social que lhes proporciona experiências distintas e outras perspectivas. A partir daí, pessoas que, como eu, fazem parte do grupo social privilegiado precisam enxergar as hierarquias produzidas e como suas posições influenciam o lugar dos grupos subalternizados. “Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal” (RIBEIRO, 2017, p. 70). Isso não significa que devemos restringir a troca de ideias, mas pensar nas questões de desigualdade e entender que temos distintas localizações sociais.

A legitimação da branquitude provocou um silenciamento das vozes negras e isso invalida os saberes produzidos por esse grupo. Pessoas negras foram estimuladas a desvalorizarem sua cultura para que pudessem conquistar um lugar de sucesso, lugar que jamais seria equiparado ao valor que é dado para um branco realizando as mesmas funções. Os efeitos da supremacia branca se espalham para questões afetivas, questões de subjetividade, de saúde, mercado de trabalho, violência e chega aos meios de comunicação. Ambos, o racismo e o sexismo, foram naturalizados na mídia, contribuindo para a solidificação de estereótipos que vêm sendo perpetuados durante anos, dificultando a afirmação da identidade racial e sua valorização (CARNEIRO, 2019). Segundo Liv Sovik (2002), os meios de comunicação e os produtos culturais de massa são responsáveis por veicular a cultura hegemônica, em sua articulação instável de diferenças, o que resulta em uma aparência geralmente branca, pois a branquitude tornou-se um projeto para a Nação, uma auto-imagem positiva. “O estudo da branquitude pode esclarecer as formas em que o racismo

brasileiro é cordial, como suaviza os contornos de categorias raciais enquanto mantém as portas fechadas” (SOVIK, 2002, p. 11).

O impacto provocado por essas questões é refletido nos produtos midiáticos produzidos por artistas LGBTQIA+ pretas. As vivências como LGBTQIA+ interseccionadas com suas experiências como pretas provocam um distanciamento das experiências de LGBTQIA+ brancas e, devido a isso, as formas de representarem o preconceito e a discriminação em suas performances artísticas acabam focando em diferentes problematizações. Seus corpos são marcados pela cor desde o momento de seu nascimento e, junto a isso, atrelados às imagens representadas de pessoas pretas na mídia, a qual continua mantendo a lógica racista de estigmatizar o homem negro como viril, masculinizado, e a mulher negra com exacerbada sensualidade e curvilínea. Como LGBTQIA+ e pretas não possuem a identificação com nenhuma dessas imagens o que tornam as pressões sociais mais intransigentes para essas pessoas. Então, combinam suas vivências com as referências musicais vindas da cultura negra e que também são uma forma de demarcarem esse espaço de representação tanto dentro da comunidade LGBTQIA+ quanto da comunidade negra, mantendo a preservação dessas histórias. Dessa forma, as expressões artísticas desses (as) artistas LGBTQIA+ vão recorrer ao mesmo tempo às influências que possuem devido a sua raça quanto a sua sexualidade. A junção destas duas instâncias produz uma diversidade de olhares para dentro da causa LGBTQIA+.

Liniker surge como artista musical, junto com sua banda Os Caramelows, através do lançamento do EP *Cru*, em 2015, que conta com três músicas de autoria da própria cantora; são elas: *Zero*, *Louise du Brésil* e *Caeu*. Marcadas pela sua voz potente e sua presença de palco marcante, apresentando-se nos vídeos acústicos das músicas com um turbante, batom, bigode, brincos grandes e saia, logo gerou grande repercussão. Em uma semana as três músicas alcançaram 5 milhões de visualizações no *You Tube*, conquistando o público pelo swing da *black music*.

A gente fica mordido, não fica?
Dente, lábio, teu jeito de olhar
Me lembro do beijo em teu pescoço
Do meu toque grosso, com medo de te transpassar
(ZERO, LINIKER E OS CAMELOWS, 2015)

As composições de Liniker tratam muito sobre o amor a partir das vivências da cantora que começou a compor aos 16 anos, quando escrevia cartas de amor e não tinha coragem de entregar para os meninos de quem gostava (MORAES, 2015). Rose de Melo

Rocha e Thiago Tavares das Neves (2018), em um artigo onde analisam as performances de Liniker, apontam que o “corpo trans que canta performa existências, como se o espaço constituído por e em torno desta sonoridade corporificada funcionasse como matriz simbólica de perspectivas bastante concretas de vida e afirmação subjetiva” (ROCHA; NEVES, 2018, p. 3). *Zero* foi a primeira canção de Liniker e os Caramelows a “estourar” no Brasil, contando hoje com mais de 33 milhões de visualizações no *You Tube* (MORAES, 2015). Quando foi lançado o vídeo da música gravado ao vivo na casa de um dos integrantes da banda em Araraquara (MALTA, 2019), o que mais marcou foi a voz de Liniker, sua composição carregada de um amor dramático e sua imagem andrógina. Liniker veste roupas ditas femininas enquanto ainda carrega características masculinas, como o bigode e, isso, contribui para a construção de uma imagem que podemos denominar *queer*.

No entendimento *queer* os indivíduos não possuem uma identidade sexual e de gênero estabilizada, sendo assim, partem para uma avaliação dos sistemas classificatórios que hierarquizam as identidades e determinam quais normativas devem ser consideradas aceitáveis. A teoria *queer* desafia essa lógica normalizadora que cria uma ilusão de sujeitos estáveis, comportados dentro de limitações definidas por categorias de gênero e sexualidade. “O *queer* mantém, portanto, sua resistência aos regimes da normalidade, mas reconhece a necessidade de uma epistemologia do abjeto baseada em investigações interseccionais” (MISKOLCI, 2007, p. 11). Assim, procura contestar as estruturas familiares e de parentesco que se baseiam em genética para unificar as identidades, de forma a reorganizar as comunidades através de afiliação ou junção de interesses comuns e causas que dialogam entre si.

Esse é o pensamento que é passado por parte dos (as) artistas LGBTQIA+ dentro do Brasil; eles associam-se a imagens desgenerizadas através da estética de suas roupas, videoclipes, fotografias em redes sociais e em seus trabalhos musicais. Possuímos essa referência *queer* na música, através de Ney Matogrosso desde a década de 70, quando realizava suas performances com maquiagens e roupas exageradas, sem distinção definida de gênero e realizando movimentos de dança considerados mais femininos por utilizar bastante da sensualidade corporal e a movimentação característica do quadril. Atualmente, grande parte dos novos artistas LGBTQIA+ na música são *drag queens*, homens cis gays que personificam o gênero feminino em suas carreiras musicais, o que chega até a confundir o público menos informado que, às vezes, os enquadraram como mulheres. Artistas trans também

vêm conquistando mais espaço na mídia e utilizam dessa plataforma para debater questões do sistema binário, apresentando suas maneiras de reagir a essas normas de organização.

Já a partir do lançamento do primeiro EP, Liniker e os Caramelows começam a ganhar certa notoriedade, com Liniker concedendo entrevista ao jornal *El País*, como já mencionado aqui, saindo em matérias de veículos como *Rolling Stone Brasil* (2016), *Billboard Brasil* (2016), *Soul Guru Sounds* (Alemanha) (2015), *AfroPunk* (Estados Unidos) (2015), entre outros, juntamente, enquanto se preparava para sair em turnê nacional e internacional ao lado de sua banda. Em 2016, eles começam o processo de gravação, de forma independente, do seu primeiro álbum, *Remonta*, que teve ajuda de financiamento coletivo através da plataforma *Catarse*. O álbum foi lançado em setembro de 2016 e transformou as cartas de amor nunca enviadas de Liniker em canções sensíveis que retratam as questões do coração, com arranjos que misturam a *black music* com a música contemporânea brasileira. Cantar suas cartas nunca enviadas remete a um confronto da artista a um duplo silenciamento inscrito na sua existência, a homossexualidade e da condição negra. Um corpo que canta participa de um enfrentamento da subalternidade, inclusive daquela implícita nas interpretações que apenas reconhecem a visibilidade de pessoas “fora do eixo” cisheteronormativo quando estão sob os registros do folclórico e/ou exótico, aceitando essa posição e agindo docilmente. Isso que acontecia com as representações de trans e travestis brasileiras, que eram acolhidas pela mídia sob a alcunha de “transformistas”, inserindo-se no mundo do showbiz, do carnaval e programas de auditório. Na perspectiva dos olhares hegemônicos, em contraste a essas “boas travestis” incluídas na mídia, existiam as más, aquelas que trafegavam pelas ruas em situação de vulnerabilidade ou prostituição (ROCHA; NEVES, 2018).

Pensei numa canção, meu bem
Que falasse de amor, então vem cá
Me dá um beijo, que eu quero
Teu cheiro grudado no meu edredom
(TUA, LINIKER E OS CAMELOWS, 2016)

Com este álbum, Liniker e os Caramelows alcançaram um novo patamar, levaram as músicas do disco em turnê pelo Brasil e em países como Espanha, Alemanha, Portugal, França, Inglaterra e Estados Unidos. Foram gravados videoclipes para as músicas *Prendedor de Varal*, no qual a banda faz referência à Tim Maia na letra (“Não adianta vir com guaraná que eu quero chocolate”), enquanto dançam dentro de televisores antigos em um vídeo filmado em 360 graus, e *Sem nome, mas com endereço*, o qual será analisado mais adiante por ser o videoclipe de maior visualização no canal da banda no *You Tube*.

Durante toda evolução de sua transformação em celebridade, Liniker experienciava seu processo de transição, passando a compreender-se dentro de uma identidade feminina. Em entrevista para a revista *Marie Claire*, em março de 2019, quando perguntada sobre em que momento se entendeu mulher, Liniker responde que sempre soube, mas que custou a entender que podia ser outras coisas, ter outro corpo. Quem a ajudou a entender seu corpo de outras formas foi Linn da Quebrada; as duas moraram juntas enquanto faziam escola livre de teatro, em Santo André, em 2014 (MALTA, 2019). Liniker teve seu processo de transição em vista o tempo todo e sempre muito questionada em entrevistas sobre como passou a se identificar de um homem cis gay que utilizava roupas “femininas”, para uma mulher trans.

Stuart Hall (2012) descreve, em *Quem precisa da identidade?*, que as identidades estão em processo constante de transformação, são fragmentadas e construídas ao longo de discursos. Como elas são construídas dentro dos discursos, devemos encará-las como produtos de estratégias e iniciativas pré-determinadas. Para Hall (2012), o que as define é muito mais o seu poder de exclusão do que propriamente sua unidade identitária. Ao afirmar certa identidade ou enunciar alguma diferença, os grupos sociais, assimetricamente distribuídos, buscam garantir acesso privilegiado a bens sociais. Identidade e diferença participam, então, de um sistema de qualificação que a sociedade produz para garantir a ordem à vida social de uma maneira que nos baseamos em oposições binárias para hierarquizar as identidades entre aquelas que devem deter o privilégio e outras que serão discriminadas e vistas como “anormais”. “Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados” (SILVA, 2012, p.82). Quem detém esse poder acaba por garantir o status de normalidade para sua identidade e faz com que seu paralelo seja invisibilizado. Dentro da nossa sociedade essa normalização torna homens héteros brancos os favorecidos em prejuízo de diminuir o que foge desse padrão, determinando uma desigualdade de gênero, racial e sexual. Esses excluídos devem seguir as regras dessas identidades privilegiadas na hierarquia para poderem obter algum equilíbrio no poder. Como podemos ver, essas dicotomias são criadas como uma forma de tornar possível uma classificação desigual entre os grupos sociais.

Como tratado por Foucault (2014), desenvolveram-se táticas de produção de conhecimento sobre sexo. De modo sintético, para o autor, criou-se um dispositivo de sexualidade como uma maneira de controlar o saber sobre sexo. A partir desse dispositivo instala-se um sistema de regras que define o que é permitido e o que é proibido com base em conceitos gerados por aqueles que detêm o poder, ou seja, a serviço da Igreja e do Estado.

Através dessas concepções são criadas as subjetividades e os sujeitos são formados através delas. Os ideais sobre sexualidade foram, dessa maneira, definidos e sustentados até hoje baseados na naturalização da cis-heterossexualidade e a condenação de tudo que fuja dessa norma.

A mídia, junto com essas instituições de poder, tornou-se um instrumento para marcar os corpos socialmente, simbolicamente e materialmente. Seus produtos dificilmente buscam contribuir para a desconstrução do sistema ideológico conservador, realizam ações apenas dentro do seu interesse comercial que atualmente está ampliando-se para atender algumas minorias sociais.

As marcações sociais são infligidas em nossos corpos desde o momento de nossa concepção. Antes mesmo do nascimento, um bebê já é definido por um sexo biológico que carrega consigo um conjunto de códigos que devem ser seguidos, marcas que buscam a distinção clara entre o feminino e o masculino. Essas marcações produzem efeitos em nossos corpos e mentes, porém, Louro (2003) afirma que os sujeitos não ficam passivos a esses efeitos, eles “[...] respondem, resistem e reagem, como também intervêm em seus próprios corpos para inscrever-lhes, decididamente, suas próprias marcas e códigos identitários e, por vezes, para escapar ou confundir normas estabelecidas” (LOURO, 2003, p. 3).

Atualmente convivemos com uma multiplicidade de sexualidades e definições de gênero que já extrapolam as classificações binárias. As ambiguidades deixam de ser uma questão apenas para corpos transexuais, todos os indivíduos tem o direito de reconhecer o caráter fluído de suas identidades sexuais e de gênero. A teoria *queer* realiza seus estudos sob esse entendimento de desconstrução das estabilidades identitárias, questionando a cisheteronormatividade e as lógicas que operam em binarismos como forma de limitar as experiências dos sujeitos. Dessa forma, o *queer* denuncia os efeitos que essas práticas normalizadoras realizam principalmente nas minorias segmentadas e excluídas do poder.

Muitas artistas trans utilizam do próprio corpo como uma arma semiótica e política, como máquina de enunciação. Seus corpos são uma usina de poder, uma potência de perturbação comunicativa que provoca ruídos nas linearidades, ocupando os espaços sociais de que estavam excluídas, como a arte e a música (ROCHA; NEVES, 2018). “É no comunicar-cantar, em um modo específico de comunicar, que o trans, como potência performativa e estratégia ruidosa, materializa uma ação original de fala e convida a uma re-ação também original de escuta” (ROCHA; NEVES, 2018, p. 8).

Impactada por questões como essas, que são intrínsecas à sua identidade, Liniker começa as divulgações do segundo álbum da banda, primeiramente lançando, em 2018, as

músicas *Lava* e *Calmô*, antes do lançamento do segundo álbum completo. *Calmô* conta com um videoclipe onde é mostrado um casal de lésbicas andando de moto ao som da canção, enquanto passam por belas paisagens na beira da estrada. Liniker também aparece no vídeo cantando a música em movimento pela estrada. A letra expressa os sentimentos de uma pessoa que está apaixonada e a sensação boa que isso traz. É muito expressiva a escolha de representação de um casal lésbico para a música, pois a relação entre mulheres é pouco retratada na mídia e quando retratada acaba na maioria das vezes terminando em solidão.

Pela manhã, quando você acorda
O teu sorriso tão ligeiro vem me despertar
Vagarosa, formosa menina
Tem calma, tem jeito, tem também
O coração tranquilo, coração de alguém
De alguém
(CALMÔ, LINIKER E OS CAMELOWS, 2018)

Em março de 2019 é então lançado o segundo álbum, *Goela Abaixo*, mais uma produção independente, mas dessa vez contemplado com o edital Natura Musical¹⁰. O disco conta com treze faixas, incluindo *Lava* e *Calmô*, e foi muito bem avaliado pela crítica, sendo indicado ao Grammy Latino de Melhor Álbum Pop Contemporâneo em Língua Portuguesa de 2019. Com esse álbum a banda saiu em turnê pelo Brasil e por outros países; Liniker conquistou grande destaque na mídia sendo capa de revistas como *Marie Claire*, *Claudia* e *Glamour*. A presença de Liniker nesses veículos de imprensa de grande porte mostra a importância de termos figuras fora da cisheteronormatividade para servirem como referência e representar os grupos estigmatizados.

Kathryn Woodward (2012) traça relações entre identidade e representação. Para ela, “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (WOODWARD, 2012, p.18). Devido a isso, a ausência de representação pelos sistemas simbólicos acaba por fornecer novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais, formando novos meios pelos quais certos grupos são excluídos e estigmatizados. Silva (2012) reafirma essa visão ao declarar que através das representações, a identidade e a diferença se ligam aos sistemas de poder. Dessa forma, ambas adquirem um sentido o que faz com que elas sejam concretizadas na vida social mediante atribuição de significados.

¹⁰ Natura Musical é um projeto da marca de cosméticos Natura, criado em 2005, que visa o fomento e a valorização da cultura no Brasil através do uso de recursos incentivados. Todos os anos são selecionados projetos para serem patrocinados através de um edital, processo que conta com a curadoria de profissionais da música até chegar ao resultado final.

Quando se trata da representação midiática, a qual é o foco desta pesquisa, Murilo César Soares (2007) comenta que “os meios de comunicação modernos são a concretização tecnológica máxima da ‘representação’ no sentido da figuratividade da imagem” (2007, p. 51). A comunicação midiática tem o poder de influenciar a sociedade a exaltar alguns assuntos e naturalizar algum viés, da mesma forma que pode difamar e estereotipar certos grupos sociais, gêneros, sexualidades, raças e outras marcações identitárias. Sempre é selecionado um enquadramento, alguma ideologia que é reproduzida pelos seus criadores (as), sejam eles (as) autores (as), produtores (as) ou financiadores (as) dos projetos. Cada meio com a sua forma, todas as representações midiáticas procuram de alguma maneira alcançar o objetivo de persuadir e manter o interesse do espectador.

Em junho de 2019, Liniker e os Caramelows lançam o videoclipe para a música *Intimidade*, presente no segundo álbum da banda. O vídeo apresenta cenas de Liniker e Linn da Quebrada em momentos de afeto, relembrando o tempo em que moravam juntas em Santo André, celebrando a intimidade que a amizade entre as duas possibilita. A música relata sobre uma relação de intimidade com outra pessoa, demonstrando os sentimentos que isso traz através de seu cotidiano.

Vem me visitar de madrugada
Colocar tua mão em mim que eu deixo
Sem pressa você chega e fica
Eu finco afeto nesse peito
Três dias sendo leito
Mamando no peito desse calor que é bom
(INTIMIDADE, LINIKER E OS CAMELOWS, 2019)

Com o videoclipe da música *De Ontem* a banda encerra a divulgação do álbum *Goela Abaixo*. O vídeo, lançado em fevereiro de 2020, mostra uma celebração de carnaval onde Liniker começa a flertar com um homem, depois trocando beijos com ele. A composição de Liniker trata mais uma vez sobre a temática de um relacionamento amoroso, criando associações metafóricas para situações cotidianas. Liniker apresenta em suas composições uma visão, compartilhada com a sociedade no geral, de um amor que é intocável, absolutamente bom e ideal. Jurandir Freire Costa (1998) aponta que o amor ideal esconde os compromissos culturais, pois é apresentado como sendo espontâneo, e não um aprendizado de regras de satisfação pessoal, de admiração mútua e de administração da habilidade de ter o êxtase, que é basicamente o que o amor romântico oferece. Todos aprendem que o amor é natural, enquanto na realidade ele é uma invenção, assim como a invenção do religioso. Sob uma ótica de naturalidade, quando não se tem a capacidade de realizar o amor, apontamos o

defeito para dentro de si. Quando se inicia a criar o valor cultural do amor romântico, no final do século 18, acontece um remanejamento do passado de todas as imagens à disposição para dar legitimidade ao que se está defendendo, ou seja, os elementos do amor paixão com o amor platônico, a “caritas” (caridade) cristã, o amor cortês medieval etc. (COSTA, 1998).

Foi com o romantismo que o amor se deslocou para a esfera do privado, com um grande movimento de interiorização dos sentimentos que acabou tornando-o um problema individual. Isso levou a um regime repressivo que entendia quem amava apenas para gozar sexualmente como um egoísta, libertino, desviante, incitando a sexualidade apenas como lenha para a fogueira dos sentimentos. Era como se a unidade um com o outro fosse pelo magnetismo que a sexualidade dá, porém ela não podia perder o freio, senão poderia reverter em um novo egoísmo, que estava na base de qualquer amor. Para se libertar dessa forma de amar precisamos perceber que estamos articulados com coisas maiores e deixar de representar o parceiro como uma subespécie entre as coisas que nos dão satisfações prazerosas. “O amor hoje é vivido como deficiência, frustração. Isso nos mantém sempre num estágio afetivo infantilizado, o de alguém que nunca cumpre o que quer para si, em vez de estar renovando os estilos de vida com os outros” (COSTA, 1998).

De ontem, quando cê abriu a porta do elevador da casa tua
Foi como se eu estivesse nua e inteira, camuflada nas retinas do teu olhar
Coisa de bicho, olhos de Lua e a sua íris crua na memória fotográfica
Que não me pesa guardar para lembrar naquele depois
Que eu fico comigo
(DE ONTEM, LINIKER E OS CAMELOWS, 2019)

Após 5 anos de trajetória juntos, a banda Liniker e os Caramelows anuncia sua separação também em fevereiro de 2020, decidindo seguir caminhos distintos com projetos paralelos (ANTUNES, 2020). Após esse anúncio, em outubro de 2020, Liniker lança o seu primeiro single em carreira solo, a música *Psiu*, que conta com um videoclipe com elementos psicodélicos, gravado no meio da natureza. A composição, como de costume de Liniker, trata dos sentimentos de amor, medo e calma de forma metafórica, como coloca em:

Borrifou um segredo pra fazer a Lua
Temperou com calma teu desassossego
Empanou com areia tua calma santa
Salvou um beijo
(PSIU, LINIKER, 2020)

Em novembro de 2020 Liniker foi anunciada como protagonista de *Manhãs de Setembro*, a primeira série de ficção brasileira original da *Amazon Prime Video*. Na trama, ela vai interpretar Cassandra, uma mulher que trabalha como motogirl no centro de São Paulo e sonha em ser cover da Vanusa. A história tem uma reviravolta quando a personagem reencontra sua ex que reaparece com um menino, afirmando ser filho de Cassandra (CORREIO DO POVO, 2020). A série, que teve sua estreia em 25 de junho de 2021, atribui representatividade¹¹ para questões de pessoas trans que normalmente vemos sendo invisibilizadas pela mídia, colocando uma mulher trans no papel principal de uma série para uma famosa plataforma de *streaming*. A importância das representações que circulam na mídia diz respeito ao sentimento de pertencimento provocado nas pessoas da comunidade LGBTQIA+, para que de alguma forma elas possam se conectar com um discurso que não seja preconceituoso ou que busque seguir o padrão cisheteronormativo. “Liniker é esse corpo que resiste através de sua música, de sua arte, bagunçando fronteiras de gênero, sexuais, artísticas, musicais e transformando constantemente seu corpo em plataforma política de combate ao racismo, à homofobia, à transfobia” (ROCHA; NEVES, 2018, p. 9).

O primeiro álbum solo de Liniker foi lançado em setembro de 2021 e se chama *Indigo Borboleta Anil*. Nele, a cantora continua abordando temas como o afeto, o romance e a sua ancestralidade. Até o momento (outubro de 2021) foram lançados videoclipes para as músicas *Psiu*, já comentada aqui, e *Baby95*. Em *Baby95* Liniker está flertando com alguém, relatando as delícias de um romance e é essa relação que é retratada no videoclipe, mostrando Liniker em uma rotina casual com o seu parceiro, trocando carícias e dançando juntos.

Baby, vem dormir comigo
Baby, sente a luz do Sol
Baby, sussurrar no ouvido baixinho
Que acordar comigo é um travesseiro de manhã
(BABY95, LINIKER, 2021)

Após apresentar a análise cultural contextual da carreira musical de Liniker, seguimos para análise do videoclipe de maior número de visualizações da artista na plataforma *YouTube*. *Sem nome, mas com endereço* conta com mais de 4 milhões de visualizações atualmente (outubro de 2021) e se tornou um dos maiores sucessos de Liniker e os Caramelows. A música é atravessada pelo horizonte social apresentado como a realidade de Liniker, influenciada por suas marcações sociais na hora de compor suas canções. Sendo assim, é uma visão do amor através dos olhos de uma trans preta, as quais normalmente são silenciadas e

¹¹ Representatividade é uma política de representação, representação é a construção discursiva.

objetificadas pela sociedade, tornando o relacionamento amoroso algo difícil de ser alcançado. O afeto para mulheres negras é negligenciado, ainda mais para as trans, constantemente são colocadas em um lugar de sigilo, como uma relação proibida. Esta é uma carta de amor a ser entregue sem nome, mas com endereço.

Você tem flores na cabeça
 E pétalas no coração
 Tem raízes nos olhos, excitação
 Acalanta o meu coração
 Me sinto um peixe
 Fora do aquário, dá pra ver
 (SEM NOME, MAS COM ENDEREÇO, LINIKER E OS CAMELOWS, 2016)

Liniker inicia o videoclipe encarando um homem tendo ao fundo uma paisagem paradisíaca de pôr do sol em um lago. Após essa introdução, o homem vira de costas a Liniker e, agora em um plano aberto, vemos que ele carrega uma gaita. Ambos começam a se afastar um do outro, adentrando o lago, enquanto o homem começa a tocar a gaita e inicia a melodia da música. Assim, Liniker aparece cantando os versos iniciais da canção, dentro do lago, brincando com a água e enfeitada de flores. Em certo momento é mostrada uma flor despedaçada boiando na água em uma cena em preto e branco. Liniker está se referindo, tanto na letra como no vídeo, a um amor imaginário, um amor que ela está vivendo sozinha. A cena da flor despedaçada representa o sentimental da cantora, como ela se encontra sentindo-se um “peixe fora do aquário”, experiência compartilhada com muitas pessoas LGBTQIA+ que não se veem aceitas na sociedade, excluídas de obter certos privilégios sociais e de vivenciar plenamente sentimentos como o amor romântico.

Figura 13 – Videoclipe *Sem nome, mas com endereço*.



Fonte: *You Tube*, 2017.

Figura 14 – Videoclipe *Sem nome, mas com endereço*.



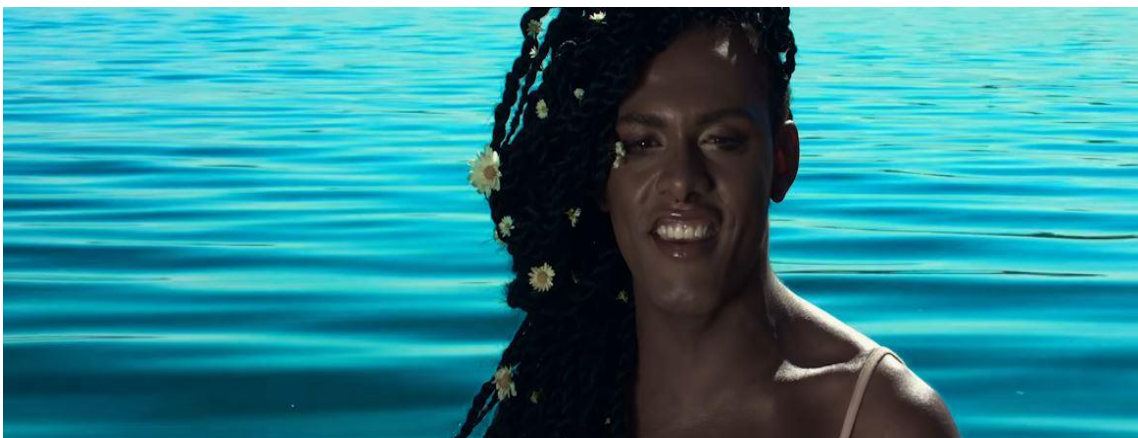
Fonte: *You Tube*, 2017.

Figura 15 – Videoclipe *Sem nome, mas com endereço*.



Fonte: *You Tube*, 2017.

Figura 16 – Videoclipe *Sem nome, mas com endereço*.



Fonte: *You Tube*, 2017.

Tô indo pro imaginário do teu peito
No compasso do que faço
Aperto o passo, encontro o teu jardim
No paraíso das manhãs
Pétalas brancas caem em mim
Eu vejo você vindo
(SEM NOME, MAS COM ENDEREÇO, LINIKER E OS CAMELOWS, 2016)

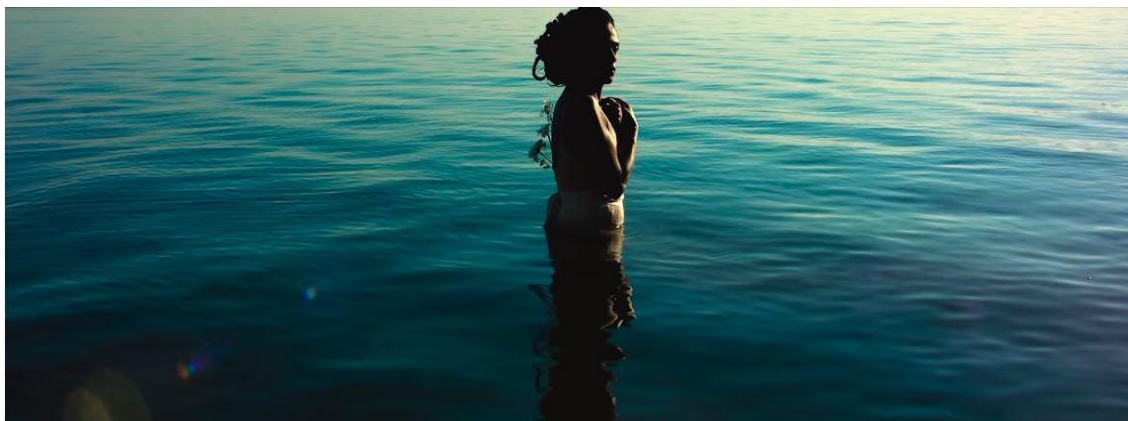
A letra da música continua a referenciar o desejo de um encontro amoroso, falando em pétalas brancas como metáfora para os sentimentos bons que a paixão traz, pétalas tais como as que Liniker está ornamentada no videoclipe nos braços, nas costas, no cabelo, como se estivesse florescendo. Estas flores e pétalas vão se desfazendo ao longo do vídeo, com Liniker jogando água em cima delas ou quando ela mergulha um buquê de flores no lago em mais uma cena em preto e branco, buscando representar o choque entre a realidade e o imaginário construído sobre o relacionamento.

Figura 17 – Videoclipe *Sem nome, mas com endereço*.



Fonte: *You Tube*, 2017.

Figura 18 – Videoclipe *Sem nome, mas com endereço*.



Fonte: *You Tube*, 2017.

Figura 19 – Videoclipe *Sem nome, mas com endereço*.



Fonte: *You Tube*, 2017.

Me pega pela mão
Te dou meu coração
Deixo você entrar
Me pega pela mão
Te dou meu coração
Deixo você entrar
(SEM NOME, MAS COM ENDEREÇO, LINIKER E OS CAMELOWS, 2016)

Ao cantar esses versos, Liniker aparece rodeada de pessoas que começam a tocá-la por todo o corpo e depois começam a tocar os corpos um dos outros, encenando carícias. É a permissão, a qual Liniker fala na letra da música, que está sendo representada, está se deixando entregar a outros corpos, abrindo seu coração para viver uma paixão mesmo com todas as inseguranças que carrega. Essas inseguranças são baseadas em nosso senso de diferença sobre a sexualidade e o gênero, o qual cria um sistema desigual baseado apenas na lógica hegemônica. Miskolci (2007) ressalta a questão de que as diferenças operam interseccionalmente, ao mesmo tempo em que a constituição social das raças ocorreu devido ao acesso desigual ao poder que criou relações discriminatórias, também se atribuiu um gênero que seria marcado como socialmente menos valorizado, o feminino. Como mulher trans preta, Liniker enfrenta o preconceito e as limitações que ele traz em todos os âmbitos de sua vida.

Figura 20 – Videoclipe *Sem nome, mas com endereço*.



Fonte: *You Tube*, 2017.

Após a cena do toque entre corpos, a música atinge o seu clímax final com batidas mais fortes de bateria e guitarra. Assim, cenas vão alternando como a de uma mulher desmanchando a maquiagem de flores de Liniker, pessoas destruindo flores e jogando-as na água, atirando água para todos os lados e imergindo no lago até ficarem só com uma mão para fora. Essas são representações de quando alguém se deixa entregar à uma paixão e é tomada pelo turbilhão de sentimentos que isso acarreta, muitas vezes se machucando e machucando a outros. Como podemos perceber, as músicas de Liniker tratam muito sobre esta temática que aborda o amor de uma forma realista, marcado pelas questões sociais que o circundam.

Figura 21 – Videoclipe *Sem nome, mas com endereço*.



Fonte: *You Tube*, 2017.

Figura 22 – Videoclipe *Sem nome, mas com endereço*.



Fonte: *You Tube*, 2017.

Figura 23 – Videoclipe *Sem nome, mas com endereço*.



Fonte: *You Tube*, 2017.

Figura 24 – Videoclipe *Sem nome, mas com endereço*.



Fonte: *You Tube*, 2017.

Através de sua arte, Liniker busca dar voz para os sentimentos de outros corpos trans e pretos como o dela, abrir os olhos da sociedade para vivências que fogem da cultura cisheteronormativa, já tão difundida a ponto de se tornar o único modo de vida possível e aceitável a todos. Assim, com músicas que exploram de forma poética e sensível a vida de uma mulher trans preta, a cantora faz ecoar sua voz por todos os espaços, pelas redes sociais e

a grande mídia, fazendo com que esses lugares sejam ocupados por sujeitos subalternos, normalmente invisíveis socialmente ou vistos de forma desumanizada, ideias contrárias às representações feitas por Liniker e as quais ela busca combater, abordando as questões sociais por um viés mais pessoal.

2.3 UM “BATIDÃO TROPICAL”: PABLO VITTAR

Hoje considerada uma das cantoras pop mais influentes dentro do Brasil, Pablllo Vittar derrubou muitas barreiras para chegar nesse momento da sua carreira. Nascida em 1 novembro de 1993 em São Luís, no Maranhão, Pablllo foi criada em uma casa humilde, sem nunca conhecer o seu pai, mas sempre contou com o apoio de sua mãe, que permitiu que ela fosse ela mesma, sem repressão (MERLO, 2020). Pablllo identifica-se como um homem cis gay que usa da arte *drag* como seu trabalho. É utilizado o pronome feminino para referir-se a ela, pois enquanto artista ela está performando tal gênero. Isso pode gerar muita confusão, ao passo que certas vezes Pablllo já foi classificada como mulher em alguns veículos de mídia, questão que a própria procura desmentir, afirmando sua identidade masculina. Para Bento (2017), a dialética, como metodologia de análise da realidade, não é capaz de entender as fissuras, as diferenças, as exclusões. “Construir conceitos referenciados na binaridade e universalidade produz uma violência epistemológica sutil, porque contribui para reproduzir invisibilidades” (BENTO, 2017, p. 48).

Vittar montou-se pela primeira vez no seu aniversário de 18 anos e a partir daí passou a dividir a rotina entre shows, em que cantava vestida de *drag queen*, e o trabalho de telemarketing. Quando começou a ganhar mais com as apresentações, largou o trabalho e começou a se dedicar completamente à carreira de cantora (MERLO, 2020).

No início apresentando-se somente com covers de músicas, Pablllo lançou sua primeira música em outubro de 2015, quando tinha 21 anos. *Open Bar*, uma versão em português com ritmos “abrasileirados” de *Lean On*, música de sucesso do grupo Major Lazer, teve mais de 1 milhão de visualizações no You Tube em menos de quatro meses. O clipe, gravado na piscina da casa de um amigo, foi o princípio do grande sucesso e transformação que Pablllo faria no cenário musical brasileiro (FINCO, 2017). A discografia de Pablllo Vittar começa com o lançamento do EP *Open Bar*, em dezembro de 2015, que conta com versões brasileiras de sucessos do pop internacional. Para esse lançamento Pablllo fez videoclipes das músicas *Open*

Bar e Minaj. O álbum de estreia *Vai Passar Mal* foi lançado em janeiro de 2017 e foram feitos videoclipes para as músicas *Nêga*, *Todo Dia*, *K.O.*, *Corpo Sensual*, *Então Vai* e *Indestrutível*.

O segundo álbum de Pablllo, chamado *Não Para Não*, foi lançado em outubro de 2018 e contou com os videoclipes das músicas *Problema Seu*, *Disk Me*, *Seu Crime* e *Buzina*. Em seu terceiro álbum, *III*, Pablllo experimentou cantar em outras línguas como inglês e espanhol. O álbum foi dividido em duas partes, a primeira sendo lançada em outubro de 2019 e o álbum completo liberado em março de 2020, contando com os videoclipes das músicas *Flash Pose*, *Parabéns*, *Amor de Que*, *Clima Quente*, *Tímida* e *Rajadão*. Em novembro de 2020, Pablllo lançou a versão *deluxe* do álbum *III*, que contou com remixes das canções já incluídas na versão original e duas faixas inéditas, entre elas *Bandida* foi escolhida para a produção de um videoclipe.

Atualmente Pablllo está divulgando o seu quarto álbum de inéditas, *Batidão Tropical*, com lançamento em junho de 2021, o qual já conta com um videoclipe para as músicas *Ama Sofre Chora*, *Triste com T* e *Bang Bang*.

Cê duvidou do meu amor
 Fez chorar, me fez sofrer
 Me enganou, me machucou
 Mas passou, não quero saber de você

Em outra vibe eu tô
 Vou sair, vou pro open bar
 Olha lá, quem chegou
 É o meu DJ, vou me acabar
 (OPEN BAR, PABLLO VITTAR, 2015)

Em *Open Bar*, Pablllo canta sobre a superação de um falso amor, indo para uma festa *open bar* para se divertir. Normalmente em suas letras a cantora fala sobre o amor, festa e autoaceitação de uma maneira divertida, com melodias que misturam ritmos brasileiros e influências do pop internacional. No videoclipe de *Open Bar* ela aparece curtindo uma festa na piscina com outras amigas, entre elas algumas *drag queens*. Esse vídeo e essa canção foram um marco para entendermos que, no Brasil, havia espaço para *drag queens* cantoras, abrindo um caminho para a possibilidade de pessoas de todos os gêneros se transformarem em uma diva pop. Dessa forma, Pablllo dá visibilidade para a questão de um homem gay que deixa sua feminilidade ser aparente, brincando com os limites entre os sexos.

Paul B. Preciado (2011) acredita no movimento *queer* como uma anarquia política, uma multidão de corpos sem sexo, de identidades resistentes à normalização. O que os unifica é a produção de práticas de como resistir ou como desviar das formas de subjetivação

prescritas pela sexopolítica. Parte-se de uma visão que vê o biopoder além da regulação das normatividades de reprodução de vida e processos biológicos, conforme descrito por Foucault. O sexo é correlato ao capital e é uma questão central da vida e da governabilidade.

A tomada da palavra pelas minorias queer é um advento não tanto pós-moderno como pós-humano: uma transformação na produção, na circulação dos discursos nas instituições modernas (da escola à família, passando pelo cinema ou pela arte) e uma mutação dos corpos (PRECIADO, 2011, p. 17).

Esses corpos desafiam os discursos das instituições hegemônicas que determinam a oposição do corpo *straight* para o corpo desviante. Preciado (2011) diz que não existe diferença sexual, mas sim uma multidão de diferenças que se inscrevem transversalmente em relações de poder. Para desestruturar a cultura hetero dominante, não devemos buscar uma integração dos subordinados entre seus opressores, essa relação continuaria baseando-se na definição das identidades através de práticas sexuais. Através de uma política de contrassexualidade onde se renuncia às identidades sexuais fechadas, livres dos privilégios que elas podem oferecer, é que podemos dar mais poder aos corpos desviantes em busca de um sistema que nos proporcione mais igualdade.

Após lançar seu EP *Open Bar*, em dezembro de 2015, Pabllo saiu em turnê pelo Brasil e lançou o videoclipe de *Minaj*, outra versão de uma música internacional, o qual já não está mais presente em seu canal no You Tube por questões de direitos autorais. No vídeo, Pabllo aparece sensualizando em um motel com uma mulher enquanto um homem está filmando, fazendo referência à letra da música que fala sobre sedução. Após o sucesso de sua turnê e dos videoclipes lançados, Pabllo acabou chamando a atenção dos produtores do programa *Amor e Sexo* da Rede Globo e foi convidada para participar da banda da atração em 2016, ficando lá por duas temporadas. Foi nesse mesmo ano que Pabllo estrelou sua primeira campanha publicitária, sendo garota propaganda da marca de cosméticos Avon (O ESTADO DE S. PAULO, 2016).

Esse foi um passo muito importante dado para o movimento LGBTQIA+ em relação a representação na mídia. Ter um homem de peruca que performa a feminilidade sem nenhum pudor cantando no horário nobre da TV brasileira e sendo estrela de publicidade, isso dá um novo enfoque para como a visibilidade vinha sendo tratada. As representações apresentadas na mídia revelam uma relação de poderes que define quem é incluído e quem é excluído, a abordagem de certos temas de forma a agradar uma quantidade maior de pessoas e se tornar comercialmente bem sucedido, perceber no público espectador quais assuntos merecem ser

tratados de forma a engajar mais a audiência e gerar um impacto comunicativo. Assim, o que vemos retratado em produtos midiáticos vai influenciar diretamente em nossa percepção de mundo, definindo, de acordo com a mídia e suas razões comerciais, o que é relevante para ser abordado e o que deve ser ignorado, estigmatizado, hierarquizado, enfim, classificado. Segundo Silva (2012), buscar uma desestabilização da identidade, opor-se aos binarismos estabelecidos e questionar as diferenças, deve passar por um processo de questionamento dos sistemas de representação que lhe dão suporte.

Silva (2012) utiliza do conceito de performatividade, criado por Judith Butler (2003), como uma maneira de desfixar as identidades. A performatividade coloca a ideia de que a identidade está em constante movimento e transformação, ela não possui uma definição naturalizada, são enunciados performativos produzidos culturalmente e repetidos durante gerações que acabam estabelecendo as características de cada uma. A repetibilidade dessas construções culturais faz com que se torne natural à sociedade as maneiras como cada identidade, cada grupo social deve agir e se portar. Dentro dessa lógica, ainda há espaço para identidades que desconstroem essas noções, identidades híbridas que são a combinação de binarismos, onde um lado é desigual perante o outro. Essa nova identidade carrega características de ambas identidades originais, mas ao mesmo tempo não é mais nenhuma delas.

Obviamente não podemos esquecer que, por ser considerada como uma forma de arte e trabalho, as *drag queens* são mais aceitas socialmente do que travestis e transexuais, mas mesmo assim a figura de Pablllo, considerada muito feminina, ainda causa muita revolta em alguns segmentos (FINCO, 2017). Importante destacar que até mesmo os pertencentes a comunidade LGBTQIA+ estão inseridos em um sistema hegemônico e também usufruem de privilégios, principalmente homens brancos gays e cisgêneros, os quais recebem a maior visibilidade midiática dentro dos LGBTQIA+ e, conseqüentemente, já conquistaram mais direitos e determinadas posições de respeito. Inseridos dentro de uma hierarquia, são esses os indivíduos que praticam mais discriminação dentro da própria comunidade, sentem-se em relação de superioridade por serem mais “masculinos”, possuírem a beleza considerada hegemônica e terem acesso a mais privilégios. Muitas vezes abarcamos todos os preconceitos sofridos por LGBTQIA+ atrás do termo homofobia, mas isso nem sempre é válido, não se dá espaço para outras identidades além da do gay privilegiado. É necessário pensar o lugar do feminino dentro do movimento LGBTQIA+, pensar as hierarquias presentes dentro da própria comunidade (BENTO, 2017).

Não foi a heteronormatividade que impediu Pablllo Vittar de dar continuidade a sua carreira. Em novembro de 2016 ela deu início à divulgação do seu primeiro álbum, *Vai Passar Mal*, lançando como primeiro *single* a música *Nêga*. Nos versos, Pablllo canta sobre um jogo de sedução, enquanto no videoclipe é representada uma festa em uma casa de luxo, onde todos aparecem de ressaca e depois se levantam para começar a dançar novamente. Esse foi o começo dessa “era” de grandes sucessos da cantora. Lançado em janeiro de 2017, *Vai Passar Mal* rendeu muitos hits para Pablllo Vittar. O primeiro grande sucesso que “estourou a bolha” e ultrapassou o nicho do público LGBTQIA+ foi a música *Todo Dia*, lançada em parceria com o cantor Rico Dalasam, a qual ganhou muita atenção durante o carnaval daquele ano, com Pablllo sendo chamada para cantar no carnaval de Salvador, junto com Daniella Mercury (ANGELI, 2017). Na letra da música Pablllo dá o “grito de guerra” que foi cativado pelas multidões: “Eu não espero o carnaval chegar pra ser vadia, sou todo dia”. Vittar entrelaça narrativas do entretenimento e do consumo com a negociação da presença pública de expressões e experiências subjetivas de alteridade. Sua presença no showbiz é emblemática para a negociação e aceitação das alteridades na vida pública e também no âmbito doméstico (ROCHA; POSTINGUEL, 2017). Alguns meses após o lançamento, a música e seu videoclipe foram retirados das plataformas de streaming e YouTube devido a uma notificação extrajudicial onde Rico contesta o acordo feito pelos direitos autorais (G1, 2017).

Mesmo perdendo um dos seus maiores hits por razões judiciais, as maiores conquistas de Pablllo ainda estavam por vir. Em abril de 2017, a cantora lança videoclipe para a música *K.O.*, seu vídeo com maior número de visualizações no You Tube, contando atualmente (julho de 2021) com mais de 380 milhões. Esse trabalho lhe abriu muitas portas e foi responsável por levar a carreira de Pablllo Vittar a um novo patamar, consolidando-a como uma artista pop no cenário brasileiro. Com *K.O.*, Pablllo conquistou popularidade fora do meio LGBTQIA+ e conseguiu alcançar massivamente o público brasileiro, participando de programas como *Domingão do Faustão* e *Caldeirão do Huck*. O videoclipe será analisado detalhadamente ao final deste capítulo por ser seu vídeo com mais visualizações, portanto, selecionado para assistir junto com as entrevistadas.

Uma música que não é de autoria de Pablllo, mas que marcou muito seu início de carreira foi *Sua Cara*, gravada pelo trio de produtores americanos Major Lazer com participação de Anitta, uma das mais populares cantoras pop do Brasil, e Pablllo Vittar, a *drag queen* cantora em ascensão. A música foi lançada em junho de 2017 e já nos primeiros dias demonstrava que seria um grande sucesso. A letra fala sobre uma relação onde uma pessoa

está enrolando a outra (“Você prepara mas não dispara”), o que faz com que o eu lírico tome uma atitude (“Se você não vem eu vou botar pressão”) e acabe jogando na “sua cara”, simbolizando o ato de enfrentamento. Estavam se unindo os fãs de duas cantoras com grande público LGBTQIA+, Anitta simbolizando o *mainstream* e Pabllo representando a comunidade como produto de uma contracultura. Logo o público começou a cobrar por um videoclipe unindo suas duas divas brasileiras, que estavam alcançando patamares internacionais. O clipe foi lançado em julho de 2017 e mostra Anitta e Pabllo dançando no meio do deserto do Saara, performando junto a quadriciclos e contando com a participação de Diplo, integrante do Major Lazer. Tornou-se o sétimo clipe mais visto do You Tube em suas primeiras 24 horas com 17.8 milhões de visualizações, primeira música em língua portuguesa a alcançar tal feito (COVRE, 2017). As cantoras foram notícia em praticamente todos os portais e o vídeo ficou no imaginário do público que se apropriou do hit fazendo paródias, recriando os figurinos e gerando memes. A música ainda rendeu mais uma grande conquista para a carreira de Pabllo Vittar ao ser incluída entre as indicações do Grammy Latino na categoria Melhor Fusão/Interpretação Urbana, fazendo de Pabllo a primeira drag queen a ser indicada a uma premiação do Grammy (DUTRA, 2018).

Logo após emplacar o seu primeiro grande hit no mercado nacional, em setembro de 2017, Pabllo lança videoclipe para a música *Corpo Sensual* e conquista mais um sucesso para sua carreira. O vídeo conta atualmente (julho de 2021) com mais de 320 milhões de visualizações, sendo o segundo vídeo mais assistido do seu canal. A canção, que conta com a participação de Mateus Carrilho, outro importante artista LGBTQIA+ brasileiro, fala sobre um jogo de sedução entre duas pessoas que prometem deixar “passando mal” a companheira com o seu corpo sensual. No videoclipe, Pabllo aparece pelas ruas de um bairro de cidade pequena quando é avistada por Mateus andando de carro e cruzam olhares. Após essa cena, Pabllo vai até um barzinho carregando sua bicicleta enquanto a câmera foca na sua bunda e pernas, demarcando o quanto a sexualização é importante dentro da personagem Pabllo Vittar. Mateus acaba chegando ao mesmo bar onde Pabllo está e eles começam a dançar juntos. Depois são alternadas duas cenas: uma em que Pabllo e Mateus estão dentro de um quarto dançando e cantando juntos, com Pabllo utilizando apenas uma camiseta e calcinha, e outra onde aparecem dentro de um carro, quando Pabllo pega uma camisinha com o intuito de promover a conscientização acerca do seu uso, uma parceria da cantora com o Ministério da Saúde. O clipe também conta com parcerias das marcas Trident e Avon em forma de product placement, ou seja, quando os produtos são encaixados dentro da narrativa do conteúdo (QUERINO, 2017). Essas marcas procuram pela imagem da Pabllo e de outras artistas

LGBTQIA+ populares por elas representarem a diversidade, agregando esse valor que tem sido cada vez mais requisitado pelos consumidores.

Também em setembro de 2017, Pablllo Vittar fez aparições no festival de música *Rock in Rio*, realizado no Rio de Janeiro, com milhares de espectadores. Sua primeira aparição foi em um show surpresa realizado em um palco patrocinado, que teve público maior de que os palcos principais, devido ao sucesso da cantora. Sua segunda aparição foi como convidada no show da cantora estadunidense Fergie e também foi um momento de muita visibilidade para Pablllo, que agora estava cantando no mesmo palco que grandes cantoras internacionais (DANTAS, 2017). Em outubro de 2017, Pablllo ultrapassou mais uma barreira e realizou uma participação como ela mesmo na novela das nove *A Força do Querer*, da Rede Globo (GSHOW, 2017). Sua presença na novela, muito comentada na internet, foi de extrema importância para representatividade em uma trama que já apresentava duas personagens transexuais, trazendo a narrativa de pessoas LGBTQIA+ para o grande público noveleiro.

Em dezembro de 2017, a Coca-Cola lançou uma campanha onde 9 artistas brasileiros estampavam suas latinhas e competiam para ver quais seriam os três mais votados do grupo, que gravariam uma música e um clipe juntos (FERREIRA, 2017). Entre esses três artistas mais votados ficaram Luan Santana, Simone e Simaria e Pablllo Vittar que gravaram a música *Hasta La Vista*. Pablllo demonstrava ser mais uma vez um sucesso publicitário. Um ano tão significativo quanto 2017 foi para a *drag queen* só poderia terminar com uma condecoração. Em sua edição de dezembro de 2017 a revista Joyce Pascowitch elegeu Pablllo Vittar como “A Pessoa do Ano” e a estampou na capa da revista, elencando-a como a causadora de uma revolução (BRESSIANI, 2017). A profusão de formatos com que hoje artistas como a Pablllo trabalham demarca as mais diversas manifestações socioculturais contemporâneas, como também permite a emergência de vozes outrora reprimidas nas ilhas de edição das mídias de função massiva, provenientes da clássica indústria cultural (ROCHA; POSTINGUEL, 2017).

Preparando-se para o carnaval, em fevereiro de 2018, Pablllo lança o videoclipe de *Então Vai*, parceria com o produtor Diplo, do grupo Major Lazer. A letra da música se refere a uma pessoa que foi abandonada e que está buscando se reerguer, divertindo-se mais com a vida. O clipe foi gravado no Rio de Janeiro e mostra Pablllo numa estética tropical, tendo a natureza como cenário na maioria das cenas. Através de uma parceria com a C&A foram confeccionados em série maiôs com as cores do arco-íris, iguais aos que a cantora utiliza em algumas cenas, e lançados como peça feminina pela loja de vestuário, que disponibilizou as peças para venda em todo o país com versão masculina em sunga. Pablllo busca representar a

diversidade nesse vídeo, apresentando diferentes tipos de corpos que se reúnem a beira de um rio para dançar ao som da música. Para mostrar o amor em todas suas formas, ao final são colocadas cenas de casais se beijando, um heterossexual, outro lésbico e por último Pabllo beijando Diplo, o que causou grande repercussão na internet (QUERINO, 2017). Pabllo estava mais uma vez provocando um desconforto para a sociedade cisheteronormativa e os grupos ultraconservadores. Um homem cis gay performando o gênero feminino ao beijar um homem cis hétero, que está dentro dos padrões normativos, desperta a curiosidade do público, com opinião positiva ou negativa, por ser uma relação difícil de ser categorizada, ultrapassa as binaridades. Para reforçar essa mensagem, ainda são mostradas cenas onde Pabllo aparece desmontada com uma tatuagem na sobancelha escrita “Mãe”. Para Rose de Melo Rocha e Danilo Postinguel (2017), essa pop-ativista, como é chamada, constrói sua própria episteme a partir de sua práxis artística e sua estética existencial. Ou seja, toma para si um narrar autobiográfico constituído de um caminho ambivalente formado por sua trajetória pessoal, subjetiva, e o percurso midiático do entretenimento e da musicalidade. A persona Pabllo não existe sem a permanência fantasmática de Phabullo, e vice-versa. Questionada como se via ao se despir da montagem, Vittar diz que estranha.

Em abril de 2018, Pabllo lançou um videoclipe para *Indestrutível*, a música mais intimista de seu primeiro álbum. A canção teve como inspiração a trajetória pessoal da cantora que, assim como muitos outros LGBTQIA+, sofreu e ainda sofre violência física e verbal por conta da homo/transfobia presente. Na letra Pabllo fala sobre esse tema com esperança (“Eu sei que tudo vai ficar bem / E as minhas lágrimas vão secar”), visualizando a dor que é espalhada como uma potencial impulsionadora para criar coragem, o que ajudará a viver sob a influência de sentimentos bons (“Se recebo dor, te devolvo amor / E quanto mais dor recebo / Mais percebo que sou / Indestrutível”). O clipe aborda a questão do bullying e violência nas escolas contra jovens LGBTQIA+, trazendo até dados estatísticos sobre o tema. O vídeo acompanha a história de um menino gay que sofre bullying na escola por outros alunos, primeiro tendo a cabeça mergulhada em um vaso sanitário e depois sendo espancado e cuspidos. Mostra também a relação amorosa entre o menino e outro colega dele, o qual não o auxilia quando está sendo espancado. Resta para o menino encontrar apoio em sua mãe, que antes já havia observado o filho experimentando um vestido seu. A produção alterna com cenas de Pabllo Vittar cantando enquanto se desmonta, mostrando-se vulnerável ao derramar algumas lágrimas. Ao final, a drag entrega um discurso sobre aceitação e respeito, recebido com muitas palmas por uma platéia. *Indestrutível* tornou-se uma canção emblemática e representa a superação que as pessoas LGBTQIA+ precisam enfrentar todo o dia. Em 2021 a

música voltou a ser comentada ao virar um dos hinos do Big Brother Brasil 21, *reality show* de confinamento da Rede Globo, onde um dos participantes era fã declarado de Pablllo Vittar e especialmente de *Indestrutível*, dizendo que a música significava muito para ele e dava forças para ser quem ele é (OLIVEIRA, 2021).

Para Halberstam (2005), uma temporalidade *queer* emerge principalmente no fim do século XX, quando a comunidade gay começou a enfrentar a epidemia de AIDS, a qual trouxe muita desesperança e acarretou na falta de perspectiva de vida para essa população. A possibilidade de ter sua vida encurtada fez com que se criasse uma ênfase no agora, no presente. Era como se a ameaça de ter o seu futuro apagado desse um impulso para usar o tempo que tinha em mãos como uma forma demarcar suas existências.

Subculturas *queer* produzem temporalidades alternativas permitindo que seus participantes acreditem que seus futuros podem ser imaginados de acordo com lógicas que estão fora daqueles marcadores paradigmáticos da experiência de vida – isto é, nascimento, casamento, reprodução e morte (HALBERSTAM, 2005, p. 2, tradução nossa).

As noções que temos de normatividade são produzidas a favor de uma lógica criada para a classe média, onde a temporalidade deve ser correspondida reprodutivamente. O período da adolescência para a vida adulta nos direciona para uma urgência da maturidade e a longevidade é o futuro que deve ser alcançado. Tornamos patológicos os modos de vida que não se preocupam com isso, pessoas que vivem intensamente são caracterizadas como imaturas ou até mesmo perigosas. Quando a visão *queer* interfere nessas noções, ela cria também novas concepções de espaço. Ambas as lógicas se situam dentro do pós-modernismo, livrando-se das lógicas impostas de reprodução burguesa. O espaço *queer* refere-se às práticas de criar lugares onde pessoas *queer* possam se engajar, um espaço permitido para produção de contradiscursos. Subculturas *queer*, por exemplo, tendem a prosperar mais em espaços urbanos. Uma pessoa trans que vive em uma cidade pequena tem sua vida muito mais arriscada do que em uma cidade metropolitana, onde existirá mais diversidade e algumas vezes, é possível conseguir proteção entre seus iguais. As subculturas deixam claro que comunidades não se formam apenas de forma orgânica e natural, elas também podem estar presentes nas formas de não pertencimento a lugares e a desconexões. Dessa forma elas criam formas móveis e extrafamiliares de se criar filiações (HALBERSTAM, 2005).

Todas essas percepções de Halberstam (2005) irão ser reproduzidas nas movimentações artísticas desta comunidade. Vemos representados em suas performances essa

noção de temporalidade e um desafio à lógica cis e heterossexual. Constroem novas formas de relacionamento com o mundo através de suas estéticas disruptivas e a experimentação com a mistura de referências do que é cultura popular brasileira e o que é *queer*. Há também a grande dominância de uma espacialidade urbana nos videoclipes produzidos, pois se conecta com a vivência da rua vivida por aqueles que tiveram suas vidas negadas pela família biológica devido ao preconceito. Os (as) próprios (as) artistas utilizam dessa ferramenta de representação para compartilharem suas experiências e conectarem a comunidade como se fosse uma nova família para as vítimas, dividindo suas dores com seus iguais.

A trajetória de Pablllo na televisão ganhou mais um capítulo em maio de 2018, quando a cantora estreou como apresentadora no programa *Prazer, Pablllo Vittar*, transmitido pelo canal Multishow. O programa tinha como objetivo reunir histórias emocionantes e performances musicais, fazendo com que o público conhecesse mais sobre a cantora, sua trajetória e inspirações. A produção contava ainda com entrevistas que eram abordadas sobre temas como família, personalidades, ídolos, bandeiras e futuro. Pablllo disse que estava realizando um sonho e que estava muito empolgada para levar o que faz e as suas mensagens para o público da TV, conseguindo atingir ainda mais pessoas com o seu trabalho (OUTLANDER, 2018). Ainda em maio de 2018, Pablllo realizou mais uma participação em uma novela das nove, desta vez no último capítulo da novela *O Outro Lado do Paraíso*, onde atuou ao lado de atrizes como Laura Cardoso (GSHOW, 2018).

Finalizada as divulgações do seu primeiro álbum e após uma série de shows da *Vai Passar Mal Tour*, Pablllo começou a preparar o terreno para o seu segundo álbum lançando o single *Problema Seu* em agosto de 2018. A música trata sobre uma pessoa que está esnobando outra, procurando se divertir com quem ela quiser, sem apegos (“Se você gosta de mi /Quem mandou você se apaixonar?/Problema seu!”). O clipe mostra a cantora e um companheiro em uma trama de espionagem e roubo. Primeiro eles escaneiam o local do roubo com um artigo de tecnologia, depois partem para uma cena de briga com os guardas do lugar até chegar na sala onde se encontra a joia a ser roubada. A joia carrega as iniciais de Pablllo Vittar e o número dois, indicando que seria o segundo álbum da cantora a ser lançado. A sala está cercada por detectores a laser, o que faz com que Pablllo passe por eles sozinha utilizando sua flexibilidade, roube a joia e vá embora deixando seu companheiro ser pego pelos guardas. Essas cenas todas são alternadas com outras cenas da drag queen em diferentes looks dançando com os seus dançarinos. Assim como em outros clipes da Pablllo, esse também conta com um patrocinador: a bebida energética TNT. A música foi mais um sucesso comercial para a carreira da cantora, entrando em sua estreia nos trending topics globais do

Twitter, alcançando o primeiro lugar no ranking do iTunes e sendo incluída no topo da playlist “Mais Tocadas 2018 (Melhores 2018)” do Spotify (TORRES, 2018).

O segundo álbum de Pablla Vittar, *Não Para Não*, foi lançado em outubro de 2018 e, desta vez, contava com o apoio da Sony Music na sua produção e divulgação, gravadora que Vittar assinou contrato. O disco apresenta influências musicais que a cantora vivencia desde sua infância morando no Maranhão e em Pará. Sendo assim, as músicas variam entre o pop, forró, tecnobrega, axé e até carimbó, contando com participações de grandes nomes da música brasileira como Ludmilla e Dilsinho (MANHÃES, 2018).

Na capa do álbum, Pablla encarna a imagem de uma deusa da tecnologia que atrai e unifica ritmos, ideias, culturas e linguagens de um Brasil rico e multifacetado (FERREIRA, 2018). Isso só mostra como as mestiçagens comunicacionais, provindas de uma profusão de redes telemáticas, criam novos cenários complexos e plurais, encabeçando novas formas políticas advindas de outras dimensões sociais, comunicacionais e estéticas. Pablla busca em todos os seus trabalhos mostrar a diversidade do seu país e explorar ritmos que são pouco valorizados pelos próprios brasileiros. A cantora quer transformar o jeito em que consumimos música pop, trazendo esse estilo para uma realidade brasileira contracultural. Através da valorização da cultura nacional ela imprime a sua identidade e cria conexões com sua rede de fãs que se unem pela pluralidade de vivências. A estreia do álbum foi um sucesso, quebrando o recorde como único disco de uma artista brasileira, até 2018, a colocar todas as faixas no top 50 das mais ouvidas no Spotify (NUNES, 2018).

Lançado um dia após o lançamento do álbum, *Disk Me* foi o segundo single escolhido para ser divulgado com videoclipe. A música, que possui um ritmo mais leve, conta a história de uma desilusão amorosa onde a pessoa se sente usada pelo companheiro que a liga para se declarar somente quando está bêbado (“Diz que me ama quando bebe/Mas quando acorda se esquece desse amor/Que acabou”).

O clipe apresenta Pablla cantando sozinha em várias locações dentro de uma casa luxuosa e ao final reunida com umas amigas ao redor de uma fogueira. O vídeo apresenta pelo menos três *product placement* de marcas como Quem Disse, Berenice?, marca de maquiagens, Ben & Jerry’s, empresa que produz sorvetes e Adidas, marca de vestuário e calçados. *Disk Me* também alcançou sucesso assim como outras músicas de Vittar, estreando em segundo lugar no top 50 de faixas mais ouvidas no Spotify (NUNES, 2018). Com os dois primeiros singles do álbum, *Problema Seu* e *Disk Me*, Pablla pode realizar a divulgação do seu álbum sendo convidada para diversos programas televisivos como Domingo do Faustão,

Caldeirão do Huck, Encontro com Fátima Bernardes, Conversa com Bial e Programa da Eliana, alcançando cada vez mais pessoas com a sua mensagem.

Em novembro de 2018 estreou na plataforma de streaming Netflix a série de animação *Super Drags*, a qual conta com a participação de Pablla como dubladora de uma das personagens e como cantora da música-tema da série, *Highlight*, lançada com um videoclipe que mistura desenho com realidade onde Pablla canta para uma plateia, transformando-se em uma super drag. O programa conta a história de três amigos trabalhadores de uma loja de departamento que se transformam em superheroínas quando acionadas por Vedete Champagne, sua drag mentora, para enfrentar as ameaças à comunidade homossexual. A animação sofreu repúdio por representantes da bancada evangélica e pela Sociedade Brasileira de pediatria que alegavam ser perigoso utilizar uma linguagem infantil para discutir tópicos do mundo adulto, mesmo com a divulgação da série frisando que o conteúdo não era voltado para crianças, com classificação indicativa de 16 anos. Após toda essa polêmica, a Netflix decidiu não renovar a animação para uma segunda temporada, contando apenas com cinco episódios disponibilizados (CARDOSO, 2018).

Acusações como essa e outras em relação a uma pressuposta “ideologia de gênero” sempre perseguiram artistas LGBTQI+ como Pablla Vittar. Para Miskolci (2018), é enganoso pensar essa movimentação política como uma onda inesperada de conservadorismo que busca dissipar os direitos de grupos minoritários. A disseminação da noção de ideologia de gênero tem relação com a ampliação dos direitos sexuais e reprodutivos na América Latina. Um dos pontos cruciais foi o reconhecimento legal da união de pessoas do mesmo sexo em 2010 na Argentina e 2011 no Brasil. Cerca de uma semana depois do reconhecimento das uniões entre pessoas do mesmo sexo pelo Supremo Tribunal Federal brasileiro, o deputado Jair Bolsonaro, eleito, em 2018, presidente da República, encabeçou movimento contra o material que seria distribuído nas escolas para enfrentar a discriminação e a violência contra homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais. Em 2014, enquanto aconteciam os debates sobre o novo Plano Nacional da Educação, o movimento “Escola Sem Partido”, associação criada em 2004 que buscava combater, em sua definição, uma “doutrinação marxista” nas escolas, passou a adotar como alvo a “ideologia de gênero” como uma suposta ameaça às crianças e à família brasileira em 2015. O espectro “ideologia de gênero” delimita um campo discursivo de ação que podemos reconhecer como unindo imaginariamente uma suposta ameaça de retorno do comunismo ao pensamento acadêmico feminista estabelecendo um enquadramento da política em torno do medo de mudanças na ordem das relações entre homens e mulheres e, sobretudo, da extensão de direitos a homossexuais. Então, o que vemos agir com maior força nos

presentes anos, começa a ser gestado muito tempo antes, entre 2011 e 2013, com o trabalho contínuo de grupos de interesse que atuam como empreendedores morais em suas comunidades decepcionadas com os políticos, atingidas pelo efeito da crise econômica, desemprego, desigualdade e falta de oportunidades (MISKOLCI, 2018).

Buscando alcançar a popularidade que algumas canções atingem no período de Carnaval, Pabllo lançou dois videoclipes no mês de fevereiro de 2019. O primeiro foi para a música *Seu Crime*, onde é tratada a temática de um amor intenso e com sofrimentos, sendo exigida uma postura em relação a assumir certos sentimentos (“Eu acho que passou da hora/ De assumir a sua culpa/Seu crime foi me amar”). No videoclipe Pabllo encarna uma policial em uma perseguição contra um bandido, tudo ambientado em um cenário de faroeste no Nordeste, fazendo referência ao forró, estilo utilizado na produção da música. Assim como em outros clipes da cantora, nesse também é utilizada muita sensualidade nas coreografias e na atuação. O vídeo tem patrocínio da marca de cerveja Skol e da de preservativos Olla. O segundo videoclipe pensando no Carnaval foi feito para a música *Buzina*, também do álbum *Não Para Não*. Na letra, Pabllo invoca todo mundo a dançar ao som do brega, ritmo em que a faixa se inspira. O vídeo, que possui patrocínio da marca de bolachas Club Social, apresenta a cantora em uma jornada intergaláctica bem ao estilo *sci-fi* de *Barbarella* (1968), indo a outro planeta em sua nave moderna, apresentando diferentes tipos de looks futuristas e controlando com seus poderes os alienígenas para dançarem com ela.

Antes de começar a divulgação de seu terceiro álbum, Pabllo começou aspirar uma carreira internacional, fazendo colaborações com artistas fora do Brasil e realizando shows em países da América Latina, da América do Norte e Europa. Assim, em julho de 2019, lançou o primeiro single da primeira parte do álbum *III*, a música *Flash Pose*, uma parceria com a cantora britânica Charli XCX. Nessa produção, Pabllo canta pela primeira vez em inglês em um lançamento original e sua parceria com Charli fez alavancar o sucesso da música. A canção é inspirada nas batidas eletrônicas utilizadas nas danças de *vogue*, um importante elemento da cultura LGBTQIA+, e sua letra fala sobre autovalorização tanto no sentido visual quanto em uma relação. O videoclipe é muito focado na dança coreografada junto com Pabllo e as duas cantoras cantam em um cenário de estúdio, como se estivessem sendo fotografadas. A música alcançou o top 5 do Spotify Brasil e o top 200 mundial na posição de número 190 (FAIA, 2019).

Antecedendo ainda a estreia da primeira parte do álbum *III*, Vittar lançou, em outubro de 2019, como segundo single a música *Parabéns* em parceria com o cantor de pagode baiano

Psirico. A canção, que traz um ritmo bem diferente do single anterior, busca mais inspirações nas raízes de Pablllo, trazendo o pagode baiano, um ritmo que a cantora costumava ouvir na sua infância. Na letra é feita uma brincadeira com a temática de aniversário e um jogo de sedução (“Te dou parabéns quando para a bunda”). O videoclipe mostra Pablllo e Psirico em um cenário monocromático azul com uma mesa de aniversário e muitos balões. A cantora aparece ainda em outra cena saindo de um bolo gigante em uma roupa cheia de cristais. O vídeo teve patrocínio da marca de aparelhos de limpeza facial FOREO, abrangendo o leque de marcas com que Pablllo já trabalhou e mostrando que pessoas LGBTQIA+ podem impactar com o seu conteúdo, possuindo um enorme poder de influência.

Assim, um dia antes de seu aniversário, em 1 de novembro, Pablllo lançou a primeira parte do álbum *III*, disco que a mesma disse ser inspirado em uma playlist de aniversário dela, com canções diversificadas, cantando em três idiomas (português, inglês e espanhol) com ritmos bem diferentes entre si (electropop, pagode baiano e forró). Logo após o lançamento, a música que começou a obter mais sucesso nas paradas foi *Amor de Que*. A canção, que possui ritmo inspirado no forró, acabou ganhando um videoclipe em dezembro de 2019, onde é mostrada Pablllo vivendo relações com diferentes tipos de pessoas, assim como é dito na letra (“Eu espero que você entenda/Que o meu amor é amor de quenga”), em uma ambientação de cidade do interior do Brasil, com cenas em que a cantora anda na garupa de uma moto com o seu parceiro e outra onde canta no bar com mesas de sinuca da cidade. Foi produzida ainda uma versão em marchinha de carnaval para a música, como forma de celebrar o carnaval 2020 e promover o single nas paradas musicais.

Preparando-se para o lançamento completo do álbum *III*, Pablllo divulgou, em março de 2020, *Clima Quente*, música em parceria com o cantor de funk Jerry Smith. O videoclipe, patrocinado completamente pela Coca-Cola, mostra a cantora e o cantor dançando em frente a um telão, tudo em cores dentro da paleta da marca. A letra da música, que está dentro do ritmo brega funk, fala sobre o clima de sedução que está esquentando entre duas pessoas. Logo após, ainda em março, já com o início da pandemia e quarentena no Brasil, Pablllo lançou videoclipe para a música *Tímida*, sua parceria com a cantora mexicana Thalia. A letra, feita em espanhol e inglês, fala sobre uma pessoa que quer demonstrar que não é tímida para demonstrar os seus sentimentos, que é capaz de assumi-los e tomar uma posição ativa. No clipe, as cantoras cantam em diversos tipos de cenários com holofotes, câmeras de gravação e televisores as cercando. A canção pegou o primeiro lugar da parada de músicas mais vendidas no iTunes do Brasil, México, Argentina e Colômbia (MEDEIROS, 2020).

O álbum *III* teve seu lançamento adiantado devido ao vazamento de suas músicas e acabou sendo postado nas plataformas de streaming no dia 24 de março de 2020. O disco possui canções em três línguas diferentes (português, inglês e espanhol), fazendo continuação para a sua primeira parte que foi lançada em 2019, contendo colaborações com as já citadas Charli XCX, Thalia, Psirico e Jerry Smith, agora também em uma música inédita com Ivete Sangalo. Como o álbum foi lançado no começo da pandemia, onde ela estava alcançando o seu pico de infectados, muitas das divulgações tiveram que ser repensadas. A única produção pós-lançamento do álbum que Pablllo conseguiu realizar foi o videoclipe de *Rajadão*, canção que mistura gospel com eletrônico, onde a cantora aparece feita em animação, transformando-se no final em um anjo e subindo ao céu.

Em novembro de 2020, Pablllo lançou a versão *deluxe* do álbum *III*, contando com remixes das músicas do álbum original com participação de artistas LGBTQIA+ que estão fora da cultura *mainstream* como A Travestis, Getúlio Abelha, veronicat, Boombeat e Jaloo. Como forma de promover o álbum, Vittar divulgou como single a produção original *Bandida* com a participação da funkeira Pocah. A faixa possui como base uma música de eletrofunk de 2012 chamada *Ai Como Eu Tô Bandida* da cantora curitibana Mc Mayara, a qual foi um sucesso nas redes sociais e You Tube na época de seu lançamento. A letra fala sobre uma pessoa que está saindo de um relacionamento e procurando se divertir com quem ela quiser, sem amarrações (“Tá querendo me amarrar/Tá querendo me prender/Eu só quero bagunçar/Vem que eu to solteira”). O videoclipe é inspirado na estética *K-Pop*, gênero musical originado na Coreia do Sul que explora muito o aspecto audiovisual, realizando vídeos em diferentes tipos de cenários e focados muito na dança. Pablllo e Pocah aparecem no meio de plantas, no fundo de uma piscina e em uma câmara de bronzeamento. O vídeo ficou marcado por sua coreografia que viralizou em aplicativos de vídeo como TikTok. Em um dos primeiros dias em que foi postado no You Tube o clipe sofreu censura pela plataforma por utilizar a palavra “bandida”, o que logo foi derrubado pelos fãs da cantora que se mobilizaram nas redes sociais contra a atitude (OLIVEIRA, 2020).

Após ser considerada pela revista Forbes a “*drag queen* mais popular do mundo”, ser capa da revista de moda Vogue Brasil, ganhar o prêmio de Homem do Ano de 2020 pela revista GQ Brasil e ter seu show confirmado no *line-up* de grandes festivais internacionais como Coachella (EUA) e Primavera Sound (ESP), Vittar lançou em junho de 2021 o seu álbum *Batidão Tropical*, descrito pela cantora como um álbum de brasilidade onde procurou exaltar os ritmos regionais com que cresceu ouvindo e que a inspiraram a ser uma diva pop

atualmente. Como referência Pablllo citou artistas do Norte e do Nordeste que a influenciaram a valorizar gêneros musicais como forró, carimbó e tecnobrega (OLIVEIRA, 2021). Para Rocha e Postinguel (2017), Vittar faz da sua arte uma forma de ativismo do visível, atravessada por engendramentos autobiográficos. “Pablllo reveste-se de Vittar, para, travestido, melhor ser (ou re-apresentar) a si mesmo” (ROCHA; POSTINGUEL, 2017, p. 02). O primeiro single do álbum foi a faixa que mistura forró com arrocha *Ama, Sofre, Chora*, divulgada antes do lançamento do álbum, em maio de 2021. Nessa música a cantora fala sobre querer viver um amor e se casar mesmo sendo uma piranha, que na gíria popular significa ser uma mulher que já ficou com diversas pessoas, hoje ressignificado como uma expressão de liberdade e empoderamento feminino. O videoclipe mostra Vittar vestida de noiva com a maquiagem borrada por ter sido deixada no altar, assim como outras cenas mais conceituais junto a um aquário e uma onde está dentro de um vidro de exposição de museu fazendo propaganda para um perfume da marca de luxo Jean Paul Gaultier. O clipe deixa no final um trecho do que seria o próximo vídeo a fazer parte da divulgação do álbum.

Assim, junto com o lançamento do álbum, em junho de 2021, Pablllo apresentou o videoclipe de *Triste com T*, música com influência de forró eletrônico que faz continuação à temática de *Ama, Sofre, Chora*. Na letra, a cantora fala de todos os preparativos que fez para receber o amado, mas é deixada esperando, triste e com tesão. O clipe mostra a sequência dos fatos que ocorreram em *Ama, Sofre, Chora*, com Vittar chegando sozinha no hotel da lua de mel e rasgando o seu vestido de noiva. Logo após são mostradas outras cenas de Pablllo em diferentes cenários no hotel dançando a coreografia da música que viralizou no TikTok. Em setembro de 2021, Pablllo lançou videoclipe para *Bang Bang*, música que é uma regravação da banda Companhia do Calypso, uma das inspirações de Pablllo. Com essas três músicas lançadas como single até agora, *Batidão Tropical* já está quebrando recordes e tornou-se a melhor estreia da carreira da cantora no Spotify, com 4,6 milhões de reproduções, entre todas as canções, em apenas 24h de lançamento. Com essa marca, a drag queen se colocou no quinto lugar entre as dez melhores estreias da história no Spotify Brasil (ROCHA, 2021). Suas divulgações continuaram também sendo realizadas em programas da televisão aberta como *Super Dança dos Famosos*, *Encontro com Fátima Bernardes* e *Caldeirão do Huck*, onde passou por um quadro que reconstruiu cenograficamente sua casa de infância, contando toda a sua trajetória para chegar até o sucesso atual. Pablllo, que nasceu no Maranhão, depois se mudou para o Pará e, por fim, para Minas Gerais, contou no programa que, enquanto morava com sua mãe e sua irmã em Uberlândia, chegou a viver em acampamento do Movimento Sem Terra, declaração que gerou muitas notícias na internet.

Seu amor me pegou
 Cê bateu tão forte com o teu amor
 Nocauteou, me tonteou
 Veio à tona, fui à lona, foi K.O.
 (K.O., PABLO VITTAR, 2017)

Com essa estrofe Pablo conquistou a atenção de brasileiros e brasileiras a escutarem sua música, dando os primeiros passos para se tornar uma das cantoras mais influentes dentro do Brasil. Em 2017, ano do lançamento de *K.O.*, não tínhamos nenhum artista LGBTQIA+ conquistando a cultura *mainstream* no Brasil, espaço que estava sendo dominado pelos cantores sertanejos e de funk. A música pop começava a ter seus grandes sucessos com Anitta e Ludmilla, artistas que anos depois se assumiriam publicamente como LGBTQIA+. Imaginar uma *drag queen* sendo inserida nesse mercado era uma tarefa muito difícil, tendo em vista que na época estavam começando a ser mobilizados os movimentos ultraconservadores como o desmonte da exposição *Queermuseu*, já citado no texto. Nesse contexto Pablo estava fazendo sua arte, conquistando seu público aos poucos, primeiro tendo uma audiência formada em grande parte por pessoas LGBTQIA+. Sempre manteve em sua música uma mistura de brasilidade com o *pop*, utilizando como referência ritmos que cresceu ouvindo. Assim nasceu *K.O.*, um forró eletrônico que começou a conquistar um público mais abrangente para Pablo por ser uma música envolvente pelo ritmo e com uma letra simples, fácil de ser memorizada.

Sempre fui guerreira, mas foi de primeira
 Me vi indefesa, coração perdeu a luta, sim
 Adeus bebedeira, vida de solteira
 Quero sexta-feira
 Estar contigo na minha cama juntos, coladin

Me beija a noite inteira
 Sexy na banheira
 Vou te dar canseira
 Quero do início até o fim

E fixa o olhar, fico a te olhar
 Vou te falar, fui à lona com o seu
 (K.O., PABLO VITTAR, 2017)

A canção conta a narrativa de alguém que se encontrava relutante em ter um relacionamento amoroso até encontrar uma pessoa que mudou sua percepção, com a expressão *K.O.*, abreviação da palavra *knockout* empregada nas lutas de boxe, como forma de

declarar derrota, sendo utilizada para declarar sua entrega ao amor. A música acertou ao trazer uma temática universal, apresentando situações com que muitas pessoas podem se identificar. Misturar tudo isso, junto com elemento das rimas repetitivas que fixam na cabeça e o ritmo típico brasileiro, foi o que começou a formar o sucesso comercial que seria *K.O.*

O videoclipe estreou em 19 de abril de 2017 e logo já se destacou por trazer uma produção com qualidade internacional, como poucos vinham fazendo no Brasil até então. As cenas são ambientadas todas dentro de uma academia de boxe, seguindo a temática da letra, mostrando Pabllo em diferentes cenários como um fundo de armários, outro com medalhas e troféus, por último dentro de um ringue de luta. Vittar diversifica os seus looks também, aparecendo com uma peruca presa em tranças de boxe utilizando top e calcinha esportivos, variando suas cores e combinando com uma calça ou com uma bota, e outro *look* com a peruca presa em “rabo de cavalo”, vestindo um camiseta de time com a meia alta e botas de cano longo.

Figura 25 – Videoclipe *K.O.*



Fonte: *You Tube*, 2017.

Figura 26 – Videoclipe *K.O.*

Fonte: *You Tube*, 2017.

Figura 27 – Videoclipe *K.O.*

Fonte: *You Tube*, 2017.

Após a apresentação inicial com Pablllo cantando a música e dançando, começam as ser mostradas cenas de um boxeador se preparando para uma luta, indicando que ele é o par romântico da cantora no videoclipe. Juntos começam a dançar sensualmente dentro do ringue, com os corpos bem colados, e, por último, é apresentada uma cena onde Pablllo está só de calcinha debaixo do chuveiro, com peruca e tapando o peito, até que chega o lutador e eles começam a se agarrar.

Figura 28 – Videoclipe *K.O.*



Fonte: *You Tube*, 2017.

Figura 29 – Videoclipe *K.O.*



Fonte: *You Tube*, 2017.

Figura 30 – Videoclipe *K.O.*



Fonte: *You Tube*, 2017.

O que Vittar busca não é necessariamente impactar com uma mensagem de resistência em suas músicas ou videoclipes, mas, sim, causar um estranhamento com a sua imagem. Como Rocha e Postinguel (2017) muito bem descreveram:

A cantora-performer-*drag* joga com a ambiguidade e a indeterminação, propiciando uma excitação 'para quem a consome'. Vittar é feminino e é masculino, é biológico, mas também é virtual, é orgânico e inorgânico, sujeito e objeto. Excita, é excitada e excita-se com. Enxergamos nessa erótica visual, ou melhor, nessa pornografia-pop-plástica da cantora novas formas de politicidade, em torno das questões de gênero e sexualidade, por exemplo. (ROCHA; POSTINGUEL, 2017, p. 11)

Pablo ocupa os espaços *mainstream* trazendo um debate sobre as falsas binaridades e como o gênero é uma categoria completamente construída culturalmente, fazendo um menino gay transformar-se em uma imagem feminina somente com o uso de maquiagem, peruca e figurino. A categoria gênero sempre foi utilizada como uma relação de poder para posicionar/situar a mulher como inferior ao homem, destinada a servir o sexo masculino e contentar-se com uma história de vida marcada principalmente pelo cuidado com a família e a casa. Seu trabalho foi sempre dar apoio para os grandes feitos que os homens poderiam conquistar. É por isso que desde o início ela foi tratada como objeto, uma figurante dos principais acontecimentos, sem direito à opinião e à vontade própria. Quando escapava dessas normas era julgada como histérica, vulgar, subtraindo-lhe valor (RAGO, 2019). O que Pablo busca é subverter esses significados através de sua arte, utilizando a feminilidade como um amuleto de força. A sensualidade e o seu corpo, sarado e com a bunda grande, são muito utilizados para incorporar as discussões sobre a ambiguidade entre gêneros e como o feminino pode ser valorizado em um corpo biologicamente masculino.

A cantora ainda aborda em seus videoclipes a questão da sexualidade LGBTQIA+, mostrando-se em relacionamento com outros homens de forma muito natural, sem tempo para questionamentos que buscam demarcar uma heterossexualidade ou homossexualidade para sua persona *drag queen*. Pablo Vittar transforma o poder que a sua imagem atualmente conquistou em força para lutar contra os códigos padrões de sociabilidade, que invisibilizam as minorias de sexo e gênero. Ela busca dar voz para novas artistas LGBTQI+ que surgem, realizando colaborações em músicas e participações em videoclipes, fazendo com que o seu público, que já a considera uma inspiração, também conheça essas artistas. Pablo questiona o sistema cisheteronormativo e propõe novas formas imagéticas não-dominantes de gênero e sexualidade, promovendo essas questões tendo a visibilidade de uma das grandes artistas da música contemporânea brasileira.

3 VER A RUA

Este capítulo tem como propósito trazer para dentro da pesquisa o olhar de pessoas trans sobre temáticas acerca da comunidade LGBTQIA+, incluindo suas percepções sobre as artistas que fazem parte da análise e suas representações nos videoclipes. O objetivo das entrevistas é explorar as possíveis articulações entre as representações postas em circulação pelos videoclipes analisados e suas respectivas apropriações por pessoas trans, visando maior visibilidade para a essa comunidade que poucas vezes são destacadas em pesquisas. Assim, será primeiro feita uma introdução às entrevistadas, falando sobre o processo de contato com elas e apresentando suas características conforme as próprias se descreveram. Logo após, vem um subcapítulo para falar sobre suas vivências como LGBTQIA+, falando de modo geral sobre questões como o preconceito, união entre a comunidade e a conquista de direitos. Na sequência das interlocuções foram expostas questões sobre Linn da Quebrada, Liniker, Pablo Vittar e os videoclipes selecionados. Esses resultados foram separados por artista, constituindo subcapítulos específicos. Por último, são mostradas as visões das entrevistadas sobre o possível impacto das representações na sociedade e no meio LGBTQIA+, fazendo um panorama geral de todas as artistas e seus conteúdos midiáticos.

3.1 QUEM SÃO AS ENTREVISTADAS?

Conforme o que foi proposto pela pesquisa, visando a maior visibilidade a vozes trans, muitas vezes ignoradas, e mostrando uma diversidade de olhares e falas dentro do próprio meio, foram realizados os primeiros contatos em março de 2021. Como forma de conseguir ampliar o contingente a ser entrevistado, foi utilizada a estratégia de “bola de neve” onde uma entrevistada indica outras pessoas trans que poderiam se interessar em participar da pesquisa. Optou-se por utilizar o pronome feminino ao se referir a todas entrevistadas, mesmo com a presença de homens e mulheres na pesquisa. Isso se dá por implicar um conjunto de pessoas entrevistadas e também por estratégia de valorização do feminino ao invés do masculino, comumente utilizado para generalizações na escrita.

Os primeiros contatos foram feitos com pessoas que já conhecia, fazendo o convite através das redes sociais. Primeiro explicava sobre o que tratava a pesquisa, como se daria a dinâmica e a razão de selecionar pessoas trans. Quando as convidadas aceitavam o convite, combinávamos um dia e horário para realizar a entrevista através de videochamada, devido ao período de pandemia. No dia da entrevista, antes de iniciar as perguntas, explicava novamente

o tema da pesquisa, junto com uma breve apresentação do pesquisador, e feita uma declaração de consentimento da participação, notificando que após seria enviado o documento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para ser assinado e guardado em duas vias - uma para a pessoa entrevistada, outra para o pesquisador.

Como os contatos foram sendo selecionados através da estratégia “bola de neve”, e as pessoas com que mais me relaciono em Santa Maria transitam no ambiente universitário, conseqüentemente, a maioria das pessoas entrevistadas são estudantes universitárias. As entrevistas ocorreram entre março e junho de 2021, com duração média de 50 minutos cada. As idades variam entre 24 e 54 anos, um grupo composto por jovens/adultas e adultas, com raças diferentes e outras características que as diferenciam, assim como vemos na descrição do perfil das entrevistadas logo adiante.

Fazem parte da pesquisa seis participantes: Nati, Vinicius, Roberta, Suelen, Bernardo e Marquita. Quando ofertada, antes do início da entrevista, a possibilidade de ser utilizado nome fictício na pesquisa, todas as pessoas entrevistadas decidiram por se identificar com o próprio nome, nome social que assumiram junto com a identidade trans. As entrevistas cumpriram o seu papel por atingirem o objetivo da pesquisa de observar os diferentes tipos de apropriações às questões propostas e ao consumirem o conteúdo midiático de cada artista.

Buscamos, a seguir, descrever ao máximo o perfil de nossas entrevistadas, seguindo os limites das questões elaboradas para a entrevista. Assim, podemos compreender de que forma os marcadores atrelados a elas afetam no modo como se apropriam das temáticas apresentadas no questionário e nos videoclipes. Esses marcadores dão um norte para constatar como as entrevistadas se percebem dentro da comunidade LGBTQIA+ e como assimilam/aceitam/contestam as ideias debatidas nos videoclipes, entendendo também como suas características identitárias incidem no posicionamento que tomam diante às perguntas da entrevista.

Nati é do gênero feminino, tem 24 anos, considera-se bissexual, “parda” e é estudante de Arquitetura. Suas maiores referências como LGBTQIA+ são pessoas dentro do mundo musical brasileiro, como Liniker e Luedji Luna, duas artistas pretas com uma arte de teor mais político, e Pablllo Vittar e Glória Groove, artistas *drag queens* de músicas mais populares, com as quais se identifica menos, mas ainda a impactam de alguma forma. Nati é interessada na cena musical LGBTQIA+ brasileira, mas não escuta músicas do tipo tão assiduamente. O que mais gosta de escutar atualmente são artistas como Anitta, da música *pop*, Liniker, da música

soul, curte escutar músicas gospel às vezes e músicas que fizeram sucesso antigamente como o grupo mexicano RBD, a Banda Calypso e o tecnobrega da Banda Djavú.

Vinicius é do gênero masculino, possui 24 anos, considera-se bissexual/pansexual, “branco” e é técnico agropecuário e graduando em Dança (Bacharelado). Suas maiores referências como LGBTQIA+ são a *drag* americana Rupaul e outras pessoas andróginas. Ao considerar-se mais dentro do espectro não binário, sua definição de gênero masculino tem um significado mais político. Entre as pessoas andróginas que admirava está uma modelo, participante do reality *Americas Next Top Model*, que era careca e cheia de tatuagem, que “fazia coisas que o inspiravam”. Outra inspiração para ele é Vera Verão pela sua autoconfiança sendo uma “mulherona, com poder, com inteligência, com influência e ninguém vai me fazer baixar a cabeça”. Para Vinicius esse é o ponto mais potente quando se coloca uma pessoa na mídia para representar uma comunidade, alguém que mesmo enfrentando preconceito e sendo motivo de chacota saiba reverter isso, mostrando que é motivo de orgulho: “me construí, sou uma pessoa completa, tenho minha profissão, tenho a minha arte, tenho um mundo inteiro a ser explorado de uma forma que vocês nem fazem ideia”. Essas são as pessoas pioneiras em cada meio que foi acompanhando e que o impactaram para construir a visão de mundo que tem hoje e a coragem para viver do jeito que quer viver. Vinicius é interessado na cena musical LGBTQIA+ brasileira, mas não se considera a melhor pessoa para ter as referências dessa área. Gosta de escutar atualmente Liniker, por gostar da música por si só e por ela trazer uma coisa muito pura da natureza, uma voz suave que o faz viajar. Para ele, Liniker é uma artista completa que desperta seus sentidos.

Roberta é do gênero feminino, tem 30 anos, considera-se pansexual, é “preta” e estudante de História. Possui como maiores referências LGBTQIA+ a ativista Marsha P. Johnson, que lutou pelos direitos LGBTQIA+ na Rebelião de Stonewall, em 1969, mostrando para ela que a luta deve ser ativa e não tão pacífica como pensavam. Outras referências são Liniker e Linn da Quebrada, artistas musicais brasileiras, Elton John e Freddie Mercury, grandes lendas da música internacional, e Audre Lorde, uma escritora feminista e ativista dos direitos LGBTQIA+. É interessada na cena musical LGBTQIA+ brasileira, mas não procura tanto por lançamentos. Acredita que estamos vivendo o ápice da criatividade da música nacional com o pessoal LGBTQIA+ que está surgindo. Escuta com mais frequência Liniker, Linn da Quebrada, Pablllo Vittar e Urias.

Suelen é do gênero feminino, tem 26 anos, considera-se heterossexual, “branca”, é estudante de Ciências Sociais – Serviço Social e trabalha no Cadastro Único. Sua maior referência como LGBTQIA+ é a atriz norte americana Dominique Jackson, principalmente

pelo seu papel na série *Pose*, focada na cultura *ballroom*, entre os anos 80 e 90, onde ela interpreta uma personagem trans com falas empoderadoras. Não é interessada na cena musical LGBTQIA+ brasileira, seu gosto é mais pelo *pop/R&B* internacional. Os artistas musicais brasileiros que mais escuta são Pablo Vittar, Anitta e Luisa Sonza.

Bernardo é do gênero masculino, possui 29 anos, considera-se bissexual, “branco”, trabalha como agente comercial e é artista. Sua primeira referência como LGBTQIA+ foi João Nery, o primeiro homem trans a realizar a cirurgia de redesignação sexual no Brasil, em 1977. Cita outras referências como as cantoras Pablo Vittar, por levantar um debate sobre gênero, Linn da Quebrada, Liniker, Majur e o rapper Jupí77er do Rap Plus Size. É interessado na cena musical LGBTQIA+ brasileira, só escuta artistas LGBTQIA+ brasileiros praticamente. Entre os artistas nacionais gosta de escutar Johnny Hooker, fora os já citados como referência.

Marquita é do gênero feminino, tem 54 anos, considera-se assexual, “negra” e é produtora cultural/agente cultural. Suas principais referências como LGBTQIA+ são ativistas dos direitos LGBTQIA+ como Marcelly Malta, Toni Reis, Célio Golin, enfatizando os nomes de Marcelino Cabral e Davico, ativistas de Santa Maria e fundadores/integrantes da torcida LGBTQIA+ Maré Vermelha do Inter-SM, criada no início dos anos 80, da qual também participou. Acredita ser interessada na cena musical LGBTQIA+ brasileira, mas é mais ligada nas músicas *pop* comerciais. Entre os artistas brasileiros que escuta estão Johnny Hooker, Cazusa, a cantor trans gaúcha Valéria Barcellos, Pablo Vittar e Glória Groove.

Após a apresentação das interlocutoras, podemos destacar alguns marcadores que ficaram em evidência. Quatro entrevistadas são do gênero feminino, sendo apenas dois do gênero masculino. A idade de maior parte delas fica entre 24 e 30 anos, só uma delas possui idade mais avançada, com 54 anos. Quatro delas se entendem como bissexuais ou pansexuais, uma se considera heterossexual e outra assexual. Em relação à raça, três se consideram brancas, duas pretas e uma parda. Quatro das entrevistas circulam pelo ambiente acadêmico, as outras duas não comentaram se já passaram pela universidade. Todas citaram pelo menos uma vez como referência ou como artista que gosta de escutar alguma artista que faz parte desta pesquisa – Pablo Vittar, Liniker e Linn da Quebrada.

Identificadas essas características, agora podemos utilizá-las para analisar como os diferentes marcadores inferem na maneira de apropriação de cada conteúdo e das questões levantadas. Para Bento (2017), os marcadores de diferença precisam ser cruzados para fazerem sentido; existe uma impossibilidade de análises focadas em apenas uma das

categorias analíticas e políticas (sexualidade, gênero e raça). Assim, vemos a seguir como ocorre a construção de identidades mediada pela questão midiática. As entrevistas debatem os temas de cunho LGBTQIA+ e os videoclipes das artistas com base em sua trajetória como LGBTQIA+ e suas vivências.

3.2 VIVÊNCIA LGBTQIA+

Para dar início às entrevistas foram feitas questões gerais acerca da vivência de cada uma como LGBTQIA+ e suas percepções sobre alguns assuntos latentes dentro da comunidade. O objetivo é trazer para dentro da pesquisa debates que muitas vezes são silenciados para vozes trans, entendendo essas pessoas como essenciais para pensar o ativismo LGBTQIA+ dentro do Brasil. Segundo Bento (2015), a dialética já não consegue enxergar as disputas e resistências que não cabem na binaridade, as quais acontecem na rua, nas vivências.

O que se dá é um roubo das múltiplas vozes que são apagadas pelos signos hegemônicos (gay, mulher, proletariado, negro) que dizem portar a verdade última de todos os “outros”. Na perspectiva dialética de fazer história não há espaço para as polifonias. Pluralidades de existências são apagadas, negadas, invisibilizadas em nome do “inimigo principal”. Nos últimos tempos, vimos surgir um novo nome para essa dialética dos contrários (binários): essencialismo estratégico (BENTO, 2015, p.14).

Para a autora, muitas vezes a tática discursiva não é vista como uma mão dupla, onde, para libertar o oprimido, é preciso produzir o outro como portador de uma identidade essencial. A luta deve ser feita para mudar exclusivamente as posições dos termos da opressão (BENTO, 2015). Assim, primeiramente foi questionado para as entrevistadas como elas definiam sua experiência como LGBTQIA+. Nati e Vinicius a definiram como desafiadora, citando as adversidades pelas quais tem que passar, situações em comum para toda a comunidade LGBTQIA+ no Brasil. “A produção da heterossexualidade é um projeto diário e violento” (BENTO, 2017, p.198). Instituições como a família e a escola continuam a reproduzir sistematicamente LGBTfobia, mantendo a preservação do costume heterossexual (BENTO, 2017).

Nati: Eu acho desafiador, por conta do atual momento em que a gente vive e no lugar que a gente vive.

Vinicius: Desafiadora [...], porque em toda a história, hoje, ontem, desde sempre, qualquer forma de expressar seu modo de viver e de sentir, sendo algo não

heteronormativo, é sempre um embate familiar ou nos ambientes de estudo. Em todo ambiente há sempre uma coisa a ser construída, a ser mostrada de forma natural, porque de imediato geralmente não é.

Para Roberta e Suelen, suas experiências apresentam prós e contras, mencionando principalmente a união entre a comunidade e as relações com outras pessoas da sigla como um ponto positivo em suas experiências, e como ponto negativo destacam o preconceito que ainda é muito forte dentro do nosso país. Halberstam (2005) fala que, quando várias formas de expressão da comunidade LGBTQIA+ se unem, elas formam uma forte subcultura *queer* que precisa ser reconhecida dentro de seus próprios termos. As subculturas *queer* são relacionadas a outras subculturas mais tradicionais como o punk, porém traçam um novo território ao questionar a categorização de gênero, geração, classe, raça, comunidade e sexualidade, preservando a crítica à heteronormatividade que é presente em toda a vida *queer*. Elas representam formas móveis e extrafamiliares de se criar afiliações, escolher uma família.

Roberta: Altos e baixos [...]. O alto eu acho que é ter a oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas da comunidade, estar dentro de debates que vão desde saúde até direitos sociais e campo filosófico, história também, que é a ciência que eu estudo [...]. Acho que a galera proporciona, além desse conhecimento, uma 'vibe', digamos assim, que me agrada bastante, afinal faço parte [da comunidade LGBTQIA+] então rola muito a questão do reconhecimento, de como que a prática social, algo que a gente almeja, possa ser exercida. Os baixos é o preconceito, acho que isso é o que os movimentos mais batem em cima, mais que certo, porque o Brasil não é fácil em questão dos direitos das pessoas LGBTQIA+, pelo 13º ano seguido a gente foi o país que mais matou pessoas trans/travestis no mundo [...].

Suelen: Depende, tem dias que é legal, tem dias que não, acho que depende muito do local onde tu estás inserido, das pessoas que estão envolvidas nesses meios de sociabilidade, as vezes é mais tranquilo, as vezes não.

Bernardo falou de sua experiência de maneira favorável, pelo fato dela ter um significado de liberdade para ele, mas destacou que o fato de ser branco lhe dá privilégios que pessoas pretas não têm acesso.

Bernardo: Apesar dos apesares, por ser branco, é uma experiência privilegiada perto de outras vivências, mas a minha experiência ela é libertadora, pra mim é vida [...].

Marquita foi sucinta em suas palavras e procurou exaltar a sua trajetória pessoal como LGBTQIA+.

Marquita: Eu acho que sou uma pessoa lutadora do nosso dia a dia, assim, guerreira..

Quando questionadas sobre união da comunidade LGBTQIA+ entre si, todas entrevistadas concordaram no aspecto que existem diferenças entre as pessoas dentro da sigla e que essas diferenças as vezes podem entrar em conflito. Nati e Suelen definiram a comunidade como desarticulada, evidenciando principalmente os ataques à população trans que ocorrem por grupos dentro da própria comunidade. Para o gay, é possível se esconder atrás de estereótipos como uma forma de blindagem ao preconceito, principalmente eliminando quaisquer performances que o identifiquem com o feminino. Já os corpos trans, são a própria materialidade da impossibilidade de assimilação (BENTO, 2017).

Nati: Desunida, desarticulada, elitista, classicista e heterogênea, cada um na sua.

Suelen: Eu penso que é desarticulado no sentido de que se tu for acompanhar geralmente cada um puxa para um lado, claro, são sujeitos que perpassam diversos marcadores sociais, mas, mesmo assim, quando a pauta é identidade de gênero ou sexualidade eu acho que é complexo isso. Se a gente pensar que a página do Facebook Orgulho Gay ataca diretamente a comunidade trans, que o grupo GGB da Bahia também ataca e tenta desqualificar as pesquisas produzidas pela ANTRA, a gente vê que tem muita desunião e um certo revanchismo, principalmente de quando a comunidade trans começa a ter mais visibilidade, porque esses ataques antes eles não existiam, pelo menos assim tão publicamente, mas a partir do momento que a comunidade trans ganha uma certa visibilidade começam esses ataques, principalmente aliados ao radfem¹².

Vinicius concorda que existem algumas inquietações com as pessoas trans por outros membros da sigla e que isso vem por causa de uma diferença de privilégios, mas destaca sua experiência pessoal com outras pessoas LGBTQIA+ que conheceu dentro do ambiente acadêmico. Com essas pessoas, ele se sentiu acolhido e houve uma troca em um nível de igualdade. Subculturas *queer* deixam claro que comunidades não se formam apenas de forma orgânica e natural, elas também podem estar presentes nas formas de não pertencimento a lugares e a desconexões. Diferente de outras subculturas, as subculturas *queer* ultrapassam as barreiras das binariedades. Não podem ser determinadas como um furor adolescente, pois pessoas *queer* se engajam em sua subcultura por bastante tempo, indo contra a ideia de maturidade normativa baseada na família e casa (HALBERSTAM, 2005).

Vinicius: Sendo uma pessoa trans, tem alguns complexos dentro do próprio meio com as outras letras da sigla, muitas vezes porque eu acredito que a comunidade trans ainda é a mais afastada de todos os centros onde os outro LGB+ são bem

¹² Expressão utilizada, muitas vezes na coloquialidade, para se referir às feministas radicais, as quais abordam a questão biológica como um fator determinante na construção da imagem do feminino.

vindos, mas eu pelo menos na minha experiência tenho privilégio de ter muita gente que é de todas as letras da sigla e que são todas pessoas maravilhosas, acolhedoras, tive a sorte de encontrar elas praticamente todas aqui em Santa Maria, na universidade e acredito que essa é a maior força de potência, quando a gente consegue olhar pro outro e se ver, se sentir como um igual e um merecedor da vida assim como qualquer outro, então, a minha visão sobre esse grupo é que ele é muito necessário pra todos.

Bernardo levantou a questão dos padrões cisheteronormativos que acabam dividindo a comunidade por suas interseccionalidades de raça, gênero, classe social e ideal estético. A construção assimétrica e hierárquica dos corpos, na ordem binária do gênero, compõe o dispositivo do chamado “determinismo biológico”. Esse dispositivo é sustentado pela tríade raça, gênero e sexualidade, devido a isso que as relações entre esses três marcadores possuem pontos semelhantes, cada um com suas especificidades (BENTO, 2017). Por exemplo, “embora não exista raça, sabemos que ela opera na vida social, destruindo castigos e privilégios” (BENTO, 2017, p. 239).

Bernardo: Depende, no geral ela [comunidade LGBTQIA+] é muito padronizada, muito cisheteronormativa em questão de padrão corporal, padrão de cor da pele, padrão de classe social, padrão de gênero. A gente acaba dividindo em minorias das minorias, então eu acho que ainda precisa melhorar muita coisa na questão de aceitação e respeito também à identidades que não sejam cis gay e lésbica.

Já para Roberta e Marquita existe certa união entre a comunidade que, embora tenha diferenças entre si, apoia-se nos momentos necessários para lutar contra o preconceito e pela conquista de direitos.

Roberta: Uma frase que eu gosto bastante [...] ‘atirar juntos, mas marchar separado’, eu acho que talvez isso define um pouco, porque é muita inocência a gente pensar que toda a comunidade vai se unir, todo mundo vai se gostar, vai se amar, mas eu acho que tem momentos que certas diferenças particulares que você teria com determinada pessoa [...] devem ser deixadas de lado por questões da luta por direitos. É o que eu acho que acontece, eu não sou tão por dentro dos movimentos, gosto de dizer que eu sou uma pessoa da sigla, mas não me considero uma militante no sentido que eu acho que a palavra tenha, de participar de um coletivo, dessas questões que eu acho que são mais profundas mesmo [...].

Marquita: Acho que o pessoal costuma dizer que a gente não é unido, eu acho que em qualquer grupo essas diferenças aparecem, mas acho que a gente é unido. Quando a gente olha pra nossa população a gente vê que temos as mesmas pautas, as mesmas demandas, qualquer grupo tem diferença, qualquer segmento tem pensamentos diferentes [...]. Nós somos unidos, porque que a gente mostra quando a gente está em algum momento [difícil], acabamos todos nós nos unindo.

Em relação à conquista de direitos para a comunidade LGBTQIA+, todas concordaram que algumas pautas foram atendidas, mas que ainda não é o suficiente. Nati e Vinicius falaram que estamos avançando lentamente nessas questões e destacaram que as pessoas trans são as mais esquecidas pelos projetos sociais.

Nati: Eu acho que sim, mesmo que lentamente, teve alguns avanços, como a questão do casamento e da adoção, por enquanto uns avanços ainda voltados pra comunidade LGB, a comunidade trans ainda é esquecida em alguns direitos, infelizmente.”

Vinicius: Com certeza existem avanços, com certeza estamos muito longe de um ideal básico, tem uma quantidade absurda de pautas que não são frequentemente pensadas, que não são colocadas ali para realmente ter alguma mudança [...]. Eu estava entrando em uma conversa sobre o Onlyfans, que é tipo um serviço de envio de imagens ou alguns outros parecidos que são de trabalho de prostituição através da internet e nesse meio de assunto a gente entrou sobre a pauta das travestis que só tem o modo da prostituição como único meio de sobrevivência, como a grande maioria delas não tem nenhum acesso a um benefício ou qualquer coisa que seja de pauta social, de trabalho social, e que essas pessoas geralmente, as que eu tenho conhecimento, moram juntas em algum grande lugar que tem alguns meios muito precários de sobreviver e é essa forma conjunta e comunitária que faz com que essas pessoas ainda comam hoje em dia. Está ruim pra todo mundo, está muito pior pra elas.

Suelen concorda que avançamos lentamente e diz que o nosso Judiciário é responsável por tentar cobrir uma lacuna que é deixada por parte de Legislativo e do Executivo, responsáveis pelo sucateamento de diversos programas voltados a população LGBTQIA+ e por apresentarem projetos que buscam caçar alguns direitos já conquistados pela comunidade. A produção da heterossexualidade como categoria comum não está inscrita apenas nos costumes do âmbito privado, mas também está claramente inserida em relações de poder. O projeto de produção de uma pessoa heterossexual é um projeto que conta com o apoio da família, da escola e também dos representantes do Estado, vide a bancada religiosa no Congresso Nacional (BENTO, 2017).

Suelen: Eu acho que nós avançamos a passos lentos, se a gente pensar que o STF precisou ordenar que LGBTfobia fosse crime comparado ao racismo, a gente tem uma certa lacuna principalmente por parte do Legislativo e do Executivo, eu não preciso nem dizer né, porque diversos programas voltados a população LGBT foram sucateados por falta de verba, então eu vejo que há essa lacuna, mas alguns avanços principalmente partindo do Judiciário são bons, assim, eu acho que o Judiciário tenta cobrir essa lacuna.

Pesquisador: Da discriminação?

Suelen: Não só da discriminação, acho que desde 2016 a gente tem um ataque desses setores mais reacionários e conservadores, principalmente voltado a população trans. Se tu pensar que diversos deputados lançam projetos de lei no sentido de retirar o direito e acesso ao nome social, que é uma política

extremamente importante, principalmente no acesso a saúde, mesmo que em vários lugares ela não funcione e é uma normativa desde 2019, eu acho complicado isso, mas enfim, eu acho que o Judiciário tenta cobrir essa lacuna de alguma forma, mas lentamente.

Bernardo e Marquita acreditam que existe avanços que precisam ser valorizados, como a questão da LGBTfobia tornar-se um crime, o reconhecimento do nome social e troca de gênero direto no cartório, o acesso à saúde, à união civil e à adoção. Mesmo assim, Marquita fala que, por alguns momentos, ainda passamos por dificuldades e Bernardo comenta que esses ainda são “pequenos avanços”.

Bernardo: Existem avanços, pequenos avanços, mas existem avanços.

Pesquisador: Quais são esses avanços?

Bernardo: A questão, por exemplo, que me atingiu diretamente foi a questão do direito da troca do nome e gênero direto no cartório [...]. Tem a questão da LGBTfobia, que ta avançando também por já se tornar crime, então eu acho que são os dois últimos avanços que eu me lembro, a questão de acesso a saúde também avançando lentamente, mas avançando, a questão de plano de saúde já estar tendo que cobrir cirurgias, então tem se avançado um pouquinho a cada dia.

Marquita: Eu acredito que a gente tem avançado, por mais dificultoso que seja em alguns períodos, mas a gente tem algumas conquistas que não podem ser negadas.

Pesquisador: Quais conquistas tu gostarias de destacar?

Marquita: Eu falo na questão dos direitos civis mesmo, questão da união civil, da relação de adoção, a questão do reconhecimento do nome social, isso principalmente pra população trans isso foi muito difícil, nós passávamos por vários constrangimentos, a questão da LGBTfobia, mesmo que ela não seja uma lei propriamente, mas isso é uma conquista de direito.

Roberta acredita também que houve avanços, mas que esses avanços não escutaram as demandas da comunidade diretamente e, por isso, não representam o que as pessoas LGBTQIA+ realmente querem.

Roberta: [...] Eu acho que teve um avanço, mas eu acho que esse avanço talvez não debateu tão bem com os movimentos, teve um avanço no sentido de ‘vamos escutar um pouquinho essa gente aí’, mas eu acho que tem muita coisa que ainda pode melhorar [...]. [Tenho] esperanças que o debate seja cada vez mais promovido e de uma forma que representem mais as pessoas da sigla da forma que elas realmente queiram.

Na seção da entrevista sobre a vivência LGBTQIA+ de cada um, foi questionado às entrevistadas se elas se identificavam com o que era representado midiaticamente e o que achavam das representações de pessoas LGBTQIA+ na mídia. Nati foi categórica em dizer que não se sentia representada, porque acredita que a maioria das representações feitas

atualmente é esvaziada de teor político, focadas muito em serem “comerciais e em gerar dinheiro para os artistas”, glamourizando o meio LGBTQIA+ e esquecendo as lutas que precisamos enfrentar. Quando a mídia *mainstream* começa a dar atenção para subculturas pode se transformar em resultados positivos que irão alterar a produção da cultura dominante ou, como na maioria dos casos, isso se transforma numa prática predatória, como forma de utilizar a aparição da subcultura para ilustrar o que é estranho e perverso, ou desapropriar essa subcultura de seus produtores para ser utilizada em benefício próprio e sem creditação (HALBERSTAM, 2005). Roberta concorda com essa questão colocada por Nati, porém também acredita que as redes sociais possuem um papel “interessante” de dar representatividade para diversos nichos, inclusive para ela, como mulher trans, onde encontra pessoas que compartilham o mesmo discurso que o seu.

Nati: Eu acho não, porque, por exemplo, o que a gente conhece de representação LGBT que passa na mídia, nem todas as músicas tem o caráter, digamos assim, de luta ou militância e claro que eles não iam fazer isso o tempo inteiro, porque ia se tornar muito chato, mas eu acho que os artistas LGBTs, que se dizem LGBTs e, entre aspas, “vendem essa causa”, eles tão preocupados mesmo com gerar grana, preocupados com carreira, com fama, acho que são bem poucos artistas LGBT que tem um pouco de noção de se posicionar e fazer algo concreto, algo que não fique ali só no papinho pra enganar as pessoas [...], continuando ainda vendendo aquela ideia que o meio LGBT é um meio muito legal, que as pessoas são muito queridas e tem vários privilégios, conquistas e não é bem assim. Por exemplo, eu acho que quando um gringo vê um vídeo da Pablla Vittar acha que o Brasil é tipo, ‘nossa eles tem um cantor drag conhecido no país’ e ‘lá parece ser super de boas’, na prática não é assim, é um país extremamente preconceituoso e a gente já sabe como é violento, que esses políticos tão o tempo inteiro dando rasteira na gente, nos nossos direitos.

Roberta: Sim e não, é porque eu acho que é uma pergunta muito complexa, eu acho que é difícil eu me sentir totalmente representada na mídia, porque eu acho que às vezes os espaços que as pessoas da sigla vão eles podam tanto, dá para polir tanto o debate que às vezes fica uma coisa esvaziada de sentido político, que eu acho que daí perde um pouco do sentido de se estar chamando uma pessoa da sigla lá pra fazer uma fala que tem a ver com o movimento, [...] mas por outro lado tem espaços que promovem isso muito bem, mas que são espaços na mídia que tem um alcance menor, em termo de quantas pessoas que vão assistir aquilo. Eu acho que as redes sociais elas tem até um papel interessante nesse sentido, por mais que quem tem acesso à internet no nosso país ainda é uma parcela privilegiada da população, mas nesses meios [redes sociais] [...] eu acho que tem uma representatividade bacana, são locais que eu acho que tem uma representatividade, no caso para mim, o T da sigla, ali eu consigo encontrar pessoas trans e travestigêneres que de fato eu olho ‘poxa, aqui realmente está falando algo que acho que me representa mesmo’ [...].

Suelen diz que internacionalmente ela consegue pensar em pessoas que a representam na mídia, citando também a Pablla como uma artista de abrangência internacional que traz muita representatividade, quebrando alguns paradigmas. No entanto, Suelen ressalta que existem ainda muitos artistas LGBTQIA+ que deveriam ter mais visibilidade e que não

conquistam mais audiência justamente por não terem uma imagem polida como a apresentada por Pablló Vittar.

Suelen: Depende viu, é porque eu não consumo muito conteúdo nacional [...]. Internacionalmente eu acho que a Laverne Cox é uma atriz muito boa que representa a comunidade trans em si, eu acho que a gente tem diversos artistas principalmente internacionalmente que trazem uma boa representatividade, a Pablló é um exemplo, a Liniker eu acho que ela tem que ter mais visibilidade, pelo que eu acompanho, não sou uma pessoa que consome as músicas dela, mas eu acho que ela deveria ter mais abrangência [...]. Sobre a Pablló, acho legal a forma como ela confunde a cabeça das pessoas cisgêneras, inclusive lançando várias fake news. A última que eu vi foi que ela era a mulher mais linda do mundo, tinha desbancado a Gisele Bündchen, daí o povo ficou louco [...]. Se a gente pensar exclusivamente na Pablló, okay, porque ela tem bastante visibilidade, foi até pro [...] EMA e é uma visibilidade boa. Ela está calçando todos esses degraus, está subindo esses degraus, é uma das pessoas LGBTs mais seguidas do mundo, mas se a gente pensar na Linn da Quebrada, na Liniker, na MC Xuxu e até nas outras drags [...], a Lia Clarck eu gosto também, porque eu acho ela mais escrachada, ela não tenta fazer aquela imagem de limpinha, eu acho que inclusive é por isso que essas pessoas elas não tem uma grande visibilidade, porque eles querem aquela imagem limpinha que a Pablló passa, a mídia quer isso, a sociedade quer isso [...]. Aqui de Porto Alegre, a Valéria [Barcellos], também não tem grande visibilidade, aquela Aretuza Lovi também não vejo grande visibilidade [...]. A nossa visibilidade tá presa no nosso nicho apenas [...].

Para Vinicius e Bernardo, as questões de representatividade batem de frente com falta de homens trans na mídia. Vinicius comenta que como sigla LGBTQIA+ ele consegue ver-se representado em pessoas como Pablló Vittar e Glória Groove, mas que não vê homens trans com o mesmo espaço e que isso faz com que a sociedade não os veja como uma possibilidade, pois quando se refere à transexualidade normalmente pensa-se nas mulheres trans e travestis. O sujeito político do homem trans é mais recente do que das mulheres transexuais, por isso acabam se tornando menos presentes na mídia. Bernardo pensa nos estereótipos que ainda circundam as pessoas trans, em relação à estética, gênero e sexualidade, os quais normalmente são os mais representados, o que faz com que ele não se sinta incluído. “Cede-se ao estereótipo o quanto fizer sentido para a pessoa e, com isso, vai-se tentando minimizar o desgaste, a violência de deslegitimarem sua existência: eis a ideia” (RODOVALHO, 2017, p. 368).

Vinicius: Essa é uma pergunta um pouco capciosa. Talvez eu esteja sendo muito intenso no pensamento, mas eu não acho que ainda nada me represente, assim, a totalidade não tem como né, como indivíduo não tem como alguém me representar, mas também porque eu não consigo pensar em um homem trans famoso. O Thammy Gretchen eu não sei nem que faz da vida na verdade, eu acho que só é famoso porque já era famoso antes da transição, porque já veio de uma família famosa, mas sobre outros ídolos LGBT que conquistaram esse espaço, geralmente artistas como Pablló Vittar e Glória Groove, eu acho isso fantástico, ver qualquer pessoa LGBT que é aberta, que não demoniza a própria vivência, que não fica tentando se

encaixar nos moldes heteronormativos só pra que seja aceito [...], eu admiro horrores e me sinto muito bem representado enquanto a sigla inteira LGBT com certeza, mas gostaria de ver mais homens trans sendo uma pauta, porque desde que eu comecei a transição, até um pouco antes, eu [...] cruzei com muitas pessoas que nunca consideraram 'ah é mesmo né, pode existir homem trans', porque se pensa em trans é sempre uma mulher trans ou uma travesti, então eu acho que tem vários elementos que podem atravessar essa situação, mas, enfim, eu considero que é um caminho que está sendo trilhado, está sendo muito bem representado e acredito que basta com que os espaços que já existem abram ainda mais, para que mais pessoas ainda mais diversas possam contribuir com isso, para esse mundo mais amplo.

Bernardo: Me identifico muito pouco, as vivências trans são bem pouco representadas e quando são, geralmente é dentro de um estereótipo. A gente tem estereótipo de gênero binário, a gente tem o estereótipo de gênero homo ou hétero, por exemplo, uma mulher trans hiper feminina, com a performance considerada feminina, que se relaciona com homens cis. A gente tem, por exemplo, um homem trans com o corpo que tem acesso a cirurgias, que quer fazer a cirurgia, que quer harmonização, que quer a passabilidade cis, então eu acho que é bem pouca a representatividade e não representa boa parte da comunidade, na minha visão não representa, em muita coisa eu não me vejo ali [...]. Eu me identifiquei como trans com 27 anos, com filho, mercado de trabalho, então tem muitas coisas aí que não são abordadas, muitas vivências diferentes que não são abordadas.

Marquita acredita que, como LGBTQIA+, deve apoiar o trabalho de outros LGBTQIA+, então se sente representada quando qualquer pessoa da sigla está dando sua voz e conquistando seu espaço. Apesar disso, considera que a mídia dá destaque sempre para as mesmas pessoas, deixando muitas outras de fora. Mesmo assim, continua pensando que todo tipo de visibilidade é válida. Enquanto artistas *queer* procuram o *mainstream* como uma forma de exposição de seus trabalhos e uma maneira para conseguir mais dinheiro para projetos futuros, a cultura dominante somente está à procura de uma nova história inovadora para depois descartar e substituir por outra (HALBERSTAM, 2005).

Marquita: Eu acredito por eu ser LGBT eu acho que a gente tem que ta sempre apoiando um ao outro, como a gente diz: 'ninguém solta a mão de ninguém'. Eu acredito sim, eu sou representada em algum momento por várias pessoas LGBT, no momento que elas estão lá, elas estão dando voz para nós, então não tem porque eu negar esse espaço [...]. É positivo quando estão essas pessoas lá, mas a gente teria muito mais a acrescentar e outras pessoas também, a mídia acaba colocando sempre as mesmas pessoas, mas eu acho importante também essas mesmas pessoas estarem ali porque dá uma visibilidade [...].

As opiniões das entrevistadas sobre assuntos que permeiam o meio LGBTQIA+ foram bastante semelhantes de forma geral, variando em seus diferentes pontos de vista. Suas experiências como LGBTQIA+: todas passam por certas dores, todas recebem algum nível de preconceito, embora encontrem maneiras de resistir e celebrar suas vivências junto a outras pessoas da sigla. No entanto, por mais que consigam se conectar com outras pessoas LGBTQIA+, as entrevistadas concordam que às vezes as diferenças falam mais alto,

principalmente por causa da cisheteronormatividade presente no meio, o que faz com que ocorra uma desarticulação dentro da comunidade para enfrentar a luta por direitos que representem toda a sigla; porém Roberta e Marquita foram otimistas em enxergar que, mesmo com as diferenças existentes dentro da sigla, as pessoas LGBTQIA+ conseguem se unir quando é necessário. Em relação à conquista de direitos, todas percebem que existem avanços, mas esses avanços ainda são poucos perto das demandas que a comunidade tem, principalmente, à população trans, a mais negligenciada. Por fim, a representatividade LGBTQIA+ na mídia foi julgada como insuficiente e muito focada em apenas um grupo de pessoas, faltando espaço para mais diversidade de vozes, ainda que Marquita diga que se sente representada por qualquer pessoa LGBTQIA+ que esteja ganhando visibilidade e que Roberta encontre sua maneira de se sentir representada através das redes sociais.

A seguir é analisado como as entrevistadas se apropriam de questões lançadas nos videoclipes de Linn da Quebrada, Liniker e Pablio Vittar, separadas por subcapítulos, e quais são suas impressões sobre a imagem pública dessas artistas. O objetivo é compreender as relações, ou a falta delas, entre os conteúdos midiáticos e as vivências de cada interlocutora, entendendo se esses videoclipes conseguem influir nas identidades LGBTQIA+ e impactar o campo social.

3.3 OLHARES SOB (RE) LINN DA QUEBRADA

Iniciamos a análise com o olhar de cada entrevistada sobre a artista em questão, aqui no caso a Linn da Quebrada. Nati declara já conhecer Linn da Quebrada; conheceu através do programa Amor & Sexo, da Rede Globo, do qual Linn participou em 2017. Diz não escutar muito suas músicas, mas acredita serem importantes as questões políticas que ela traz em suas produções e os debates que proporciona como personalidade midiática, principalmente na influência que pode ter em pessoas que não estão em contato direto com as pautas LGBTQIA+.

Nati: Eu acho ela bem legal e ela é bem política nas músicas, assim como a Liniker. Eu não ouço tanto ela por questões de afinidade [...], o estilo musical dela é um pouquinho diferente e aí eu acabo não ouvindo ela tanto, mas ela é uma pessoa que sempre traz a questão da luta LGBT, principalmente a luta trans, quando ela se apresenta, quando ela está dando entrevistas, na própria produção artística dela ela faz esse viés militante. A palavra militante se tornou uma coisa tão mal vista que a gente acaba desacreditando, mas, por exemplo, é esse tipo de videoclipe, esse tipo de música que vai chegar lá na casa dos tiozões e das tiazonas conservadoras, chegar nos jovens e nas crianças.

Vinicius também diz já conhecer Linn da Quebrada de antes; foi apresentado a ela através da indicação de uma amiga, que lhe apresentou o videoclipe de *Oração*, o qual é objeto de análise desta pesquisa. Para Vinicius, Linn é uma artista extremamente talentosa e seu posicionamento servem de inspiração para muitas outras pessoas LGBTQIA+ encontrarem suas próprias realidades, fugindo do padrão cisheteronormativo que se espera de qualquer um.

Vinicius: [...] Eu acho que ela é uma artista incrivelmente talentosa [...], uma figura importante não só sobre os talentos que ela tem, mas sobre como ela se posiciona no mundo e como isso pode ser os ídolos ou as figuras que a gente comentou antes, sobre todo mundo precisar ter alguém por quem olhar, encontrar naquilo ali uma realidade, que aquilo te mostre que tu pode ser e não o que as pessoas esperam que tu seja, que tu pode explorar essa realidade interna e não seguir exatamente o padrão porque assim já foi colocado.

Roberta conheceu Linn através de indicações no You Tube e a considera uma artista muito criativa, que deveria ter mais visibilidade internacionalmente e conquistar mais prêmios.

Roberta: [...] Ela é uma artista muito criativa, ela não tem nicho específico que ela compõe [...]. Eu acho que, como artista contemporânea, ela está na ponta da lança, ela manda muito bem. Acho que se ela fosse, vamos dizer, uma artista internacional, ela seria reconhecida, tendo prêmios grandes [...].

Embora não se considere uma conhecedora do trabalho de Linn da Quebrada, Suelen já utilizou uma música dela em um trabalho da faculdade e a conheceu através de recomendação do You Tube enquanto escutava Mc Xuxú, outra artista trans brasileira. Para Suelen, Linn é uma “artista interessante”, mas suas músicas são feitas para nichos, o que faz com que não escute diariamente.

Suelen: Eu não conheço ela, mas como artista eu acho legal, mesmo que não seja uma música que eu escute no dia a dia. É uma música para nicho [...], eu não imagino essa música tocando numa balada ou na Rede Globo, eu imagino essa música numa cultural depois de um dia inteiro de formação política ou numa cultural depois de um evento acadêmico da UFSM. Não imagino essa música tocando numa festa ou na rádio.

Bernardo conheceu Linn através de uma pesquisa de mestrado de um amigo e a considera muito competente na maneira como construiu a carreira dela, exaltando os próprios talentos e longe de ser definida apenas pelo seu gênero.

Bernardo: Eu acho ela muito foda, eu acho ela uma empresária muito foda [...]. Tu não vê ela construir uma carreira em cima da questão de ser trans, a Linn tem muito mais que o gênero dela, por mais que isso seja uma parte dela, já é algo que ela traz a vivência. Ela é uma artista completa, ela não é só a Linn que é trans, é “A” Linn da Quebrada, então ela construiu o nome dela no cenário [...].

Assim como outras entrevistadas, Marquita também conheceu Linn da Quebrada através de recomendações do You Tube. Para ela, a artista é responsável por representar todo um segmento e dar voz para as lutas diárias da comunidade LGBTQIA+.

Marquita: Maravilhosa, eu acho que ela é uma pessoa que representa toda essa cena que está hoje muito mais independente, eu acho que ela é uma voz que está aí, ela representa todo um segmento, a linguagem, a fala dela, as músicas em si falam muito de nós, da nossa luta do dia a dia.

Ao assistirem o videoclipe de Oração, a música de Linn da Quebrada escolhida para análise, as entrevistadas observaram que a representação da comunidade LGBTQIA+ era focada em dar visibilidade para as mulheres trans e travestis pretas brasileiras, que são as mais esquecidas dentro do movimento e as que mais sofrem discriminação, preconceito e violência. Não importa como a travesti se denomine, o seu corpo irá fazer isso antes sozinho, transmitir a mensagem do que é e o que não pode deixar de ser (RODOVALHO, 2017). Dentro do campo discursivo Linn demonstra esse raciocínio querendo criar novas memórias de pessoas trans e travestis, apresentando diferentes imagens que vão impactar em como elas serão vistas no futuro.

Nati: Eu acho bem expressiva, bem marcante [...], expressiva porque traz mulheres de diferentes facetas, mulheres pretas [...]. Eu acho que traz um pouco de visibilidade pra sigla T, embora ali não esteja representada toda a comunidade LGBTQIA+, mas ali está sendo representada uma parcela que é geralmente esquecida no restante das coisas. Eu acho que, também, a música tem mais esse caráter voltado para pessoas trans e travestis, principalmente as mulheres.

Vinicius: Eu acho perfeita. Eu tenho uma inquietação, tive quando eu vi agora de novo, de que não são só pessoas trans, são mulheres trans ou travestis e todas elas também são negras, eu acho que isso é muito importante, ainda mais que elas estão em quantidade, existe um peso e tudo que foi colocado nesse clipe tem um peso enorme, na letra também, acho que tem muita coisa pra falar sobre.

Bernardo: Eu acho que representa uma parte muito importante do movimento, uma parte muito esquecida pelo movimento também, no que diz respeito principalmente a visibilidade e a oportunidades. Eu acho esse clipe muito potente e eu não sei se todo mundo consegue enxergar a força desse clipe, por estarem ali mulheres trans/travestis não brancas e com performances diferentes, então, eu acho que representa muito da história do movimento, mas não aquele movimento midiático que a gente está acostumado, da TV e da parada, é mais aquele movimento, aquela

parte da sigla que está sendo espancada, que está sendo morta, que está sendo marginalizada, eu acho que mostra muito isso [...].

Vinicius e Bernardo também destacaram sobre como é forte a mensagem de união e libertação dessas mulheres trans/travestis, criando espaços e oportunidades para terem a sua própria voz, seguirem o destino que escolherem não o que foi escolhido para elas. Linn representa isso no videoclipe com o grupo de mulheres travestis passando pelo camburão da polícia, reivindicando o espaço que lhes foi tomado e confrontando o sistema que tenta normatizá-las.

Vinicius: [...] A primeira vez que eu vi esse clipe, quando ela fala “se hímen” eu pensei: “será que está rolando uma apropriação do hímen?”, porque eu também fui socializado como mulher, tive 23 anos como mulher, então eu sei o que é ter um outro grupo tomando parte daquele símbolo que é teu, supostamente [...]. Existe essa cultura de binarizar absolutamente tudo, desde os elementos do universo até ter sempre essa dualidade mãe/pai, homem/mulher, que a gente criou essas coisas, foi o ser humano que criou essas noções, a gente colocou da nossa cultura e da nossa vivência [...]. Não existe essa abertura pra explorar outros olhares sobre as coisas da vida, então acho que isso é fantástico, se tu sente algo que está na tua natureza, que está no teu ser, que é dito como feminino ou simplesmente tu entendeu como feminino e quer abraçar, abraça poxa! Já encontramos tanta coisa na vida que está ali pra ser um obstáculo no nosso caminho, então quando dentro da gente, a gente se impede, nos privamos de explorar e essas coisas são mais obstáculos [...]. Abrir esse espaço, colocar o pé no chão e dizer: “não, agora eu estou aqui”, eu acho que isso é fantástico, imprescindível para que a gente possa criar novas formas de olhar para as coisas [...].

Bernardo: [Apresenta] essa questão de espaço e oportunidades, vemos uma força muito grande nessa junção de mulheres, de pessoas [...]. Quando naquela parte da viatura da polícia, que mesmo embaçado vemos que tem, aparentemente, um homem de terno e elas passando livres pela polícia [...], eu vejo muito essa questão da importância dessa liberdade e o quanto isso é urgente, então eu acho que nesse sentido social de ter oportunidade, de ter escolha, escolha à religião, escolha à profissão, escolha a estar junto, a estar num grupo de meninas trans, um grupo forte, de ter amizades, ter afeto, eu acho que diz bastante disso.

Nati e Marquita percebem que a música as representa por trazer a identidade trans para a mídia e mostrar que podemos assumir o papel que quisermos diante das câmeras, o que acaba por impactar a realidade, mostrando novas possibilidades para essa comunidade. Bento (2017) defende a construção de uma sociologia pela visão dos abjetos, os esquisitos que ocupam as cidades e se diferenciam das “pessoas normatizadas”. “Tornamo-nos os esquisitos, aqueles que não estão preocupados com as questões em que realmente vale a pena investir tempo e recursos” (BENTO, 2017, p. 47). Isso é um equívoco, como exemplo, as travestis já estão há muito tempo fazendo uma luta política com seus próprios corpos, produzindo sentidos originais para a relação entre corpo, sexualidade, gênero e subjetividade, mas isso as tornava invisíveis, abjetas. No videoclipe vemos Linn utilizando o facão como metáfora para

abrir caminhos de solidariedade dentro dela e da sociedade, cortando fora o preconceito que está impregnado em todos nós.

Nati: Embora seja um pouco difícil de entender a mensagem de início, eu acho que a gente consegue capturar o que é mais principal [...], mas, por exemplo, a letra me representa pelo fato de ter pessoas trans em um clipe, também me representa porque está levando nossa identidade pra arte, pra mídia, pra música.

Marquita: Acho que isso que a gente sente necessidade e a gente acha falta, geralmente hoje está se mudando na mídia ou até mesmo na questão da TV, da novela, eu sempre digo que atores trans tem que fazer personagens trans, fazer o papel do feminino e masculino sim, nós temos condições e talentos para representarmos todas as personagens que foram deixadas, então porque não fazer a personagem de acordo com o nosso gênero. Nos colocam no espaço de fazer só personagens trans e personagens gays, não, vamos fazer o personagem hétero também.

Outro tópico debatido pelas entrevistadas foi a questão do direito ao amor das mulheres trans/travestis, um amor muitas vezes negado e silenciado devido ao preconceito que coloca, em uma hierarquia social, a mulher trans/travesti abaixo de qualquer pessoa cis. As travestis são as novas bruxas, como coloca Linn na música, queimadas por não seguirem os padrões da sociedade cisheteronormativa. Subculturas *queer* têm como base uma afirmação política de suas sexualidades e estilo de vida sexuais, em oposto a cultura parental e a hegemonia da cultura dominante, dessa forma, opondo-se também a cultura gay e lésbica *mainstream* (HALBERSTAM, 2005).

Roberta: [...] Fala sobre amor, direito ao amor das pessoas LGBT [...]. A mulher trans/travesti ela não é amada, ela pode mesmo estar dentro de um relacionamento, mas num molde de hierarquia social, que a gente sabe que existe, ela vai estar numa posição bem abaixo que qualquer pessoa cis.

Marquita: Tem a questão do amor, a questão da relação entre nós. Para nós é negado esse direito, nosso amor é escondido sempre, para a população trans, ainda é.

Foi levantada nas entrevistas uma discussão sobre os significados das simbologias religiosas no videoclipe, trazidos por Linn, no campo discursivo, para representar a imagem da travesti como uma dádiva, criando uma nova religião dos abjetos, um espaço de “treinamento ao combate” e também de celebração de suas vivências. Roberta, Vinicius e Bernardo examinaram esses elementos cada um à sua maneira, mas todos envolvendo o tema religioso como principal em suas falas.

Roberta: Eu acho que é incrível, pois ela brinca muito com a simbologia cristã, que eu acho que é onde a gente tem um argumento fundamentalista ainda muito forte contra as pessoas da sigla [...]. Um pouco acho que é a composição que lembra essa paz e serenidade que, digamos, a cristandade vai trazer para as pessoas, essa coisa do seguro [...], que quem está vivendo não quer que a gente viva.

Vinicius: Sabe o que eu estava pensando enquanto eu assistia o clipe? Primeiro, oração e essa letra sobre unção, benção e etc. Também sobre elas estarem com essa roupa branca, remete totalmente à umbanda ou afins, culturas da religião afro. Quando entra aquele carro da polícia parado, questionando o que está acontecendo, porque isso também é outra revolução, uma revolução racial e social que é sobre a libertação da prática religiosa africana [...].

Bernardo: Eu me sinto representado por algumas características da história, acho que tem muito de uma ressignificação da religiosidade que ela traz nesse clipe, que no caso vemos muitas referências de uma vivência religiosa ali, até a questão do movimento, da dança, do pano, do tecido, isso é muito presente dentro das igrejas evangélicas, que estão muito presentes na periferia. Então eu me identifiquei um pouco com a história, mas não me vejo justamente por ser uma vivência de transição feminina, mulheres trans/travestis e são pessoas, em sua maioria, não brancas [...], tem todo esse recorte que com certeza eu não me vejo, não é igual a minha história, mas existem muitas similaridades na questão da transição, questão de rompimento de gênero e tudo mais.

Por último, Nati e Suelen fizeram algumas críticas ao videoclipe, como o fato de sua abordagem ser um pouco superficial e sobre um assunto mais subjetivo ou, por outro lado, ser muito militante e ao mesmo tempo misturado com a religiosidade, o que causou uma experiência negativa. Como visto anteriormente, o que Linn queria trazer com essa letra era representar o sagrado e o profano, os lados extremos da vivência de uma travesti, um lugar de incerteza entre os dois mundos, desamparadas pela sociedade, mas fortes junto a suas aliadas onde encontram o amor que lhes é negado.

Nati: Ele ao mesmo tempo é representativo, mas ele também é um pouco superficial, porque a letra é um pouco repetitiva e num assunto mais subjetivo [...]. Traz uma temática como principal que é a temática trans e travesti, eu acho que poderiam ter explorado mais outras discussões e abordagens, só que para o clipe e a música não ficarem algo muito pesado, eles focaram na questão das mulheres trans e travestis em si.

Pesquisador: Que outras temáticas tu achas que poderiam ser discutidas?

Nati: Por exemplo, a questão da violência, da desigualdade social que existe entre o meio LGBT ou até mesmo a desigualdade de gênero, a questão de empregabilidade das pessoas LGBTs, principalmente as pessoas trans, a questão do acesso à informação, aos itens básicos de sobrevivência, que é a saúde, a educação [...]. Infelizmente nas escolas, nos atendimentos do setor público, as pessoas LGBTs e principalmente as pessoas trans são muito negligenciadas, levadas como brincadeira ou bagunça e, na verdade, essas coisas são direito da gente, independentemente do que a gente é, mas a sociedade tem uma visão tão preconceituosa, racista, machista e LGBTfóbica que acaba que aquilo que seria o nosso direito, não é respeitado muitas vezes. Enfim, a realidade brasileira que a gente já conhece.

Suelen: Eu não conhecia, até fiquei bem surpresa com relação a esse videoclipe, [achei] um pouco podre, no sentido de que é muita militância, eu acho que tem que

ter [...], no final eu gostei daquela parte “não queimem as bruxas, mas amem as bixas”, nessa parte eu achei que arrasou, mas ali pro início, o trocadilho de oração com ereção eu achei que ficou meio... É a moralidade falando, é isso, eu não consumo esse tipo de música.

De alguma forma todas as entrevistadas concordaram que as músicas e a carreira de Linn são muito políticas, que ela expressa de forma muito criativa as vivências das pessoas LGBTQIA+, principalmente das pessoas trans, o que por um lado faz com que as suas produções não sejam muito comerciais. Assistindo ao clipe de Oração, notaram que ele é focado em dar visibilidade para a história de mulheres trans/travestis brasileiras em seus mais diferentes aspectos, entendendo a discriminação e preconceito que sofrem, a falta de amor em seus relacionamentos, a invisibilização das suas existências pela sociedade e dando espaço através de sua arte para reivindicarem as suas demandas. Outro ponto importante destacado pelo videoclipe é a sua relação com a religião, onde Roberta, Vinicius e Bernardo fizeram suas conexões de acordo com suas perspectivas, achando positiva essa ressignificação religiosa, enquanto Suelen criticou por não estar acostumada com esse tipo de conteúdo e achar que é “muita militância”. Para Nati, o videoclipe poderia ter explorado mais a fundo outras discussões e abordagens, diferentes das que foram postas de maneira superficial por ser uma música subjetiva e não querer se comprometer com temas “mais pesados”.

3.4 OLHARES SOB (RE) LINIKER

Assim como com Linn da Quebrada, todas as entrevistadas já conheciam o trabalho de Liniker antes da entrevista. Nati a conheceu através de indicações no You Tube e a considera extremamente talentosa, sendo uma fonte de inspiração para outras pessoas que, assim como ela, representa aquilo que a sociedade cisheternormativa mais rejeita.

Nati: Acho ela maravilhosa, incrível, ela canta muito bem, as letras dela são muito boas e eu acho que ela representa o Brasil, por ela ser preta, periférica, por ser uma mulher trans [...]. Ela é a incorporação daquilo que a sociedade mais odeia, que é mulher preta e travesti, e ela sempre arrasa nas apresentações, nas músicas, nos vídeos. Maravilhosa!

Vinicius, assim como Roberta, também conheceu Liniker através do You Tube. Para Vinicius, Liniker é uma artista por qual tem grande admiração e só fez elogios quando perguntado sobre o que pensava dela como personalidade midiática (“*Rainha, deusa, perfeita, poeta, artista. ARTISTA!*”). Roberta vê Liniker como uma artista de grande potencial internacional, capaz de levar a musicalidade brasileira para quem não está acostumado com

esse tipo de som. Ainda exaltou a cantora por sua versatilidade, que enriquece a construção de suas músicas, e por sua atuação política nas redes sociais, onde ela consegue representar as demandas LGBTQIA+.

Roberta: [...] A Liniker já faz muito sucesso internacional e as pessoas gostam muito dela [lá] fora e isso demonstra como que ela consegue levar essa musicalidade brasileira [...], eu acho que só por isso ela já é incrível, por estar mostrando a produção cultural de uma mulher trans brasileira, que fala sobre amor, via bossa, rock e um forrózinho [...]. As artistas trans têm esse quê e essa versatilidade muito grande nos sons, muitos elementos que eu acho que acaba tornando muito enriquecedora a composição e toda a musicalidade. Eu gosto bastante dessas misturas, o sincretismo de estilos musicais na mesma composição ou no mesmo álbum. [...] Como artista da comunidade acho que ela representa muito bem, não apenas pela arte dela e ela em si, mas como ela atua também. Eu sigo pelo menos a Liniker e a Linn da Quebrada, sigo elas no Instagram e elas estão sempre se posicionando sobre questões do debate atual com uma posição bastante interessante que eu acho que representa, para mim, a sigla de uma forma bastante bacana e politizada.

Suelen conheceu Liniker através da internet. Lembra que a primeira vez que a viu foi no vídeo de sua entrevista no Programa do Jô, atração da Rede Globo da qual a artista participou em abril de 2016. A entrevistada considera Liniker uma boa cantora, mas que deveria crescer mais, ter mais reconhecimento.

Bernardo conheceu Liniker pela televisão, antes ainda de ela transicionar. Para ele, a cantora não se coloca muito em questões sociais, sem dividir tanto a sua história pessoal como outras artistas. Ficou feliz de vê-la participando do videoclipe *Oração*, de Linn da Quebrada, justamente por mostrar que ela está construindo uma luta junto com suas iguais.

Bernardo: [...] Ela não é uma artista que se coloca muito em questões sociais, muito difícil tu ver a Liniker, por exemplo, trazendo toda essa parte da transição dela, da história dela, trazendo isso a público abertamente [...]. A Liniker tu vê ela mais reservada nisso, acho que justamente por essa transição dela ter sido acompanhada, ela teve essa história da carreira e de estar transicionando também, de ver o público aceitando e trocando pronome, eu acho que deve ter impactado nesse processo, que é um processo muito interno primeiramente [...]. Fiquei muito feliz quando vi ela no clipe com a Linn, achei que foi incrível, porque antes tu não tinha visto ela ainda com outras pessoas trans, construindo uma coisa legal junto. Achei que foi muito bacana, foi muito legal.

A primeira experiência de Marquita com Liniker foi através da música *Flutua*, canção de Johnny Hooker da qual a cantora participa. Marquita exaltou a carreira de Liniker e toda a sua transformação para se tornar a artista de alto patamar que é hoje em dia.

Marquita: Eu acho ela maravilhosa, tudo de bom. Ela conquistou e chegou num espaço que é surpreendente, vindo da carreira dela, da transformação musical que ela vem nesse processo, nesse crescimento, eu acho ela uma diva.

Em relação ao videoclipe, Vinicius acredita na sua importância pelo fato de mostrar o afeto, o carinho e a confiança que depositamos um nos outros dentro da comunidade, representado por Liniker na cena onde os corpos se tocam, permitindo se entregar a esses sentimentos bons que são negados a pessoas trans, acostumadas com a violência e agressão vindas da sociedade. De acordo com Vinicius, essa representação impacta as pessoas que tem acesso a notícias de trans/travestis somente quando elas estão espancadas ou mortas.

Vinicius: Eu estou considerando que os outros dançarinos também fossem LGBTQ. Eu vejo essa importância do grupo [...], o que eu sinto no corpo quando eu vejo esse grupo de pessoas, quando finalmente chegou nesse momento na água e eles se encostando, é esse tocar com afeto, como um carinho, porque ver em qualquer lugar numa notícia, ficar sabendo o que aconteceu com algum corpo travesti/trans é, pelo menos quando eu estou pensando sobre pessoas fora da minha bolha, meus pais, minha família que estão lá no interior, que não conhecem, quando é que eles ouvem falar de uma travesti? Geralmente é esse corpo que foi tocado com violência e a representação que eu sinto aqui é a importância de lembrar do auto carinho, dessa divisão da dor e da vivência com outras pessoas que sabem onde toca, sabem onde dói, esse senso de comunidade eu acho muito importante pra representar quem a gente é e quem a gente precisa ter na nossa volta.

Relacionando também com questões de afeto, Roberta remete o videoclipe a reflexões sobre as relações amorosas de pessoas trans, onde a própria diz se sentir negligenciada e reduzida somente à performance que vai ter no sexo; por isso, associa o nome da música *Sem nome, mas com endereço* como uma forma de dizer que não importa tanto sobre quem é pessoa, mas sim o lugar onde vão se encontrar. Roberta não se vê nos relacionamentos pelos quais passa nas redes sociais, isso é uma realidade distante para ela que se sente limitada de exercer a potência de seu amor. Os efeitos da branquitude hegemônica espalham-se para questões afetivas, questões de subjetividade, de saúde, violência, chegando aos meios de comunicação (CARNEIRO, 2019). Liniker busca representar esse amor negado a mulheres trans/travestis pretas, colocadas em lugar de sigilo e de uma relação proibida. Pétalas brancas desmancham-se para representar o choque entre a realidade e o imaginário construído sobre o relacionamento.

Roberta: Já pelo título da música eu acho que é bem interessante. “Sem nome, mas com endereço”, eu sou uma pessoa que deixou de usar aplicativos de relacionamento porque eu acho que é um ambiente extremamente hostil para pessoas trans, [...] as vezes acho que o lugar que as pessoas botam as pessoas trans nesse

sentido onde gostam de ter relações com pessoas trans, relações sexuais no caso, mas acaba sendo algo de aplicativo na madrugada ou do rolê que não deu certo que eu vou como, sei lá, segunda, terceira, quarta, quinta, sétima, milésima opção talvez e não se interessa por outras coisas da pessoa, reduz o conhecimento que possa a vir a ter daquela pessoa a simplesmente aquilo, o lugar que vocês vão se encontrar e vão performar sexo, acho que fica mais preso nesse sentido. Acho que também ele [o videoclipe] me representa por trazer algo que pra mim até é um pouco incômodo falar sobre, porque é muito bizarro como em uma rede social existem casais dentro da sigla que são diversos de fato, que se dão muito bem, que conseguem ter relações não monogâmicas, exercem de fato a diversidade que eu acho que a sigla tanto demonstra e quer abraçar, mas isso parece tão distante na vida real, ainda é algo que eu não enxergo na minha realidade e isso me dói muito, porque de alguma forma está me ceifando e eu não estou exercendo a potência de amor que eu poderia estar exercendo se várias questões não fossem colocadas como imperativo [...].

Roberta continua falando sobre a questão do amor que o videoclipe aborda: um amor que deve estar sempre a espreita de algum preconceito e repreensão que possa sofrer. Para ela, o direito a amar é representado na letra pelo convite que Liniker faz ao pegar na sua mão e o clímax que música atinge no final seria como uma revolta a não disponibilidade do amor. Aparecem pessoas destruindo flores e atirando água para todos os lados, como se fosse alguém se entregando a paixão e sendo tomada pelo turbilhão de sentimentos que isso acarreta, muitas vezes se machucando ou machucando outros.

Roberta: [...] A Liniker está falando uma questão onde a gente tem muito ainda a melhorar, que é essa questão do amor. A gente sempre fala: “ah, as pessoas da comunidade amam sem rótulos”, mas peraí, até que ponto vai isso? Enfim, eu acho que quando ela fala “pega na minha mão” isso aí é algo que toca bastante e eu acho que a Liniker ela se sinta assim de estar com seu amor, se ela consegue ter direito a esse amor, quando está andando e sai de mão dada, se estão observando, se vai acontecer uma situação adversa só por um gesto muito simples. Acho que é um clipe muito tocante nesse sentido, para pensar as questões mais sentimentais como o amor e o que que significa isso de fato. [...] Eu gosto do final, o final é aquela quebra na música, eu adoro músicas que tem esse tipo de parte nas composições, que mostra como a gente, nas nossas ideias, às vezes pode estar ali tendo um pensamento que vai num sentido, mas depois, logo em seguida, monta, passa tudo e vem algo totalmente diferente, que vai num sentimento talvez completamente oposto que o outro significava antes. Eu acho que o final do clipe mostra um pouquinho disso aí também, agora na minha análise talvez seria uma possível revolta contra a não disponibilidade daquele amor e daquela segurada na mão que ela tanto estava falando com uma leveza incrível.

Chamou a atenção de Bernardo e Nati a parte da música onde Liniker diz sentir-se um peixe fora do aquário. Para as entrevistadas, Liniker está representando a vivência de todas as pessoas LGBTQIA+ de se sentirem diferentes, excluídas da sociedade. No Brasil, o sujeito *queer* é composto por todas aquelas pessoas que não conseguem se inserir completamente na categoria humanidade e não usufruem da condição de cidadania plena estabelecida pela lei

(BENTO, 2017). No videoclipe, a cena da flor despedaçada boiando na água representa como essas pessoas devem se sentir quando não são aceitas.

Bernardo: Acho que diz muito essa parte de ser um peixe fora do aquário, eu acho que é uma vivência muito comum de identidades de gênero diversas e sexualidades diversas, não se sentir dentro do aceito, se sentir diferente, se sentir perdido, eu acho que é uma vivência comum de pessoas trans, gays, lésbicas, enfim, todo mundo que é diferente do normal das nossas famílias ou então do meio que a gente cresce [...].

Nati: [...] Quando ela fala, por exemplo, que se sente um “peixe fora do aquário” e aí ainda ela fala assim “dá pra ver”, acho que talvez ela esteja falando da exclusão que as pessoas LGBTQs, pessoas pretas, as pessoas periféricas vivem, só que ela trouxe isso de uma forma poética, artística e musical, isso que é muito massa.

Bernardo ainda interpretou a parte em que a cantora fala sobre imaginário como uma questão muito pessoal para todas as pessoas trans. Para ele, durante a construção da identidade trans, quando ainda estão se entendendo e se construindo, o que mais impacta é perceber como os outros te veem, com leituras normalmente errôneas e preconceituosas. A autoidentificação não é o suficiente para justificar o caso, pois o papel que desempenhamos é decidido por uma negociação de sentidos entre o que é ser e o que é parecer (RODOVALHO, 2017). Assim, o que fica é o imaginário que as pessoas trans constroem do mundo real, um cenário onde são aceitas como são e, como Marquita comentou em sua entrevista, onde praticam uma autoaceitação.

Bernardo: Quando ela está falando do imaginário [...] traz muito essa questão que é uma vivência muito comum que eu já [percebi], conversando com outras pessoas trans, de se ver num imaginário, de não conseguir se ver no mundo real, quando o teu reflexo ou a tua visão sobre ti mesmo ainda está um pouco em construção, quando tu está ainda se entendendo, se fazendo identidade trans, quem tu é, se construindo, da gente ficar naquele imaginário. Eu me lembro muito dessa sensação de só me sentir eu mesmo em casa, onde eu era visto, onde eu era respeitado, onde as pessoas me conheciam [...] e quando tu está lá no mundo lá fora, que as pessoas fazem aquela leitura errada da gente, a gente não existe, existe ali o que as pessoas estão vendo, então a gente fica no imaginário ali [...] e aí vai focando [no videoclipe] em partes do corpo que são lidas como masculinas, tu vê o queixo, tu vê pontos de barba, tu vê o pescoço, tu vê aquela questão de como é extremamente lindo o que ela está cantando, a força da voz dela e o que ela está cantando com as imagens que é focada assim né [...].

Para Marquita, o ponto pelo qual mais se sentiu representada foi como Liniker traz a negritude e os movimentos periféricos em suas performances, por levar essa voz da periferia para o ambiente midiático onde ainda tem pouco espaço. Vinicius concorda nesse sentido, ao

afirmar que somente por Liniker ser LGBTQIA+ ela já carrega consigo muitas causas que são representativas do movimento.

Marquita: Me sinto representada pela questão da negritude, eu acho que ela tem essa questão presente forte [...]. Eu acho que ela dá voz a esse movimento da periferia, as mulheres negras, a população LGBT, eu me vejo muito representada nela nesse sentido, pela questão de levar essa voz da periferia, porque as vezes a gente não chega a esses espaços da mídia. Nós temos muitos artistas periféricos e a Liniker com essa presença forte, negra, uma mulher trans eu acho muito maravilhoso.

Vinicius: A cantora/performer é LGBT, então essa etiqueta, por mal dizer, que está colada ali já garante bastante [representatividade], eu acredito. Uma pessoa LGBT que tem a voz de colocar o seu trabalho, seu trabalho está sempre relacionado a isso.

Por fim, Nati, Suelen e Bernardo acreditam que esse videoclipe de Liniker aborda as temáticas sociais de uma maneira muito implícita, com suas pautas suavizadas para serem tratadas de maneira mais leve e descontraídas.

Nati: [...] Igual ao primeiro vídeo [Oração], as coisas não são muito explícitas, mas a gente consegue capturar a mensagem principal e quem são essas pessoas que estão sendo representadas ali no clipe, isso já é um passo muito importante. É aquela coisa, se eu fazer uma música muito militada, muito na cara, vai ficar parecendo hino de militância, então acho que tem esse rolê de dar uma suavizada e representar a ideia de uma outra forma, de uma forma mais leve, mais descontraída.

Suelen: [Aborda temáticas importantes] por pautar teoricamente sobre a solidão das pessoas LGBTQIA+. É que depende muito do que tu está pautando, não é tão escancarado quanto a Linn da Quebrada, mas implicitamente ali dá pra ti ver nuances, é mais implícito, tu pega uma coisa ali uma coisa aqui.

Bernardo: Eu acho que diferente da Linn, que tem mais essa pegada de crítica, a Liniker ela traz mais uma questão pessoal, de força no pessoal, traz muito dela e não muito do social.

As impressões das entrevistadas sobre Liniker foram sobre como ela é talentosa, uma artista de grande potencial internacional que serve de inspiração para outras pessoas LGBTQIA+ assim como ela.

Em relação ao videoclipe, o assunto mais abordado entre as interlocutoras foi a questão do afeto para pessoas trans/travestis pretas que são subvalorizadas pela sociedade, têm os seus sentimentos negligenciados por serem tratadas como não dignas de amor e normalmente representadas em situação de discriminação e violência. A naturalização do racismo e do sexismo na mídia reproduz e cristaliza sistemicamente os estereótipos e estigmas que prejudicam a afirmação da identidade racial e a valorização desse grupo. A luta para alterar esses sentidos não deve ser somente em exigir novas formas de representação mais

justa, mas também de empoderar pretas a ocuparem espaços de liderança, de forma que elas possam construir suas próprias representações e controlar a veiculação de estereótipos (CARNEIRO, 2019).

Outras interpretações levaram a questionamentos como a exclusão e a falta de aceitação das pessoas LGBTQIA+ na sociedade, a construção da identidade trans e como esse pode ser um processo muito dolorido por tratar também de como as pessoas se veem, por último, a representatividade da negritude, dos movimentos periféricos e da comunidade LGBTQIA+ pela artista. Algumas críticas foram tecidas pelo fato de as temáticas sociais não serem abordadas tão abertamente por Liniker, que tem um trabalho mais poético, apresentando seu ponto de vista sobre essas pautas implicitamente.

3.5 OLHARES SOB (RE) PABLLO VITTAR

Por ser uma artista de grande reconhecimento nacional e internacional, Pabllo Vittar já era conhecida por todas as entrevistadas, que inclusive a citaram como referência LGBTQIA+ ou como cantora que mais escutavam. Nati conheceu Pabllo pelo You Tube e acredita que o papel dela seja super importante dentro da sociedade por questionar os padrões de gênero com sua performance de drag, embora em suas músicas não traga essas discussões. Embora Pabllo não seja uma pessoa trans, Nati sente-se representada por ela e acredita que a artista tem capacidade de representar a voz da comunidade.

Nati: Eu acho ela massa, eu acho o papel dela super importante, ela estourou no Brasil e no mundo. Embora ela não seja uma mulher trans ou travesti, ela é uma pessoa LGBT como nós, ela é uma pessoa LGBT nordestina, claro que ela tem esse rolê de não aprofundar muito as discussões e vivências, mas ela também representa a nossa voz, dessa juventude que busca por algo mais libertador [...]. Eu acho que por mais que ela seja uma cantora muito mais pop, farofeira, de fazer hit, no fim também acaba sempre trazendo uma mensagem e já rolou várias discussões, por exemplo, das pessoas não LGBTs [dizerem coisas] do tipo “ai, ela é homem ou é mulher?”, “ela se identifica com o que”, então, eu acho que o papel dela é importante.

Foi através de “dois amigos bichas” de sua cidade natal que Vinicius conheceu Pabllo Vittar e ele a considera uma artista incrível que brinca com os elementos da cultura pop, considerados muitas vezes superficiais, mas, ao mesmo tempo, é uma pessoa muito inteligente que sabe a importância do seu papel e da sua representatividade.

Vinicius: Eu acho que ela é uma pessoa única por ter entrado nesse quesito de ser gostosona e flertar com a música pop, funk e clima de balada. Eu vejo a Pablllo como uma pessoa muito séria e muito sábia [...], ela é consciente da figura que ela é, o que ela representa e isso não faz com que ela se sinta diminuída por não fazer uma música que seja poética ou desmerecer a cultura pop, eu acho que ela é uma artista incrível e uma pessoa muito inteligente.

Roberta viu Pablllo Vittar pela primeira vez pela televisão, provavelmente no Domingão do Faustão, e destacou as conquistas nacionais e internacionais da artista que, segundo ela, chegou a espaços que nenhum outro artista brasileiro teve reconhecimento.

Roberta: [...]Eu acho ela incrível, ela já foi em espaços que nenhum outro artista brasileiro teve reconhecimento, espaço na mídia já ocupou, a Pablllo já foi fazer show na ONU [...], ela tem parcerias com muita gente [...].

Suelen, assim como Vinicius, foi apresentada à Pablllo por amigos que indicaram as suas músicas, as quais algumas a entrevistada gosta de escutar por serem dançantes. Segundo Suelen, Pablllo é uma ótima artista e por conta disso acaba sofrendo ataques através de *fake news*.

Suelen: Eu gosto de algumas músicas dela, eu acho interessante, dá pra dançar e dá pra fazer um monte de coisa. Como artista eu acho ela extremamente ótima, claro, ela tem uma assessoria gigantesca, mas como artista eu acho que é ótima, se não fosse ótima não sofreria de fake news como sofre [...].

Bernardo conheceu Pablllo em algum programa de televisão, não lembra qual, e a reconhece como uma das principais vozes que representam o Brasil internacionalmente. Acredita ser muito importante dar espaço para vozes dentro da comunidade como a de Vittar que, para o entrevistado, por mais que ela não seja capaz de representar toda a comunidade LGBTQIA+, faz-se muito presente em situações políticas e sociais, principalmente quando precisa afirmar que é um homem cis gay que faz *drag* e não uma mulher trans, fazendo a sociedade repensar as questões de gênero. Há a necessidade de reconhecer a carência de políticas afirmativas específicas e de produzir discursos que neguem o primado biológico (BENTO, 2017). Pablllo faz de sua presença na mídia uma forma de abrir essa discussão contrária às “convenções culturais dominantes que supõem que a verdade de nós mesmos estaria em algum lugar do corpo” (BENTO, 2017, p. 241).

Bernardo: Eu acho que a Pablllo é um fenômeno em questão de tudo que representa, ser uma das principais vozes da música e representar o Brasil na arte drag internacionalmente [...], diz ainda mais no nosso país onde muitos artistas usam a comunidade LGBT com aquela questão do pink money, então ter a Pablllo para

gente, poder ter uma diva como a Pablllo eu acho que diz muito, a gente dar palco para os nossos fala muito do que a gente precisa. Acho que sim, tem inúmeras questões ali de representatividade que a Pablllo não aborda e não comporta tudo isso, porque é a visão e a vivência de uma pessoa só, então isso seria impossível, mas acho que foi uma quebra nesse lance de artistas, sem dúvida é o maior nome LGBT no geral, não só da música. Eu acho que a pessoa em si do Pablllo a gente não tem muito conhecimento, a gente tem da Pablllo que está no Instagram, que fala, mas do Pablllo homem cis gay, eu acho que ele faz recortes muito importantes de se colocar, de não aceitar títulos que é dado como “a mulher mais gostosa”, não, ele é um homem cis gay que tem a drag Pablllo, eu acho que esse recorte que ele faz e quando precisa dar reconhecimento, como naquela situação que eu lembro onde ele trouxe essa questão de não ser uma mulher trans, de ser um homem que está com um personagem que é a Pablllo, então tem todas essas questões que fazem as pessoas repensarem e refletirem muito sobre essa questão de gênero e performance [...]. Ele é um artista que se coloca na situação política, situação social e eu acho que isso é muito importante.

Marquita conta que conheceu Pablllo na colaboração que ela fez com Anitta em *Sua Cara* e acredita que a cantora passou por muitos obstáculos para chegar ao patamar que está hoje. Destacou também que Vittar fomenta a cadeia cultural LGBTQIA+ no Brasil, pelo fato de seu trabalho chamar a atenção para a produção de outros artistas LGBTQIA+ brasileiros que estão conquistando o seu espaço na mídia e com produtores musicais, os quais notaram que a comunidade LGBTQIA+ tem grande potencial de venda e consumo.

Marquita: Gosto dela, eu acho que ela é uma pessoa guerreira, batalhadora, superou todo esse preconceito que tinha em cima dela, toda essa questão que o pessoal falava que ela não canta, ela foi indo e conseguiu o espaço dela, levou outras pessoas com ela, outros artistas LGBT e ela fomenta essa cadeia cultural LGBT hoje no país, tanto que a mídia mesmo e produtores musicais começaram a se interessar pelos nossos cantores, pelos nossos artistas LGBT através dela, parece que abriram um mercado financeiro, a gente vende muito, a gente consome muito [...].

Sobre a representação da comunidade LGBTQIA+ no videoclipe, Vinicius descreve como um estouro o surgimento de Pablllo Vittar na mídia, pelo fato de ser uma das pioneiras desse novo movimento de artistas LGBTQIA+ que estão surgindo e por ter feito um grande sucesso, ocupando espaços que antes eram restritos à sociedade cisheteronormativa. Vinicius concorda com Marquita que Pablllo auxiliou na carreira de outras artistas LGBTQIA+ ao abrir portas para a comunidade na mídia.

Vinicius: Foi a primeira de todas essas artistas que eu conheci, não conhecia nenhuma drag do pop, a Pablllo abriu portas para um monte de gente nova, então realmente é uma representação que foi de estouro que eu acho que todo mundo viu. Chegou, colocou, agora esse lugar é dela também e vai trazer as amigas junto, então eu acho incrível.

Analisando o videoclipe, Roberta, Suelen, Vinicius e Marquita perceberam a importância de mostrar pessoas LGBTQIA+ em situação de relacionamento, mostrando que podem se entregar ao amor e, principalmente, que podem ser sensuais, explorar o seu lado sexual até mesmo como uma forma de provocar a população cis hétero e seus padrões.

Roberta: Eu gosto das músicas da Pablllo, porque sempre brinca muito com essa coisa do flerte, da paixão, eu acho da hora isso, a maneira que ela traz nas músicas dela [...], é uma coisa que eu acho legal da música dela trazer como que tu não deve reprimir teu desejo, tua vontade de amar, tua vontade de gostar, eu acho que até mesmo disso de ser safada, de querer as coisas, eu acho que isso é legal, eu acho que isso é muito forte nas músicas da Pablllo.

Suelen: A fotografia dele é legal, muito sexy, um desses primeiros clipes que estourou e que tinha todas essas cenas com conotação sexual, a letra em si tem uma conotação sexual [...]. Eu acho provocante, eu acho que toca um pouco na ferida, imagina só a Pablllo, uma drag, ali se esfregando naquele cara, aquela cena do chuveiro extremamente impactante, isso revolta a população cis hétero, me representa.

Vinicius: As trava, as trans e as drag tem direito de serem gostosas, não precisam ficar provando a seriedade, porque daí já entrou nesse catálogo de “comportamento de mulher” também, então não, vamos todos piranhar e vai ser incrível, todo mundo vai sair feliz.

Marquita: Primeiro a presença dela, eu acho que ali já aborda [temáticas LGBTQIA+], essa questão de ela estar ali, uma drag montada. A questão de a própria letra dizer que teu amor me pegou, que eu quero mais ficar contigo, eu acho que sim, eu acho que a gente é muito isso.

Roberta ainda fez uma relação do videoclipe com a quebra de estereótipos de gênero, onde há a representação de um gênero ambíguo, através de Pablllo Vittar, devido à arte *drag* brincar com estereótipos femininos e Pablllo ser um homem cis com poucos traços de masculinidade, ao contrário de seu companheiro em cena, um homem cis hipermasculinizado que, mesmo assim, está tendo relações com a cantora, o que mostra que não existem limites para com quem as pessoas LGBTQIA+ podem se relacionar. As multidões *queer* se baseiam em uma multiplicidade de corpos que se movimentam contra os regimes que os constroem como “normais” ou “anormais”, descartando a estabilidade de uma identidade natural (homem/mulher) e a definição pelas práticas (heterossexual/homossexual). O foco é como resistir ou desviar das formas de subjetivação sexopolíticas (PRECIADO, 2011).

Roberta: [...] Pablllo, uma drag num clipe bem sensual e tem todo um lance dela estar contracenando com um cara que é super masculinizado, fortão e com cara de mau, parece que tu vai tomar uma tijolada na cara ao invés de um beijo. [O videoclipe] está brincando com aquilo de a drag ser essa coisa que as pessoas conservadoras tanto botam como uma contradição constante do que vem a ser o gênero, porque é masculino ou é feminino, está muito confuso isso na cabeça das pessoas, não conseguem discernir, e nisso ter uma figura que é totalmente focada

num estereótipo específico de gênero, que é hipermasculinizado e mesmo assim está tendo relação [com Pablllo]. [...] Eu acho que é muito interessante nesse sentido, para quebrar alguns estereótipos acerca de relacionamentos possíveis das pessoas da sigla, que parece que as vezes se tu é da sigla tu só pode se relacionar com quem é da sigla [...].

Por outro lado, Bernardo, Nati, Vinicius e Suelen fizeram algumas críticas ao videoclipe por não trazer questões da militância e não ser muito representativo para elas, notando que a música foi mais feita para vender e obter sucesso em todos os públicos. O que traz representatividade para o videoclipe é o próprio fato de Pablllo Vittar ser sua protagonista, fazendo sua arte *drag* se tornar um sucesso e dando a sua voz como LGBTQIA+.

Bernardo: Eu acho que quando a gente olha a figura da Pablllo a gente vê uma representação ali [...]. Tem uma representatividade ali por ser uma arte drag, por ser um cara gay no clipe fazendo drag, então diz muito ainda mais se tu pegar todo o contexto do sucesso que ela fez, mas no clipe em si não vejo muito, não consigo identificar muita coisa de representatividade, tirando a parte do corpo e da história do Pablllo e da Pablllo.

Nati: Não tem como eu dizer que fui super representada por esse clipe, porque se eu for parar pra refletir no que esse clipe me representa, não me representa em quase nada na verdade, me representa pelo fato de ser uma pessoa LGBT que está atuando e está tendo o papel principal, mas de resto [...] a Pablllo não avança tanto na questão de militância, tanto na letra como no videoclipe em si ela traz uma coisa sempre mais farofa.

Vinicius: Eu já acho difícil me colocar nesse lugar [do videoclipe], pode ser essa representação inata de ser um LGBT, agora um clipe com boxe de salto, aí está longe da minha vivência.

Suelen: Essa música não tem militância, é farofa [...]. Eu acho que as duas anteriores tinham mais cunho militante do que essa da Pablllo. A da primeira, a Linn da Quebrada, eu acho que estava mais forte e mais explícito ainda, a da segunda [Liniker] eu achei que tinha alguma coisa implícita, a da Pablllo nenhuma, é farofa pra vender e pra ganhar dinheiro.

Um último questionamento foi levantado por Roberta que acredita que a música pode gerar polêmica por conta de uma valorização do amor romântico, onde é preciso deixar de fazer certas coisas em prol do relacionamento, como Pablllo coloca na letra da música: “Adeus bebedeira, vida de solteira / Quero sexta-feira estar contigo / Na minha cama juntos coladin”. Para Roberta um relacionamento deve ser baseado na parceria e não na privação de escolhas. O que a música deixa a entender é que se tu não estás disposto a se privar da bebedeira ou da sexta-feira, talvez tu não mereças ser amado.

Roberta: Então, esse daí eu já acho que vai dar um pouco de polêmica, porque vai ter muita gente que vai torcer o nariz pra esse clipe, por questões que eu acho que o

debate de alguns campos pode trazer e que eu não acho que deva ser desmerecido, mas também tem que saber os intuitos da artista. É complexo isso, por conta de um reforço muito ainda desse amor romântico que precisa deixar de fazer certas coisas para daí escolher por outras. Essa coisa assim: “eu namoro, mas daí eu não vou curtir a sexta-feira mais, a bebedeira”, eu não gosto muito dessas noções, eu acho que ao contrário, se tu for amar a pessoa ela tem que te acompanhar na sexta feira, na bebedeira e tudo mais [...], acho que dá pra ser tudo junto, não precisa separar as coisas ou colocar dessa forma, ou isso ou aquilo. Para mim dá a entender que é bem aquilo, se está na sexta feira, na bebedeira [...], talvez tu não merece amor ou não vai ter a oportunidade de ficar com alguém nunca, para mim é um pouco chato nessa questão.

No geral, todas as entrevistadas reconheceram o papel de importância que Pablllo Vittar exerce para a comunidade LGBTQIA+ por gerar uma discussão sobre os padrões de gênero e sexualidade, por dar espaço para que novas vozes da comunidade surjam e por reconhecer esse seu papel, posicionando-se diante debates políticos e sociais, embora seja muito criticada por fazer músicas de cunho mais popular, feitas para vender mais e não para servir como mensagem de resistência. O que Pablllo busca é causar um estranhamento com a sua imagem, brincar com a ambiguidade e a indeterminação, valorizar o lado feminino em um corpo biologicamente masculino, trazer o relacionamento entre uma *drag* e um homem cis para questionar as sexualidades; é assim que ela consegue impactar as pessoas que a assistem.

3.6 A REPRESENTATIVIDADE E O SEU IMPACTO

Finalizando as entrevistas, foram realizadas algumas perguntas que relacionam o que as interlocutoras assistiram nos videoclipes com questões sobre a representatividade e o impacto dessas representações na sociedade e no meio LGBTQIA+, proporcionando uma visão mais geral sobre todas as artistas e seus conteúdos midiáticos. Foi questionado primeiro se as artistas selecionadas representam toda a comunidade LGBTQIA+ e as opiniões foram diversas. Marquita foi a única a concordar com a sentença. Para ela existem ali pessoas completamente diferentes que são responsáveis por levar a bandeira da comunidade para esses espaços onde antes não víamos pessoas LGBTQIA+.

Marquita: Para mim sim, a gente tem pessoas completamente diferentes, mas para mim, enquanto Marquita, me sinto representada. Eu acho que elas levam nossa bandeira, nossa história, nossa luta do dia a dia, de militância, de resistência, de a gente estar nesses espaços, tanto as letras e a presença delas de estarem nesse espaço [...].

Bernardo, ao contrário, acredita que a comunidade é muito diversa para ser representada somente por três artistas.

Bernardo: Não, não representam, acho que a comunidade é muito diversa, teria que ter muito artista aí.

No entanto, a maioria das entrevistadas - Nati, Vini, Roberta e Suelen - ficou no meio termo, ou seja, considera que não representam totalmente, devido a imensa diversidade da sigla, mas representam alguns nichos. Destaca a falta de visibilidade na mídia para as vivências de outras pessoas da sigla, como as não binárias¹³ e as lésbicas, porém acredita que as artistas são capazes de representar papéis importantes dentro movimento LGBTQIA+, ocupando novos espaços e exaltando a comunidade como um todo.

Nati: [...] Essa discussão sobre LGBTs é algo muito profundo e que tem uma diversidade enorme. Claro, tem questões, por exemplo, das não binárias que não é discutido muito isso na mídia e no nosso meio, aí a gente acaba confundindo a vivência não binária com a vivência trans, são coisas diferentes. Assim, representar 100% não representa justamente por isso, porque a gente está inserida numa diversidade muito grande, mas eu acho que consegue representar ali papéis e pessoas que são marginalizadas.

Vinicius: [...] Não é que me falte representação, eu acho que falta espaço para que pessoas que a gente ainda não sabe do que se trata tenham esse lugar pra se mostrar. Eu me sinto representado hoje, mas eu tenho certeza que existem outras pessoas que trariam outras coisas que eu ainda não sei que me faltam, aí sim eu me sentiria cada vez um degrau mais representado.

Roberta: Não [representa toda a comunidade LGBTQIA+], acho que toda não, primeiro porque, enfim, vamos botar lá, a Liniker se determina uma mulher trans e a Linn da Quebrada vai dizer que ela é uma travesti, Pablllo é uma drag, mas é um homem gay, então já não tem nenhuma lésbica, se for levar as letrinhas [da sigla]. Nesse sentido, eu acho que se apegar nas letrinhas, não vai bater as contas por conta da diversidade que as letrinhas tentam contemplar, fica difícil de botar isso nas costas de uma, duas, três artistas, no caso, mas eu acho que em termos gerais, de mostrar o que a comunidade LGBTQIA+ têm de ser animada, gostar de se expressar com essa coisa do corpo, poesia, música, eu acho que nesse sentido sim, elas são potências absurdas e são incríveis [...].

Suelen: Somente nichos, não toda a comunidade em si, porque, por exemplo, tem gente que vai se identificar mais com Linn da Quebrada, tem gente que vai se identificar mais com Liniker, tem gente que vai se identificar mais com a Pablllo Vittar, depende muito da arte que ela se propõe a fazer [...]. Vamos chamar aqui de segmentos, segmentos de identificação musical. Ocupando a mídia em si, eu acho que é uma boa representatividade, são artistas talentosas.

Buscando entender o alcance que o conteúdo midiático feito pelas artistas selecionadas tem, foi questionado às entrevistadas qual era o impacto que essas representações tinham na sociedade. Os tópicos mais citados foram a visibilidade e a representatividade que os

¹³ Foi utilizado no texto a linguagem neutra para se referir às pessoas não binárias.

videoclipes e as artistas trazem, que permitem que a comunidade seja mais respeitada e tratado com mais igualdade. Destacaram os feitos de Linn da Quebrada, Liniker e Pablllo Vittar, suas presenças na mídia já se torna um ato político por ocuparem esse espaço que é tão negado às LGBTQIA+ e gerar debates necessários sobre gênero, sexualidade e negritude, fazendo com que muitas pessoas da sigla consigam se sentir vistas e incluídas. Essa cultura queer precisa ser documentada para que possamos contribuir para um projeto maior de reivindicação do trabalho produzido que é absorvido pelo *mainstream* (HALBERSTAM, 2005). Roberta realçou o papel de Pablllo por ela ser a mais requisitada a participar de programas de televisão, locais de grande visibilidade para a população brasileira, onde ela é capaz de furar a bolha das redes sociais e atingir um público diferente, mais desinformado sobre as pautas LGBTQIA+.

Nati: Sim, por trazer um pouco a realidade e por trazer essa produção artística LGBTQIA+ pro mundo mais convencional, mais tradicional e conservador [...]. Eu acho que está trazendo essas caras para mídia, para arte, para o cinema, para música, é uma forma de dizer que a gente existe, que a gente merece respeito e merece ser tratada como qualquer outra pessoa, então eu acho que impacta na questão da representatividade e da visibilidade, porque só por eles estarem lá também, querendo ou não é um ato político.

Pesquisador: E acha que isso impacta na tua vida também? Nas tuas experiências?

Nati: Obviamente sim, quando existem pessoas que são iguais ou semelhantes na mídia e nas coisas que a gente consome, a gente acaba se sentindo mais incluída e a gente também está levando esse debate da diversidade pro meio tradicional, por exemplo, quando coloca uma pessoa LGBT que tem bastante influência em propaganda [...].

Vinicius: Com certeza, se não está revolucionando pra todos, no mínimo está gerando debate e ser uma pauta eu acho que já é muito importante, revolucionário. Não ser esquecido, não ser invisibilizado, não ser deixado de lado, eu acho que isso é especial, só por existir, por estar ali sendo mostrado.

Roberta: Sim, claro. Eu acho que principalmente no caso da Pablllo, porque ela das três é a mais requisitada pra estar em programa de auditório, estar participando desses locais ainda de grande visibilidade pra maioria da população brasileira [...], beleza, internet está aí, mas é quase outro mundo quando a gente vai ver principalmente essa questão geracional, as pessoas que estão numa idade mais avançada do que as pessoas que nasceram naquela era que a internet estava começando a se tornar mais acessível, criam vínculos diferentes com essa questão de estar se informando e saber a respeito da comunidade, eu acho que a Pablllo, nesse sentido, ela tem um papel muito importante [...].

Suelen: Acredito. Imagina só uma drag se apresentar no EMA, ir lá e fazer show na maior rede de televisão do Brasil, aliás, uma das maiores do mundo, a Globo. Se a gente traz isso pro debate, a Liniker na Folha de São Paulo [...], traz representatividade, [...] a Linn com as músicas dela extremamente militantes, são instrumentos interessantes de se usar principalmente pra fazer as pessoas pensar [...], esse é o perfil dela de incomodar, de apontar. É extremamente importante a representação delas.

Marquita: Por incrível que pareça eu acho que sim, eu acho que elas impactam, porque as pessoas ainda não se desconstruíram de vários preconceitos, a sociedade em si, [...] está se tornando uma cultura do pedir desculpa, as pessoas vão lá, falam

asneira e depois se retratam pedindo desculpas, dizendo “não entendi, quero aprender”, já passou o tempo de a gente ensinar [...]. Eu acho que elas impactam no sentido de “ai tu viu uma travesti, tu viu uma drag cantando”, ainda tem essa questão de acharem que a gente não deve estar nesses espaços.

Somente Bernardo teve uma resposta com um ponto de vista um pouco diferente. Ele notou a importância da representação de diferentes tipos de feminilidade, partindo de duas mulheres trans/travestis e uma drag super feminilizada que é feita por um homem cis. Destacou o papel de Linn e Liniker ocupando espaços onde não imaginam mulheres trans pretas chegando e a Pablllo por compartilhar, através de sua arte, suas experiências em comum com a comunidade LGBTQIA+.

Bernardo: Eu acredito que sim, eu acho que a gente tem algumas performances diferentes ali. Óbvio que tu tem ali três performances femininas, tu tem tanto a Linn, a Liniker e a Pablllo, performances de lugares diferentes que são necessárias na nossa sociedade e representam. Tem a Linn que vem com uma performance muito forte, muito ligada a questão do social, mas que é uma performance feminina, enquanto performance trans feminina, assim como a Liniker. Tem a Pablllo que tem uma drag que é um estereótipo de feminilidade, isso impacta, traz pra pensar [...]. Eu acho que essas três são três figuras que representam figuras femininas, então, ainda mais na nossa sociedade extremamente machista, é necessário essas forças femininas [...]. Eu acho que ter essas três figuras tomando parte e tomando espaço do cenário musical é extremamente importante, nos coloca pra pensar esses espaços, pensar essas performances, eu acho que principalmente a Liniker e a Linn por serem pessoas trans, por serem pessoas pretas e estarem ocupando esses espaços, é extremamente importante, extremamente relevante ainda mais por serem figuras trans femininas que são extremamente marginalizadas e que não se tem opção de vida, trabalho, então isso diz muito [...]. Ter esses artistas falando por nós, conseguindo, nem que uma pequena parte, dar voz as nossas dores e quanto mais relevante ainda mais pessoas cis hétero conhecem, tipo a Pablllo, Linn, as vezes o pessoal fora da nossa bolha não conhece.

Em sua maioria, as entrevistadas acreditam que as artistas selecionadas não são capazes de representar a comunidade LGBTQIA+ inteira, porém acreditam na força que suas representações têm por ocuparem seus espaços na mídia e exaltarem as vivências de outras pessoas LGBTQIA+. Esse foi o ponto destacado pelas entrevistadas ao serem questionadas sobre o impacto que essas representações tem na sociedade. Para elas o mais importante é a visibilidade e a representatividade que os vídeos e as artistas trazem, gerando debates sobre questões raciais, de gênero e sexualidade que fazem com que muitas pessoas dentro da sigla se sintam identificadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visando compreender a pesquisa numa totalidade, proponho realizar essas considerações finais realçando a trajetória da pesquisa através das categorias criadas por Robert Wuthnow (1989) como sugeridas por Kellner (2001). De modo geral, essa proposta dá conta de estudar as relações entre ideologias, movimentos sociais e o ambiente em que surgem para entender como os textos midiáticos interferem na vida social.

O ponto de partida para a pesquisa veio de um olhar sob o *horizonte social*, ou seja, o contexto social e político do Brasil. Encontramo-nos em um momento de muita tensão entre diferentes grupos ideológicos, o que também é levado para as questões envolvendo a comunidade LGBTQIA+. Nos últimos anos vemos despontar fortemente dentro do país um grupo político contrário a “ideologia de gênero”, ideia disseminada devido à ampliação dos direitos sexuais e reprodutivos na América Latina. Essa movimentação atua de diversas formas, como quando, em 2011, o até então deputado Jair Bolsonaro, atual presidente do Brasil, encabeçou um movimento contra a distribuição de materiais nas escolas para enfrentar a discriminação e a violência contra LGBTQIA+. Quando estavam discutindo sobre o novo Plano Nacional da Educação, o movimento “Escola Sem Partido”, associação criada em 2004, atuava contra uma “doutrinação marxista” nas escolas e também contra a “ideologia de gênero” como uma suposta ameaça às crianças e à família brasileira (MISKOLCI, 2018).

Era só o início desse tipo de atuação no Brasil que ainda realizaria atos como o desmonte da exposição *Queermuseu*, em setembro de 2017, no Santander Cultural, em Porto Alegre (RS) (G1 RS, 2017), os ataques à autora Judith Butler em sua vinda para São Paulo em novembro de 2017 (FINCO, 2017), a tentativa do prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, de proibição da venda e circulação, durante a Bienal do Livro do Rio de Janeiro de 2019, de uma história em quadrinhos por ela conter uma cena de beijo gay (ARAUJO, 2019), ainda em 2019, a revogação de apoio financeiro para filmes com temática LGBTQIA+ após ação do presidente Jair Bolsonaro (EXITOÍNA, 2019), além de mobilizações para boicotar filmes, novelas e marcas que se atrelam ou de alguma forma representam pessoas LGBTQIA+.

As ações do movimento contrário à “ideologia de gênero” continuam até hoje, tratando-se de uma pauta para políticos e lideranças evangélicas, que gozam de influência nos rumos do governo, principalmente no mandato do presidente Jair Bolsonaro. Porém, essas tentativas de proibir abordagens sobre identidade de gênero nas escolas estão acumulando derrotas no Supremo Tribunal Federal. Enquanto os grupos conservadores vêm essa

discussão como uma suposta ameaça a família tradicional brasileira, educadores acreditam que ela pode colaborar no combate a gravidez na adolescência, violência contra a mulher, machismo e homofobia. Se essa abordagem for vetada, professores ficariam sem amparo para atuar com essas questões. Atualmente é o modelo de escola cívico-militar, patrocinado pelo MEC, a fronteira do movimento que busca uma escola guiada pela disciplina e sem debates contemporâneos (SALDAÑA, 2020).

O aumento desses ataques promovidos por grupos conservadores parece estar atrelado ao crescimento que também podemos notar nas representações midiáticas de pessoas LGBTQIA+. Estamos vendo a comunidade cada vez mais ser visibilizada no cinema, na televisão, na música e na política. A partir disso, acredito que seja muito importante dar mais visibilidade para essas múltiplas histórias LGBTQIA+, representações que podem inspirar muitas pessoas e fazer com que se sintam pertencentes ao mundo, que podem combater o preconceito, sendo resistência aos ataques dos grupos conservadores. Somente em 2020 tivemos o assassinato de 175 pessoas trans, sendo todas travestis e mulheres transexuais (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021). A visibilidade midiática de pessoas LGBTQIA+ ajuda na luta contra esse tipo de violência, pois apresenta ao grande público a narrativa das minorias, geralmente invisibilizada.

Dentro da música brasileira estão despontando cada vez mais artistas que são parte da sigla e que carregam consigo a luta da comunidade. Foi a partir desses novos artistas que estão surgindo que resolvi construir esta pesquisa, pois a música, entre outras expressões culturais, tem a capacidade de mostrar a diversidade que a comunidade LGBTQIA+ é composta e que não devemos ser unificados por apenas alguns marcadores. A partir disso desenvolvi dois eixos de pesquisa, um para analisar as representações de artistas LGBTQIA+ e outro para entender como o público LGBTQIA+ apropria-se dessas representações. Assim foi possível perceber o impacto, ainda que de modo exploratório, de diferentes corpos, histórias e experiências na identificação de pessoas da comunidade, notando como alguns podem se sentir completamente representados com alguns discursos, enquanto outros podem sentir certo distanciamento.

Em termos gerais, a pesquisa se situa no cruzamento entre a perspectiva dos Estudos Culturais com os estudos transviados e alguns de seus conceitos, que buscam a desestabilização das identidades de gênero e sexuais.

No primeiro eixo da pesquisa, como mencionado acima, foram selecionadas artistas LGBTQIA+ que surgiram nas últimas décadas e se destacaram na mídia pelas suas produções.

Foi definido que seria utilizado o método de estudo cultural contextualista proposto por Douglas Kellner (2001) para analisar a carreira artística de Linn da Quebrada, Liniker e Pablló Vittar. Ao final, foram analisados mais aprofundadamente o videoclipe de mais sucesso de cada uma, sendo eles *Oração*, de Linn da Quebrada, *Sem nome, mas com endereço*, de Liniker e *K.O.*, de Pablló Vittar.

No segundo eixo, foram contatadas para a entrevista apenas pessoas trans, visando trazer mais visibilidade para essas vozes em estudos acadêmicos. O roteiro contemplou perguntas gerais, acerca de suas experiências como LGBTQIA+, e perguntas voltadas às suas percepções sobre as artistas e como se apropriam dos videoclipes selecionados, que foram exibidos ao longo da conversa.

Ao analisar a carreira de cada artista pudemos perceber a ascensão que elas tiveram nos últimos anos, muito apoiada pela democratização das redes sociais que permitem que vozes, que antes não tinham uma plataforma para se lançar, consigam alcançar um público cada vez maior e mais engajado. É certo que grande parte do público que essas artistas atingem é LGBTQIA+, mas o trabalho delas já está ultrapassando esse nicho. Participam de programas de televisão, são premiadas em festival de cinema internacional, fazem parcerias com grandes artistas da música brasileira e internacional, realizam turnês de sucesso dentro e fora do Brasil, enfim, estão cada vez mais recebendo visibilidade e conquistando espaços onde antes era difícil encontrar pessoas LGBTQIA+.

Dentre elas, a que mais se destaca é Pablló Vittar, uma artista que conseguiu conquistar todo o Brasil com suas músicas que possuem um ritmo abrasileirado e apelam mais para o que é popular, mais fácil de “vender”. Linn da Quebrada tem um sentido muito militante em suas produções, procurando abordar causas sociais voltadas à comunidade LGBTQIA+. Já Liniker fala de questões sociais de maneira mais implícita, com músicas que falam mais de sentimentos como o amor, afeto, mágoa e angústia. Talvez seja por essa questão que Pablló Vittar alcance mais visibilidade na mídia do que Linn e Liniker, por trazer em suas músicas letras que abordem assuntos universais de forma leve e divertida com um ritmo dançante típico brasileiro. Temos que levar em consideração também que Pablló é um homem branco cis gay que recebe mais privilégios sociais que duas travestis pretas.

Partindo para as considerações sobre o *campo discursivo*, ou seja, as representatividades nos videoclipes selecionados de cada artista pudemos identificar três tipos diferentes de representação. Linn da Quebrada é conhecida pelo caráter de militância em suas músicas e com *Oração* não é diferente; a canção fala sobre a exaltação de corpos trans/travestis, tratando-as como dádivas e criando uma religião própria de um Deus formado

por muitos “eus”. O que Linn busca com o seu trabalho é impactar de alguma forma a sociedade trazendo uma mensagem de resistência dos corpos LGBTQIA+, principalmente as mulheres trans/travestis. A importância de suas representações está justamente nisso, apresentar o olhar de uma travesti sob o mundo e apontar as injustiças e desigualdades.

Por outro lado, Liniker aborda questões de sua vivência como mulher travesti preta nas suas músicas de forma mais poética, falando de sentimentos que todos compartilham, mas sob essa ótica mais pessoalizada. Em *Sem nome, mas com endereço* aborda um relacionamento amoroso que poderia muito bem ser generalizado, mas através do olhar de Liniker percebemos algumas questões que são próprias da vivência de uma travesti preta, como sentir-se excluída da sociedade e as inseguranças que carrega consigo. Isso é dar visibilidade para o âmbito dos sentimentos das mulheres travestis que normalmente são desumanizadas pela sociedade.

Ao contrário de Linn e Liniker, Pablllo apresenta sua representatividade de outra forma. Suas músicas podem não falar de questões sociais e são feitas para vender mais comercialmente, mas a *drag* impacta pela sua imagem ambígua que questiona os limites entre os gêneros. Ao mesmo tempo em que se considera um homem cis, apresenta uma figura totalmente feminilizada que conquistou sucesso fora do nicho LGBTQIA+, ou seja, se conectou com a sociedade heteronormativa, causando estranhamento e provocando mudanças no modo de pensar do público, dessa forma trazendo questões sociais sobre gênero e sexualidade. Em *K.O.*, ela apresenta isso, a feminilização, através da arte drag, de um corpo cis masculino que entra em contato sexual com um corpo cis masculino dentro dos padrões estéticos de masculinidade, gerando confusão mental para os conservadores.

Observando a *ação figural* do objeto e suas apropriações pelo público selecionado, pessoas trans moradoras de Santa Maria, foram analisadas, primeiro nas entrevistas, a experiência pessoal de cada uma como LGBTQIA+ e seus pontos de vista sobre questões políticas e sociais envolvendo a comunidade. Todas dividiram sentimentos de muita dor por serem LGBTQIA+ e que é uma trajetória de muita luta, podendo ser cercada de afeto por pessoas pertencentes ao grupo que geram uma nova família, embora a união entre a comunidade seja questionada, onde existe certa padronização dos corpos que afeta diretamente a população trans. Em relação à conquista de direitos, as entrevistadas acreditam que houve avanços, mas que ainda há muito a ser conquistado, principalmente políticas públicas para as pessoas trans que sofrem constantes boicotes pela bancada conservadora.

Após essa primeira etapa de perguntas foram lançadas questões sobre as artistas e os vídeos selecionados, visando entender como se apropriam das representações colocadas nos produtos midiáticos. Em sua maior parte, as impressões das interlocutoras sob as artistas combinaram com o que já tinha sido identificado no capítulo de análise de cada uma. Para elas, Linn é uma artista muito política que expressa em suas músicas as vivências da comunidade LGBTQIA+, principalmente as mulheres trans/travestis, e talvez por isso não seja um grande sucesso comercial como Pablo Vittar. Vittar foi reconhecida pelas entrevistadas por gerar um debate sobre os padrões de gênero e sexo, por dar espaço para que novas vozes da comunidade surjam e reconhecer o seu papel de importância ao se engajar em debates políticos e sociais, mesmo que suas músicas não tratem desses temas. Liniker foi reconhecida como uma artista muito talentosa que é capaz de representar positivamente as mulheres trans/travestis pretas e compartilhar suas histórias para um grande público.

As apropriações dos vídeos, no entanto, apresentaram perspectivas diferentes. Em *Oração*, de Linn da Quebrada, as entrevistadas entenderam as representações como uma forma de dar visibilidade para as questões sociais de mulheres trans/travestis pretas que normalmente são invisibilizadas na mídia e na sociedade. Então, Linn busca trazer essas vozes para um novo patamar de importância e criar oportunidades para que possam escolher os seus próprios destinos. Duas entrevistadas mulheres trans levantaram o debate sobre a música tratar também do amor que é negado às mulheres trans, um amor que é silenciado devido ao preconceito que coloca a mulher trans/travesti em um nível abaixo que qualquer outra pessoa cis. Interlocutoras com fortes referências religiosas destacaram esse aspecto que está também marcado no produto midiático. Contudo, uma das entrevistadas critica essa postura por misturar militância com religiosidade. Outro ponto de crítica feito foi pelo fato de o vídeo assumir uma abordagem superficial nos temas que aborda e tratar de assuntos mais subjetivos enquanto poderia levantar temáticas mais relevantes para a comunidade LGBTQIA+.

No vídeo de *Sem nome, mas com endereço* de Liniker, as interlocutoras salientaram a importância de ser representado o carinho, o afeto e o toque entre as pessoas da comunidade, principalmente as pessoas trans que normalmente são representadas na mídia somente quando sofreram algum tipo de violência ou em suas mortes. Uma das entrevistadas, mulher trans e preta, relatou que, em suas relações amorosas, se sente negligenciada e reduzida somente à sua performance no sexo, o que a faz se sentir diminuída e incapaz de demonstrar seu amor por completo. Isso mostra um recorte influenciado diretamente pelo gênero e pela raça, o qual Liniker busca representar na sua canção e vídeo. Liniker

provoca essa relação com o seu público, um sentimento de representatividade para mulheres trans pretas periféricas assim como ela. Também trata de assuntos que geram identificação com toda a comunidade LGBTQIA+, como a exclusão social e a falta de aceitação, a dificuldade de mostrar afeto em público, chegando à própria construção da identidade trans, tópico levantado por um homem trans em relação ao que foi assistido no videoclipe. Somente foi criticada por abordar os temas de forma muito poética, gerando certa dificuldade para entender as questões que está abordando.

Ao analisarem o videoclipe de *K.O.*, de Pablo Vittar, as entrevistadas não conseguiram se identificar com as representações ali veiculadas, tendo como principal motivo a Pablo não ser uma artista trans e o fato de não apresentar questões da militância LGBTQIA+ na música. As entrevistadas concordaram que seu objetivo é comercial e atingir um público maior. Porém ressaltam a importância da sua figura na cena musical brasileira contemporânea, por ser uma das pioneiras nesse movimento de novos artistas LGBTQIA+ surgindo e por ser disruptiva com a sua imagem. Um corpo estranho para a sociedade cisheteronormativa, a qual ela consegue alcançar através do seu sucesso, questionando os limites impostos para gênero e sexualidade. Algumas entrevistadas ainda realçaram a temática da música por colocar uma pessoa LGBTQIA+ em situações onde normalmente não seria representada, falando de relacionamento e demonstrando afeto. No vídeo esses aspectos são representados através de uma dança sensual e pegadas mais intensas, mas foi refutada a visão que a letra tem de um amor que priva a pessoa de momentos de festa e diversão.

No geral, podemos perceber que as entrevistadas acreditam no impacto que as artistas LGBTQIA+ podem gerar na sociedade, mesmo que não sejam capazes de representar a comunidade em sua totalidade. Em relação à representatividade, acreditamos que, aos poucos, sendo impulsionados por pessoas como Linn, Liniker e Pablo, vão surgindo novos artistas LGBTQIA+ que representem outras partes da sigla, mas mesmo assim vai ser difícil abranger tanta diversidade. Enquanto recorte, as artistas aqui apresentadas conseguem levar a voz da comunidade e dar visibilidade para suas pautas. São artistas que agradam diferentes tipos de público, mas, mesmo assim, unidas pela mesma causa. Já estão impactando de diferentes formas a cultura nacional, ocupando lugares nunca antes alcançados por outra LGBTQIA+ no Brasil, trazendo representatividade e visibilidade para essa população que há tempos merecia ser escutada. Cada uma, à sua maneira, levanta debates que batem de frente contra os grupos conservadores, mostrando-se como uma oposição que busca desconstruir os padrões heteronormativos. Dessa forma agregam as pessoas da comunidade LGBTQIA+, no caso da

pesquisa as pessoas trans, em torno de questões sociais comum entre todas, como a luta contra a discriminação e prática da aceitação social. Esses temas foram identificados pelas entrevistadas nas narrativas dos videoclipes das três artistas, ou seja, elas transformam as suas influências em combustível para enfrentar os limites impostos para pessoas da sigla. Tornam-se grandes inspirações para a comunidade por serem pessoas públicas comprometidas com as causas sociais, dando suas vozes para representar o movimento.

Mesmo com as adversidades devido a pandemia da Covid-19, as entrevistas proporcionaram uma nova visão para a pesquisa e ampliaram o meu olhar como pesquisador. Entrando em contato com as entrevistadas pude compreender suas percepções sobre suas realidades e entendi como essa perspectiva tornou-se fundamental em relação ao resultado final. Enquanto realizava a parte de análise das artistas fiquei muito preso às minhas concepções sobre a realidade da comunidade LGBTQIA+ e como as artistas estavam fazendo movimentações ideológicas através das suas representações. A partir da primeira entrevista já pude perceber como algumas das ideias que eu tinha concordavam com as da entrevistada e outras não. Ao decorrer das entrevistas fui percebendo que o que realmente apresentava-se como um diferencial era o fato de eu estar escutando uma nova versão sob os fatos a partir de um lugar que não é familiar para mim. No fim o que se tornou mais importante dessa experiência foi dar espaço para que pessoas trans compartilhem suas vivências e possam opinar sobre um assunto popular atualmente que as atingem diretamente.

Algumas limitações da pesquisa se apresentam como horizontes a serem pesquisados em futuras investidas dentro desta temática. Por exemplo, não são tratadas questões de classe social na análise das artistas e na abordagem das entrevistas. Estamos tratando de três cantoras que vieram da periferia e carregam essa vivência em suas produções, característica que poderia ser cruzada com as experiências das entrevistadas, gerando um diagnóstico mais bem formado de todo o entorno social que envolve a criação e a recepção dos produtos midiáticos. Outra questão que poderia ser abordada em novas pesquisas é a baixa quantidade de interlocutoras fora do ambiente universitário. Devido à utilização da técnica de “bola de neve” para conseguir contatos, foram poucas as entrevistadas que não estavam em algum curso de graduação ou pós-graduação. Tratando-se de um grupo de pessoas trans, sabemos que essa não é uma realidade para a maioria dessa população que, por conta do preconceito e discriminação, não recebe oportunidades pela sociedade, tendo que recorrer à prostituição como maneira de subsistência. Esse recorte de pessoas poderia ser investigado em uma nova pesquisa na mesma temática para trazer um novo olhar sobre as representações midiáticas de LGBTQIA+ e seu impacto social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELI, Ramon de. **Cantora do Amor & Sexo, Pablo Vittar também é estudante de Design de Interiores.** Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/educacao/vida-de-calouros/cantora-do-amor-sexo-pablo-vittar-tambem-estudante-de-design-de-interiores-20980817.html>> Acesso em 23 de junho de 2021.

ANTUNES, Pedro. **Liniker e os Caramelows anunciam separação: Entrevista Rolling Stone.** Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/liniker-e-os-caramelows-anunciam-separacao-a-entrevista-rolling-stone/>> Acesso em: 25 maio 2021.

ARAÚJO, Joana. **Caso Crivella X Bienal do Livro: censura ou proteção ao menor.** Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/caso-crivella-x-bienal-do-livro-censura-ou-protecao-ao-menor/>> Acesso em: 15 outubro 2019.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo.** Petrópolis: Vozes, 2007. p. 118-133.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, S. N. B. (Orgs). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019.** São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020. 80 p.

_____. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020.** São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

BENTO, Berenice. Apresentação. Prefácio. In: COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer.** Salvador: EDUFBA, 2015.

_____. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos.** Salvador: EDUFBA, 2017.

BIANCHINI, Aline Feijó. **Família sem fronteiras: um estudo dos usos e apropriações de tecnologias de informação e comunicação por famílias com membros que vivem apartados.** 2018. 230 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

BIXA TRAVESTY. Direção: Claudia Priscilla e Kiko Goifman. Produção de Evelyn Mab. Brasil, 2019.

BRESSIANI, Morgana. **“2017 foi meu, sim!”, diz Pablo Vittar, capa da revista J.P de dezembro. Alguém tem dúvida?** Disponível em: <<https://glamurama.uol.com.br/2017-foi-meu-sim-diz-pablo-vittar-capa-da-revista-j-p-de-dezembr-alguem-tem-duvida/>> Acesso em 28 de julho de 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Felipe. **Netflix cancela Super Drags após manifestações de repúdio.** Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/fora-de-serie/netflix-cancela-super-drags-apos-manifestacoes-de-repudio-155285/>> Acesso em 06 de agosto de 2021.

CAROLINE, Odhara. **Vem ver o trailer de “Corpo Elétrico”, filme nacional com Linn da Quebrada.** Disponível em: <<https://www.papelpop.com/2017/06/vem-ver-o-trailer-de-corpo-eletrico-filme-nacional-com-linn-da-quebrada/>>. Acesso em: 12 ago. 2021

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.) **Pensamento feminista brasileiro – Formação e contexto.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 271-289.

CASSETTI, Francesco; CHIO, Federico Di. *Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y prácticas de investigación.* Barcelona: Paidós, 1999.

COLLING, Leandro. **Personagens homossexuais nas telenovelas da rede globo: criminosos, afetados e heterossexualizados.** Revista Gênero, Niterói, v. 8, n. 1, p. 207-222, jul./dez. 2007.

_____. **Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer.** Salvador: EDUFBA, 2015.

CORREIO DO POVO. **Liniker vai estrear 1ª série de ficção brasileira original da Amazon Prime Video.** Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/artegenda/liniker-vai-estrear-1%C2%AA-s%C3%A9rie-de-fic%C3%A7%C3%A3o-brasileira-original-da-amazon-prime-video-1.525223>> Acesso: 27 mai. 2021

COSTA, Jurandir Freire. A invenção do amor. [Entrevista concedida a] Cássio Starling Carlos e Alcino Leite Neto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 nov. 1998. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs15119805.htm>>. Acesso em 22 out. 2021.

COVRE, Giulia. **“Sua Cara” é o 7º clipe mais visto no mundo nas primeiras 24h.** Disponível em: <<https://www.papelpop.com/2017/07/sua-cara-e-o-7o-clipe-mais-visto-do-You-Tube-nas-primeiras-24h/>> Acesso em 28 de julho de 2021.

DANTAS, Felipe. **SOCORRO! Fergie chama Pablo Vittar para cantar “Glamorous” e “Sua Cara” no Rock in Rio!** Disponível em: <<https://www.papelpop.com/2017/09/socorro-fergie-chama-pablo-vittar-para-cantar-glamorous-e-sua-cara-no-rock-in-rio/>> Acesso em 28 de julho de 2021.

DUTRA, Marília. **Bem na sua cara! Pablo Vittar se torna a primeira drag queen indicada ao Grammy.** Disponível em: <<https://www.portalitpop.com/2018/09/pablo-vittar-grammy-latino.html>> Acesso em 03 de agosto de 2021.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Estudos culturais e feminismo ou estudos culturais feministas?** Trabalho apresentado no GT Cultura da Mídia, Compós, 2018. Disponível em: <<https://www.compos.org.br/anais.php>> Acesso: 15 abr. 2020.

EXITOÍNA. **Edital para séries LGBT da Ancine é suspenso após críticas de Bolsonaro.** Disponível em: <<https://exitoina.uol.com.br/noticias/tv-e-series/edital-para-series-lgbt-da-ancine-e-suspenso-apos-criticas-de-bolsonaro.phtml>> Acesso em: 15 outubro 2019.

FAIA, Amanda. **Pablo Vittar estreia “Flash Pose” no Top 5 do Spotify Brasil e estreia música com Charli XCX em ranking mundial.** Disponível em: <<https://portalpopline.com.br/pablo-vittar-estrela-flash-pose-no-top-5-do-spotify-brasil-e-estrela-musica-com-charli-xcx-em-ranking-mundial/>>. Acesso em: 13 ago. 2021.

FERREIRA, Matheus. **Coca-Cola lança latinhas com rosto de Anitta, Pablo Vittar e outros cantores brasileiros.** Disponível em: <<https://gkpb.com.br/23916/latinhas-coca-cola-anitta-pablo-vittar/>> Acesso em 29 de julho de 2021.

FERREIRA, Mauro. **Pablo Vittar se sente como uma 'deusa' tecnológica na capa do segundo álbum, 'Não para não'.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2018/09/26/pablo-vittar-se-sente-como-uma-deusa-tecnologica-na-capa-do-segundo-album-nao-para-nao.ghtml>> Acesso em 03 de agosto de 2021.

FINCO, Nina. **Filósofa Judith Butler é agredida em Congonhas antes de deixar São Paulo.** Disponível em: <<https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/11/filosofa-judith-butler-e-agredida-em-congonhas-antes-de-deixar-sao-paulo.html>> Acesso em: 15 outubro 2019.

_____. **Pablo Vittar: tem drag no samba.** Disponível em: <<https://epoca.oglobo.globo.com/sociedade/noticia/2017/02/pablo-vittar-tem-drag-no-samba.html>> Acesso em 18 de junho de 2021.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber.** 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

G1. **Pablo Vittar tem música 'Todo dia' retirada do You Tube após Rico Dalasam reclamar de contrato.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/musica/noticia/pablo-vittar-tem-musica-todo-dia-retirada-do-You-Tube-apos-rico-dalasang-reclamar-de-contrato.ghtml>> Acesso em 23 de junho de 2021.

G1 RS. **Mostra Queermuseu é desmontada em Porto Alegre e deve sofrer uma pausa até ser reaberta.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/mostra-queermuseu-e-desmontada-em-porto-alegre-e-deve-sofrer-uma-pausa-ate-ser-reaberta.ghtml>> Acesso em: 15 outubro 2019.

GERMANO, Felipe. **Brasil é o país que mais procura por transexuais no RedTube – e o que mais comete crimes transfóbicos nas ruas.** Disponível em:<<https://super.abril.com.br/comportamento/brasil-e-o-pais-que-mais-procura-por-transexuais-no-redtube-e-o-que-mais-comete-crimes-transfobicos-nas-ruas/>> Acesso em: 17 jul. 2020.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GSHOW. **Pablo Vittar arrasa em 'A Força do Querer' e revela segredo do sucesso: 'Pés no chão'**. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/novelas/a-forca-do-querer/noticia/pablo-vittar-arrasa-em-a-forca-do-querer-e-revela-segredo-do-sucesso-pes-no-chao.ghtml>> Acesso em 28 de julho de 2021.

_____. **Pablo Vittar revela que adoraria atuar em uma novela**. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/novelas/o-outro-lado-do-paraiso/noticia/pablo-vittar-revela-que-adoraria-atuar-em-uma-novela.ghtml>> Acesso em 02 de agosto de 2021.

HALBERSTAM, Jack. **In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives**. New York: New York University Press, 2005.

HERMANSON, Marcos. **Relatório registra 420 vítimas fatais de discriminação contra LGBTs no Brasil em 2018**. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/02/08/relatorio-registra-420-vitimas-fatais-de-discriminacao-contralgbts-no-brasil-em-2018/>> Acesso em: 28 de outubro de 2019.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LAGO MARTÍNEZ, Silvia. **Movimientos sociales y acción colectiva en la sociedad red. Chasqui**. Revista Latinoamericana de Comunicación. n.128, abr/jul 2015.

LINIKER. **Baby95**. 9 jun. 2021. (6min42s). Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=CZwZX-QdJ0E&t=310s>>. Acesso em 20 out. 2021.

LINIKER. **Psii**. 31 out. 2020. (6min47s). Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=enjoQknrET0>>. Acesso em 4 mai. 2021.

LINIKER E OS CAMELOWS. **Calmô**. 18 dez. 2018. (6min15s). Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=0JiMPNBklSM>>. Acesso em 22 abr. 2021

LINIKER E OS CAMELOWS. **De Ontem**. 12 fev. 2020. (4min19s). Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=Y_skfMVIkLA>. Acesso em 30 abr. 2021.

LINIKER E OS CAMELOWS. **Intimidade**. 19 jun. 2019. (3min43s). Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=V6IV5NTvVv0>>. Acesso em 29 abr. 2021.

LINIKER E OS CAMELOWS. **Sem nome, mas com endereço**. 17 ago. 2017. (5min08s). Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=3ivpWVi79tc>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

LINIKER E OS CAMELOWS. **Tua**. 16 set. 2016. (5min51s). Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=eOcSbnZ3WU4>>. Acesso em 20 abr. 2021.

LINIKER E OS CAMELOWS. **Zero**. 23 out. 2015. (6min32s). Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=M4s3yTJCcmI>>. Acesso em 19 abr. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. *Corpos que escapam*. **Labrys**, n. 4, ago./dez. 2003.

MALTA, Roberta. **Liniker: “Ser uma mulher com um pau é revolucionário”**. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2019/03/liniker-ser-uma-mulher-com-um-pau-e-revolucionario.html>> Acesso em: 21 mai. 2021

MANHÃES, Eduardo. **Pablo Vittar lança seu segundo álbum e garante que haters não tiram seu sono**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/pablo-vittar-lanca-seu-segundo-album-garante-que-haters-nao-tiram-seu-sono-23125472>> Acesso em 03 de agosto de 2021.

MARTINELLI, Andréa. **Número de pessoas trans assassinadas no Brasil cai 24% em 2019, mas país ainda é o que mais mata**. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/entry/mortes-pessoas-trans-2019_br_5e309f6cc5b6e8375f6436a1> Acesso em: 17 jul. 2020.

MEDEIROS, Kavad. **“Tímida”: Confirma o desempenho no iTunes da parceria de Pablo Vittar e Thalía nas primeiras 12 horas**. Disponível em: <<https://portalpopline.com.br/timida-confirma-o-desempenho-no-itunes-da-parceria-de-pablo-vittar-e-thalia-nas-primeiras-12-horas/>>. Acesso em: 13 ago. 2021

MENDES, Silvano. **Após estreia de documentário, Linn da Quebrada faz turnê pela Europa**. Disponível em: <<https://www.rfi.fr/br/cultura/20180221-apos-estreia-de-documentario-linn-da-quebrada-faz-turne-pela-europa-0>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

MENEGAT, Francisco; MAZER, Dulce. *“I’m not hiding in the shadows anymore”*: o queer e a performance musical na representação midiática de Mykki Banco. *Cuestiones de género: de la igualdad y la diferencia*, n. 11, p. 559-576, 2016.

MERLO, Paula. **Pablo Vittar: "Agradeço todas as noites pelo que tenho e pelo que faltou, porque me fez correr atrás"**. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2020/10/pablo-vittar-agradeco-todas-noites-pelo-que-tenho-e-pelo-que-faltou-porque-me-fez-correr-atras.html>> Acesso em 14 de junho de 21.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a questão das diferenças. In: CONGRESSO DE LEITURA NO BRASIL, (COLE) 16, 2007, Campinas. **Anais...** Campinas: ALB Associação de Leitura do Brasil, v.1. p.1-19. 2007.

_____. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

_____. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 53, jun. 2018.

MORAES, Camila. **Liniker: “Sou negro, pobre e gay e tenho potência também”**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/12/cultura/1447331706_038108.html> Acesso em: 21 mai. 2021

NASCIMENTO, Fernanda. **Bicha (nem tão) má**: representações da homossexualidade na telenovela *Amor à Vida*. 2015. 225 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) –

Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

NASCIMENTO, Fernanda; GUSTAFSON, Jessica; PEDRO, Joana Maria. “Só eu sei quantas lágrimas derramei”: uma análise da recepção de pessoas trans sobre a série *Quem sou Eu?*. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 15, n. 2, jul./dez. 2018.

NUNES, Caian. **Spotify oficializa recorde de Pablo Vittar com o novo álbum “Não Para Não”**. Disponível em: <<https://portalpopline.com.br/spotify-oficializa-recorde-de-pablo-vittar-com-o-novo-album-nao-para-nao/>> Acesso em 03 de agosto de 2021.

O ESTADO DE S. PAULO. **Drag Queen Pablo Vittar estrela campanha da Avon**. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,drag-queen-pablo-vittar-estrela-campanha-da-avon,10000028115>> Acesso em 28 de julho de 2021.

OLIVEIRA, Joana. **Pablo Vittar: “Cresci ouvindo forró e tecnobrega e é graças a isso que faço a música pop de 2021”**. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/cultura/2021-06-24/pablo-vittar-cresci-ouvindo-forro-e-tecnobrega-e-e-gracas-a-isso-que-faco-a-musica-pop-de-2021.html?mid=DM68511&bid=618448915>>. Acesso em 16 ago. 2021.

OLIVEIRA, José Aparecido de. **A construção discursiva e a recepção da homoafetividade na teledramaturgia brasileira: consumo, representação e identidade homossexual**. 2014. 195 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

OLIVEIRA, Luccas. **'A música tem uma mensagem forte para nossa comunidade', diz Pablo Vittar sobre 'Indestrutível', que virou um dos hinos do 'BBB 21'**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/musica/a-musica-tem-uma-mensagem-forte-para-nossa-comunidade-diz-pablo-vittar-sobre-indestrutivel-que-virou-um-dos-hinos-do-bbb-21-24984161>> Acesso em 30 de julho de 2021.

OLIVEIRA, Muka. **Fãs de Pablo Vittar derrubam censura no You Tube contra novo clipe da artista**. Disponível em :< [https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/fas-de-pablo-vittar-derrubam-censura-no-You Tube-contrano-novo-clipe-da-artista](https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/fas-de-pablo-vittar-derrubam-censura-no-You-Tube-contrano-novo-clipe-da-artista)>. Acesso em 14 ago. 2021.

OUTLANDER, Daniel. **‘Prazer, Pablo Vittar’: cantora estreia como apresentadora de TV**. Disponível em: <<https://popnow.com.br/prazer-pablo-vittar-cantora-estrela-como-apresentadora-de-tv/>> Acesso em 30 de julho de 2021.

PEREIRA, Dieson Marconi. **Documentário queer no sul do Brasil (2000 a 2014): narrativas contrassexuais e contradisciplinares nas representações das personagens LGBT**. 2015. 231 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Departamento de Ciências da Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 19, p. 11-20, jan./abr. 2011.

QUEBRADA, Linn da. **Bixa Preta**. 23 fev. 2017. (3min31s). Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=VyrQPjG0bbY>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

QUEBRADA, Linn da. **BlasFêmea**. 14 abr. 2017. (10min18s). Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=-50hUUG1Ppo>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

QUEBRADA, Linn da. **Enviadescer**. 25 de mai de 2016. (2min54s). Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=saZywh0FuEY>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

QUEBRADA, Linn da. **Oração**. 2 nov. 2019. (5min59s). Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

QUERINO, Rangel. **Bola da vez, Pablo Vittar se torna a preferida das marcas**. Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2017/09/bola-da-vez-pablo-vittar-se-torna-a-preferida-das-marcas>> Acesso em 28 de julho de 2021.

_____. **Pablo Vittar beija DJ americano em novo clipe; assista “Então Vai”**. Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/pablo-vittar-beija-dj-americano-em-novo-clipe-assista-entao-vai>> Acesso em 29 de julho de 2021.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.) **Pensamento feminista brasileiro – Formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 371-387.

REDAÇÃO QUEM. **Linn da Quebrada após colocar silicone: "Chorei por me sentir livre"**. Disponível em: <<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2021/02/linn-da-quebrada-apos-colocar-silicone-chorei-por-me-sentir-livre.html>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, Rio Grande do Norte, v. 4, n. 5, p. 17-44, jan./jun. 2010.

ROCHA, Leonardo. **Pablo Vittar tem a melhor estreia da carreira com “Batidão Tropical”**. Disponível em: <<https://portalpopline.com.br/pablo-vittar-tem-a-melhor-estrela-da-carreira-com-batidao-tropical/>>. Acesso em: 16 de ago. de 2021.

ROCHA, Rose de Melo; NEVES, Thiago Tavares das. “Deixa eu bagunçar você”: Liniker e atravessamentos do trans. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 41., 2018, Joinville. **Anais [...]**. Joinville: 2018.

ROCHA, Rose de Melo; POSTINGUEL, Danilo. K.O.: O nocaute remix da drag Pablo Vittar. **E-Compós**, [S. l.], v. 20, n. 3, 2017. DOI: 10.30962/ec.1416. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1416>. Acesso em: 10 jul. 2021.

ROCHA, Rose de Melo; REZENDE, Aline. DIVA DA SARJETA: ideologia enviadescida e blasfêmea pop-profana nas políticas de audiovisualidade da travesti paulistana Linn da Quebrada. **Contracampo**, Niterói, v. 38, n.1, p. 22-34, abr./jun. 2019.

RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.25, n. 01, p. 365-373, jan.-abr., 2017.

SALDAÑA, Paulo. **Pauta ideológica de Bolsonaro, 'ideologia de gênero' sofre derrotas em série no STF**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/07/pauta-ideologica-de-bolsonaro-ideologia-de-genero-sofre-derrotas-em-serie-no-stf.shtml>>. Acesso em 22 out. 2021

SILVA, Leonardo da. *A loser like me: Identity and agency in Ryan Murphy's GLEE*. 2014. 66 f. Dissertação (Mestrado em Inglês) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SILVA, Lourdes Ana Pereira; JOHN, Valquíria Michela. Identidades de gênero nos estudos de recepção de telenovela: um olhar sobre a produção stricto sensu da última década. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, mai./ago. 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SOARES, Murilo César. Representações e comunicação: uma relação em crise. **Líbero**, São Paulo, n. 20, p. 47-56, dez. 2017.

SOVIK, L. A Branquitude e o Estudo da Mídia Brasileira: algumas anotações a partir de Guerreiro Ramos. In: **Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador/BA: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCO**, 1 a 5 set. 2002.

TEDDY AWARD. *Interview with Linn da Quebrada on the film "BIXA TRAVESTY"*. 20 fev. 2018. (18min52s). Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=j_Kd2yuffM&t=283s>. Acesso em: 14 jul. 2020.

TOMAZETTI, Tainan Pauli. **Genealogias dissidentes: os estudos de gênero nas teses e dissertações em Comunicação do Brasil (1972-2015)**. 2019. 201 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

TONON, Joseana B. Recepção de telenovelas: identidade e representação da homossexualidade. Um estudo de caso da novela “Mulheres Apaixonadas”. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 30-41, jan./jun. 2006.

TORRES, Leonardo. **“Problema Seu”: veja a repercussão do lançamento do single de Pablo Vittar**. Disponível em: <<https://portalpopline.com.br/problema-seu-veja-repercussao-do-lancamento-do-single-de-pablo-vittar/>> Acesso em 02 de agosto de 2021.

VITTAR, Pablo. **K.O.** 19 abr. 2017. (2min47s). Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=3L5D8by1AtI>> Acesso em: 25 jul. 2021

_____. **Open Bar**. 8 out. 2015. (3min05s). Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=1YuepseCRGY>> Acesso em: 15 jul. 2021.

WITTIG, Monique. **Não se nasce mulher.** Disponível em: <<http://casadadiferencams.blogspot.com.br/2012/05/nao-se-nasce-mulher-texto-de-monique.html>>. Acesso em: 13 mai. 2020.

_____. **O pensamento hétero.** Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/162603/Wittig,%20Monique%20O%20pensamento%20Hetero_pdf.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2020.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Apresentação prévia da pesquisa:

Olá, meu nome é Rodrigo Fagundes, sou mestrando em Comunicação Mediática na Universidade Federal de Santa Maria. Estou realizando uma pesquisa sobre a representação da comunidade LGBTQIA+ por artistas LGBTQIA+ brasileiros e estou fazendo entrevistas com pessoas trans para perceber as relações que essas representações possuem com as entrevistadas. Os artistas que fazem parte de minha análise são Linn da Quebrada, Liniker e Pablo Vittar. Foi selecionado o videoclipe de maior quantidade de visualizações de cada artista, irei apresentá-los um de cada vez para você e, após o final de cada um, realizaremos algumas perguntas sobre suas impressões. Ao final, retomaremos os três clipes para suas considerações finais.

Neste momento, você está sendo convidada para participar, como voluntária nesta pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações da mesma, no caso de aceitar fazer parte do estudo, declare seu consentimento. Posteriormente, enviarei documento para assinar, que deve ser copiado em duas vias. Uma delas será sua e a outra, deste pesquisador.

Perguntas demográficas e gerais:

- Nome:
- Gênero:
- Sexualidade:
- Raça:
- Idade:
- Profissão:
- Como define a sua experiência como LGBTQIA+?
- Como você enxerga a comunidade LGBTQIA+ em questão à união entre si e à aceitação social?
- Em relação a conquista de direitos para a comunidade LGBTQIA+, você considera que hoje existem avanços ou não?

- Você se identifica com o que é representado(a) midiaticamente? E como você considera as representações de LGBTQIA+?
- Quais são as suas maiores referências como LGBTQIA+?
- Você é interessado na cena musical LGBTQIA+ brasileira?
- Quais artistas musicais brasileiros você mais escuta atualmente?

Fim da primeira etapa da entrevista

Segunda etapa:

Apresentar o videoclipe *Oração* de Linn da Quebrada

- Você já conhecia Linn da Quebrada antes?
- Por qual meio você a conheceu?
- Dentro desse videoclipe, como você considera a representação feita da comunidade LGBTQIA+?
- Relacionando com as suas vivências, você se sentiu representado por esse clipe?
- Acredita que o clipe aborda temáticas importantes para causas sociais?
- Quais são as suas impressões sobre a Linn da Quebrada? Considerando-a como uma das vozes da música contemporânea brasileira.

Terceira etapa:

Apresentar o videoclipe *Sem nome, mas com endereço* de Liniker

- Você já conhecia Liniker antes?
- Por qual meio você a conheceu?
- Dentro desse videoclipe, como você considera a representação feita da comunidade LGBTQIA+?
- Relacionando com as suas vivências, você se sentiu representado por esse clipe?
- Acredita que o clipe aborda temáticas LGBTQIA+ importantes?
- Quais são as suas impressões sobre a Liniker? Considerando-a como uma das vozes da música contemporânea brasileira.

Quarta etapa:

Apresentar o videoclipe *K.O.* de Pablllo Vittar

- Você já conhecia Pablllo Vittar antes?
- Por qual meio você a conheceu?
- Dentro desse videoclipe, como você considera a representação feita da comunidade LGBTQIA+?
- Relacionando com as suas vivências, você se sentiu representado por esse clipe?
- Acredita que o clipe aborda temáticas LGBTQIA+ importantes?
- Quais são as suas impressões sobre a Pablllo Vittar? Considerando-a como uma das vozes da música contemporânea brasileira.

Quinta etapa:

Perguntas finais

- As representações feitas por esses artistas são respeitosas com a comunidade?
- Você acredita que esses artistas representam toda a comunidade LGBTQIA+?
- Você acredita que essas representações impactam a sociedade atualmente? Se sim, como?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar, como voluntária, em uma pesquisa. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador.

Título do projeto: “Identidades transviadas midiáticas em videocliques e suas apropriações por pessoas trans.”

Pesquisador: Rodrigo Quevedo Fagundes

Telefone para contato: (55) 9 9978-7955

Orientadora: Ana Carolina Escosteguy

O objetivo desta pesquisa é analisar a relação entre as representações de LGBTQIA+ presentes nos videocliques selecionados (*Oração*, de Linn da Quebrada, *Sem nome, mas com endereço*, de Liniker e K.O., de Pablo Vittar) e a apropriação por pessoas trans. A sua participação na pesquisa consiste em uma entrevista, a ser realizada através de videochamada e gravada por áudio, junto com a assistência dos videocliques selecionados acompanhado do pesquisador, ambas etapas serão realizadas pelo próprio pesquisador. Os procedimentos aplicados por esta pesquisa não oferecem risco a sua integridade moral, física, mental ou efeitos colaterais. As informações obtidas através da coleta de dados serão utilizadas para o desenvolvimento da dissertação do pesquisador e possíveis desdobramentos da mesma, como artigos e papers. Caso não queira mais fazer parte da pesquisa, favor entrar em contato pelo telefone acima citado.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa. Você poderá retirar o seu consentimento a qualquer momento.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____

RG _____

CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar do

estudo como sujeito. Fui devidamente informada e esclarecida pelo pesquisador sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, bem como os benefícios decorrentes da minha participação. Foi me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Local: _____ Data ____/____/____

Assinatura da entrevistada